



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

**LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: UMA PROPOSTA
DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O GÊNERO
REPORTAGEM**

Márcia Rodrigues de Araújo

Cajazeiras-PB, julho de 2015.

Márcia Rodrigues de Araújo

**LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: UMA PROPOSTA
DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O GÊNERO
REPORTAGEM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A6631 Araújo, Márcia Rodrigues de
Leitura escrita e letramento: uma proposta de sequência didática
com gênero reportagem. / Márcia Rodrigues de Araújo.- Cajazeiras:
UFCG, 2015.
132f. : il.
Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.
Monografia (Mestrado) –UFCG.

1. Leitura.2. Escrita.3. Letramento. 4. Ensino fundamental –
didática. I. Dias, Daise Lilian Fonseca.II.Título.

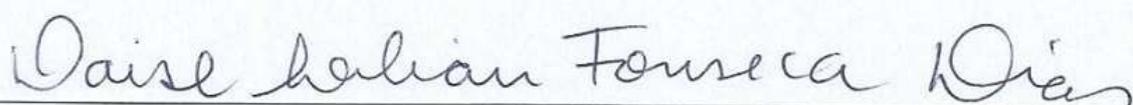
UFCG/CFP/BS

CDU –028(043)

Dissertação submetida à Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do
título de Mestre em Letras, pelo PROFLETRAS

BANCA EXAMINADORA

Cajazeiras, 23 de julho de 2015.



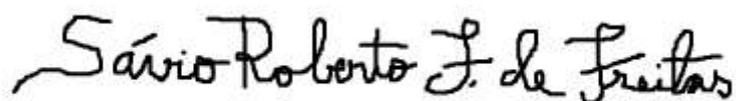
Prof.^a Dra. Daise Lillian Fonseca Dias (UFCG)

Orientadora



Prof.^a Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (UFCG)

Titular



Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFRPE)

Titular



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (UEPB)

Suplente

Aos professores do Mestrado Profissional em Letras, pelo acolhimento, dedicação e aprendizado.

Em especial, à Prof^ª. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias, pelo empenho, responsabilidade, atenção e competência em todos os momentos da orientação.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a sua infinita bondade em me conceder a luz nos momentos mais difíceis.

A todos os professores que contribuíram significativamente com o meu enriquecimento e amadurecimento acadêmico.

À minha querida Prof^a. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias, minha orientadora, que com sua sabedoria, paciência e principalmente muita Luz Divina me guiou ao sucesso. Para sempre minha gratidão!

A todos os funcionários da UFCG – campus Cajazeiras pela gentileza e solicitude.

Aos meus queridos colegas de curso, pelas horas de estudo, alegrias, partilha e união. Estaremos para sempre nas histórias uns dos outros!

Aos meus amigos Alessandro Alencar de Moura e Luciana Barreto de Araújo que contribuíram para que nossas viagens, trabalhos e estudos fossem mais leves e alegres. Apoio mútuo e uma grande amizade além do título!

Aos meus familiares: Fátima, Marcela, Lêda e Erivaldo, meu muito obrigada pelo apoio, palavras de incentivo e reconhecimento.

Aos meus queridos Erick, Arick e Agnes, pela compreensão das horas e dias longe de vocês!

A todos da escola Liceu Professor José Teles de Carvalho, pelas carinhosas palavras de incentivo e fé.

*E por isso eu obedeço-lhe,
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e
montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com Ele a toda hora.*

(Alberto Caetano)

RESUMO

O espaço escolar pode oferecer estímulos apropriados no que concerne ao gosto pela leitura, escrita e conseqüente letramento desde que sejam oportunizados momentos incentivadores e estimulantes. Para que situações de efetivo aprendizado aconteçam, professores precisam utilizar ferramentas de forma a proporcionar uma mudança na vida estudantil e pessoal de seus alunos. Sob essa perspectiva, entende-se que a qualidade das vivências e momentos oferecidos aos alunos dentro do âmbito escolar serão determinantes para um aprendizado real e significativo. Diante disso, este trabalho objetiva discutir questões relativas à importância da aquisição de uma leitura e escrita competentes, ao mesmo tempo em que promove reflexões acerca do trabalho do professor, discutindo o seu papel como um educador que instiga o aluno, desperta curiosidades e orienta-o de forma que o educando aprenda e saiba utilizar os conhecimentos adquiridos. Assim, este trabalho apresenta uma proposta de letramento para o 9º ano do Ensino Fundamental, através de uma sequência didática comentada e justificada teoricamente com o gênero reportagem. O corpus da sequência didática foi extraído da *Revista Mundo Estranho* e a reportagem escolhida, “Como era uma balada nos anos 60?” oferece instigante conhecimento cultural que encontra eco nos dias atuais, sendo por demais atraente para o público-alvo. Para tanto, contará com o suporte teórico de Leffa (1996), Antunes (2013), Almeida (2010), Vieira (2005), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013), PCN-LP (1997), Cosson (2007) e Oliveira (2013), dentre outros. Esta pesquisa oferece ao professor um material didático que pode enriquecer o fazer pedagógico através da prática, da análise e observação dos resultados de modo a oportunizar momentos contínuos de aprendizado no dia a dia escolar.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Letramento, Reportagem, Sequência Didática.

ABSTRACT

The school can offer appropriate stimulus concerning reading, writing and literacy since motivating moments are promoted in its daily routine. For situations of effective learning take place, teachers need to use the right tools to promote change in the students' school and personal life. From this perspective, it is understood that the quality of those moments are fundamental for a real and effective learning. So, this research aims at discussing issues related to the importance of reading and writing skills, and analyses some of the teacher's practices, discussing his role as a facilitator of learning, and it also reflects on the need for the teacher in motivating and guiding the students in order for them to learn and know how to use the acquired knowledge. , this research presents a didactic sequence through the genre "reportage", theoretically commented and justified. The didactic sequence corpus was taken from the magazine "RevistaMundoEstranho" [Strange World Magazine] and the reportage, "How was a typical 1960s party?" (our translation) offers inspiring cultural knowledge that can be linked to the students's today's life, being - the theme - very attractive to the target audience. For such task, the theoretical support will be taken from Leffa (1996), Antunes (2013), Almeida (2010), Vieira (2005), Dolz, Noverraz&Schneuwly (2013), PCN-LP (1997), Cosson (2007) e Oliveira (2013), among others. This research offers the teacher a didactic material that can enrich his professional practice through the idea of a praxis concerned with analysis and observation of results, aiming positive daily results.

KEY-WORDS: Reading, writing, literacy, reportage, didactic sequence.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 ESCRITA, LEITURA E LETRAMENTO | 16 |
| 1.1 Concepções de escrita, leitura e letramento..... | 16 |
| 1.2 Leitura, escrita e letramento na escola..... | 27 |
| 1.3 O letramento e os gêneros textuais na escola..... | 35 |
| 2 METODOLOGIA | 46 |
| 2.1 A pesquisa científica e sua utilização para uma proposta de sequência didática..... | 46 |
| 2.2 Proposta de atividades | 48 |
| 2.3 Considerações sobre a reportagem e materiais utilizados | 50 |
| 2.4 A organização da sequência didática | 53 |
| 3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA | 57 |
| 3.1 Características de uma sequência didática | 57 |
| 3.2 A reportagem: uma proposta de sequência didática | 65 |
| 3.3 Apresentação da situação | 68 |
| 3.4 Produção inicial | 72 |
| 3.5 Módulo 1 | 77 |
| 3.6 Módulo 2 | 82 |
| 3.7 Módulo 3 | 87 |
| 3.8 Produção Final | 91 |
| 3.9 Avaliação | 94 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 99 |
| REFERÊNCIAS | 103 |
| ANEXOS | 109 |
| 1 – Produção Inicial | 110 |
| 2 – Produção Inicial..... | 113 |
| 3 – Produção Inicial | 114 |
| 4 – Produção Inicial | 115 |
| 5 – Módulo I..... | 117 |
| 6 – Módulo I..... | 121 |
| 7 – Módulo II..... | 122 |
| 8 – Módulo II..... | 123 |
| 9 – Módulo III..... | 127 |

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta como objetivo geral estudos e reflexões sobre as concepções e teorias baseadas nas pesquisas de Antunes (2013), Bagno (2003), Bajard (2005), Dolz e Schneuwly (2004), Kleiman (2004), Koch (2008), Leffa (1996), entre outros, relacionadas à escrita, à leitura e ao letramento. Posteriormente, como objetivo específico será apresentada uma sequência didática como proposta de intervenção a ser analisada, adaptada ou utilizada em sala de aula. Pilares da educação, leitura, escrita e letramento são a base para que alunos e alunas consigam tornar-se cidadãos que participem efetivamente de uma sociedade letrada. Esses princípios fundamentais devem fazer parte do cotidiano escolar e nesse sentido professores e equipe escolar devem estar em sintonia e engajados nessa responsabilidade. Tendo em vista essas concepções, o trabalho terá como pontos de interesse e discussão aspectos como a importância da leitura, da escrita e do letramento, as características dos gêneros textuais e, mais especificamente, o gênero reportagem. Finalizando o trabalho ter-se-á uma proposta didática, baseada em um gênero textual escrito: reportagem.

O capítulo inicial apresenta alguns conceitos que revelam a ocorrência da escrita na evolução humana e, conseqüentemente, a sua importância. Tal relevância fica evidenciada na sua evolução, já que leitores e escritores em todo o mundo dela se apropriam e a utilizam cotidianamente.

Para que haja bons escritores, é necessário que existam bons leitores, embora o contrário nem sempre aconteça. Nessa relação entre leitura e escrita, a discussão central está voltada para o aprendizado de ambos, entendendo-se a relevância de um para o outro, na complementaridade que um é capaz de dar ao outro em suas dimensões.

Dessa forma, compreende-se que a leitura, estimula a criatividade do ser humano, bem como seus pensamentos, necessidades; além disso, a sua importância deve ser a todo o momento, discutida e reverenciada dentro do espaço escolar. Cada professor em seu ambiente de trabalho pode e deve procurar artifícios capazes de chamar a atenção dos alunos para as situações de aprendizado que a utilização de uma língua dinâmica e viva pode oferecer. Para se chegar a essa situação é preciso que professores estejam preparados, ou seja, que tenham oportunidades de estudo e crescimento profissional. A partir de então, deve-se oferecer propostas de motivação para a leitura e a escrita, criando um ambiente de letramento dentro da escola, já que o espaço de aprendizado escolar não se resume apenas à sala de aula, muito menos exclusivamente às aulas de Língua Portuguesa.

Na verdade, o aprendizado escolar refere-se a todas as disciplinas e a todos os seus ambientes: seja na portaria, na hora da merenda escolar, ou mesmo como se portar dentro de uma sala de multimeios, etc. Assim, informar-se, acreditar, conhecer e

oportunizar são ações que conduzem ao sucesso escolar como um todo. No entender de Kauark e Muniz (2011, p. 25):

Ensinar com excelência é um compromisso com a construção da identidade do indivíduo, onde o professor possa atender à realidade pessoal de cada um, respeitando sua diversidade cultural e étnica, atendendo aos princípios norteadores do conhecimento. O professor deve ter como ideais primordiais a sua qualificação pessoal, a formação contínua, atuando como um ser pensante e crítico, modificador de seu contexto real, capaz de transmitir para seu aluno que ele pode alcançar o projeto de vida desejado e que pode interpretar e compreender o que está à sua volta. É preciso que o ensino esteja voltado para a vida, que dê condições necessárias para que o aprendente eduque-se de maneira consciente e humana.

Com relação ao segundo tópico, ele apresenta questões relativas aos gêneros textuais e suas complexidades, além de discutir de que forma esses textos são abordados em sala de aula, entendendo-se que a abordagem, bem como a motivação são princípios fundamentais no intuito maior do educador, ou seja, despertar no aluno o interesse e a curiosidade por diferentes textos, diferentes leituras e diferentes conhecimentos.

Os gêneros nascem e se multiplicam a partir das necessidades humanas de comunicação e interação entre indivíduos. Os diferentes discursos exigem que os gêneros se adaptem às mudanças, proporcionando múltiplas formas de socialização, independentemente do objetivo pretendido. Essas variações são necessárias na medida em que os indivíduos delas precisam. O tópico também aborda questões referentes às similaridades entre os textos, refletindo sobre o fato de que embora haja um extenso número de gêneros textuais, esses mesmos textos precisam responder a um conjunto de características que possam ser classificadas, estudadas e utilizadas. Nesse sentido Schneuwly e Dolz (2004, p. 68) assim refletem:

A representação do gênero na escola pode, então, ser descrita como segue: trata-se de levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência. Assim, estas últimas constituem, senão uma norma a atingir de imediato, ao menos um ideal que permanece como um alvo.

Nesse texto seguindo o conceito dos autores mencionados, está explícita a preocupação de inserir o estudante em um universo propício ao letramento, oferecendo-lhe experiências variadas com os diversos gêneros textuais. Essas experiências, conseqüentemente, proporcionarão conhecimento e reconhecimento dos gêneros à medida que eles forem sendo elencados em sala de aula, ao mesmo tempo que discutidos e analisados em relação à sua estrutura e utilização seja no contexto escolar, seja na utilização real da vida em sociedade.

Um gênero textual foi priorizado no presente trabalho: a reportagem escrita. É um gênero que faz parte do conteúdo ministrado no ensino fundamental. Além dessa questão, a reportagem é um gênero jornalístico presente no dia a dia de todas as comunidades sejam elas mais ou menos letradas e trata-se de um texto que proporciona a reflexão da participação do outro e de si próprio dentro da sociedade, além de oferecer subsídios para outras pesquisas enriquecendo o contexto sócio-cultural do aluno, e é sob esse prisma que esclarece Lozza (2009, p. 69):

Lendo mais completamente a parcela da realidade estampada nas páginas do jornal sob a forma de notícia, alunos e professores podem construir alternativas de participação e intervenção social, indo além dele e vasculhando realidades nele ausentes. Uma foto de uma senhora em pé em um ônibus, uma notícia a respeito de uma nova resolução sobre a educação, uma reportagem sobre a violência no campo ou na cidade, não importa, as notícias sobre fatos que estão se sucedendo criam situações que abrem a possibilidade para que se lance um olhar mais pausado sobre o que os cidadãos têm construído para si e para a comunidade.

A leitura de textos jornalísticos abrange horizontes e oferece oportunidades de conhecer a história humana e suas relações sociais, oferecendo o fortalecimento da cidadania e da participação dos aspectos que necessitam da integração e da informação de uma comunidade que vive em sociedade.

O capítulo 2 discute a importância da pesquisa científica para a resolução de problemas que interferem no cotidiano dos indivíduos. Através da análise, da investigação e do planejamento é possível compreender e relacionar soluções para as demandas apresentadas. Posteriormente é apresentada uma proposta visando à execução da sequência didática, oferecendo subsídios para a aplicação desta metodologia. Em seguida tem-se a apresentação da reportagem escolhida bem como os materiais necessários para a sua utilização. Finalizando o capítulo, a organização da sequência didática e seus passos são apresentados de modo a esclarecer cada um dos elementos necessários e pertinentes à realização eficiente dessa metodologia.

O terceiro capítulo apresenta as teorias e conceitos de uma sequência didática, bem como os benefícios de sua utilização, oferecendo vantagens primordialmente para o aluno e também para o trabalho do professor. As propostas de atividades serão direcionadas aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e para tanto serão selecionados diferentes formatos de texto visando a motivação e posterior aprendizado do conteúdo propriamente dito, além de proporcionar oportunidades para a construção do letramento do aluno.

Sabe-se que textos escolares ou propostos pelo corpo docente que poderiam ser trabalhados em sala de maneira interessantes, muitas vezes são considerados cansativos, longos ou às vezes irrelevantes para quem vive em um tempo em que informações,

imagens e ideias são espalhadas e compartilhadas em todo o mundo numa velocidade que ainda causa certo estranhamento, dessa forma entende-se que é preciso cativar esse público que se torna cada vez mais exigente. É preciso adequar antigas concepções e leituras clássicas com novas formas de apresentação, procurando atrair através do despertar da curiosidade esses olhares que estão cada vez mais rápidos, porém necessitados de conhecimento enraizado e perpetuado. É pensando por esse prisma que o segundo capítulo irá desenvolver-se baseado na leitura crítica dos textos e atividades propostas. Essa leitura será ora individual ora coletiva, amparada por pesquisas interdisciplinares também individuais e coletivas, na valorização da contextualização oral, sempre observando os valores e gostos dos alunos.

Nesse sentido segundo Martins (1982, p. 12):

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas que a realidade lhe apresenta.

Nas redes de ensino, em todos os níveis, educadores perguntam-se incessantemente o que fazer e como fazer para que seus alunos aprendam conteúdos variados, em disciplinas diversas. Essa pergunta se perpetua e transformou-se em um fantasma escolar. Como ser capaz de compreender um texto que fale da geografia brasileira? Como ser eficiente na leitura da história da humanidade? Como interpretar um problema de matemática ou física? De que forma é possível apreciar uma obra de arte conferindo-lhe suas características próprias e ainda ser capaz de ter um espírito crítico diante dela?

A resposta muitos sabem: está na prática da leitura, quer obrigatória quer por prazer. Dificilmente alguém se torna competente sem essa prática, que é o que torna o indivíduo capaz de perceber e entender mundos, ideias, pensamentos, histórias, que de nenhuma outra forma seria possível. Observa-se, portanto, que a leitura promove uma tomada de consciência da realidade de formas diferentes, em tempos diversos. É preciso, pois adquiri-la em que tempo for, seja na educação infantil, na alfabetização, na adolescência, ou na fase adulta; sempre será tempo para que se adquira o hábito da leitura.

Diante disso, deve-se considerar que o aluno precisa de experiências pessoais com a leitura, para tornar-se um indivíduo letrado, pois dessa forma terá uma visão e compreensão de mundo que provavelmente não teria sem esses momentos. Ele precisa aprender, e desenvolver gostos pessoais, ter consciência crítica para avaliar o que mais lhe agrada, o que lhe desagradar, de que forma assuntos e ideias se relacionam. Precisa aprender a relacionar aquilo que lê com os conteúdos aplicados na sala de aula. Como, por exemplo, um assunto que foi explorado na aula de Geografia está ligado a um

conteúdo de Química. Como a Química, a Física e a Matemática estão relacionadas para o homem ser capaz de fazer um avião voar. De que forma as pessoas viviam e se comportavam em séculos passados para produzirem obras de arte e porque as mesmas retrataram desta ou de outra forma a sociedade da época. Silva (2011, p. 78) reflete:

Ora, o domínio de novos signos (verbais escritos), definindo novos horizontes, novos significados e/ou novas alternativas, somente vem ampliar o meu projeto de existência, tanto em termos de participação cultural como em termos de autodeterminação, busca da autenticidade e vida em propriedade.

Tendo em vista as questões acima citadas, a proposta de sequência didática terá como material motivador a reportagem “Como era uma balada nos anos 60”, publicada na revista Mundo Estranho (2013). A proposta de utilização desse material constitui-se na intenção de despertar nos alunos o gosto pela leitura e escrita, compreendendo-se que através dessas habilidades, é possível tornar-se cidadãos letrados e inseridos no contexto social. A sequência didática proposta também visa aprimorar o conhecimento que os alunos já possuem sobre o gênero elencado, assim como fornecer novas informações e interesses de aprendizado. Para as propostas serão utilizados os módulos de atividades discutidos por SCHNEUWLY e DOLZ (2004). Eles contarão com atividades variadas de leitura e escrita e produções de textos orais e escritos em gêneros variados: músicas, desenhos, teatro, poesias, cinema, entrevistas, etc.

Nesse tipo de abordagem da leitura, o aluno terá oportunidades de formular ideias, refletir sobre o seu passado e dos outros, interagindo com a história da sua própria vida e da humanidade. Um assunto deve despertar o interesse de quem lê e isso talvez seja possível se esse assunto fizer parte da sua realidade, já que está se falando de um público adolescente, fase da vida em que muitos outros interesses extracurriculares lhes são às vezes mais pertinentes e de importância imediata.

Busca-se com a proposta citada, que alunos e professores construam relacionamentos em que haja a troca de conhecimentos. Esse relacionamento, ao mesmo tempo em que afetivo pode ser alegre e, dependendo do seu direcionamento, poderá ser perpetuado ao longo da vida de todos os envolvidos, trazendo conhecimento e reconhecimento da importância de ambos para a construção de uma sociedade melhor.

1. ESCRITA, LEITURA E LETRAMENTO

1.1 Concepções de escrita, leitura e letramento

Desde os primórdios da humanidade, o homem sempre precisou encontrar uma forma de comunicação que, em princípio, era realizada através de uma linguagem pictográfica, estritamente icônica, mas que gradativamente foi sendo transformada em ideogramas e depois em alfabetos silábicos. Essas mudanças deram origem a uma das mais bem sucedidas formas de comunicação do homem moderno, a linguagem escrita. Kato (1999, p. 10), explica a evolução da linguagem escrita:

O ideograma se origina da estilização desses pictogramas, de uma simplificação convencional que converte os desenhos originais em símbolos linguísticos, cuja forma passa a ter uma relação arbitrária com o objetivo ou conceito representado. O ideograma passa assim a ter também o estatuto de um símbolo de segunda ordem. Além de representar um objeto ou conceito, passa a representar a palavra que representa esse objeto ou conceito.

A comunicação humana evoluiu para um refinamento, ou seja, para escrita como a conhecemos hoje, perpetuando o conhecimento, pois como afirma Higounet (2008, p. 9 e 10) ela é muito mais do que um simples instrumento:

Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. A escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano.

Compreende-se a partir das citações que a escrita exerce papel fundamental na história de todas as sociedades, haja vista que é através dela que se pode ter acesso a informações que se perderiam apenas com o exercício da oralidade. A escrita possibilita que se tenha conhecimentos sobre aquilo que indivíduos em diferentes lugares e diferentes situações tenham dito ou sentido, registrando algo que possivelmente seria impossível saber, seja por questões geográficas ou por questões culturais (ANTUNES, 2009).

A escrita assume papel de extrema importância e relevância para a humanidade, já que ela possui a capacidade de perpetuar e repassar através das gerações, ideias, conhecimentos e histórias da própria humanidade. Ela é em toda a sua completude, o registro formal ou até mesmo informal de coisas, acontecimentos, fatos, ideias e pensamentos de um povo, de uma época ou de uma geração, influenciando ou esclarecendo situações e comportamentos que sem esse registro talvez fossem impossíveis de serem esclarecidos.

É sabido que em gerações anteriores à atual, poucos “privilegiados” tinham acesso a toda forma de cultura que a linguagem escrita proporciona, mas nos dias atuais, a escrita é fonte permanente de informação em quase todas as situações da vida, como afirma Vieira (2005, p. 27):

A escrita é um patrimônio de todos nós. Ela está aí, por todo o ambiente urbano: nos letreiros, nos rótulos, nos jornais, nos muros pichados, nos livros, revistas e até na fala daqueles que de tanto conviverem com a escrita, já a incorporaram, como os professores e os que transmitem notícias na TV. Numa sociedade letrada, a escrita permeia praticamente todos os nossos atos. Lendo ou redigindo, usando-a para propósitos triviais como os do dia-a-dia, ou em situações mais complexas como as da vida burocrática e acadêmica, o fato é que não se pode prescindir da linguagem escrita.

Segundo a referida autora, a linguagem escrita permeia toda a vida cotidiana, seja em casa, na rua ou em quaisquer instituições quer sejam privadas ou públicas. Em teoria, todos os usuários da língua deveriam saber utilizá-la adequadamente, segundo seus propósitos, já que o acesso à escrita foi universalizado. Contudo, o que se vê ainda hoje, são milhares de analfabetos funcionais, como descreve Vieira (2005 p. 26), “aquele enorme contingente de pessoas que passaram pela escola, que assinam o nome, podem decifrar palavras, mas não retêm o significado do que lêem.”.

Diante dessas afirmativas, é importante observar que os aspectos relacionados às habilidades necessárias à leitura da escrita também mudaram, pois as sociedades modificam seus valores e comportamentos e com a forma escrita não poderia ser diferente. As mudanças sociais afetam e influenciam também as formas de comunicação, inclusive a escrita, exigindo escritores e leitores capazes de compreender e fazer-se compreender diante dessas mudanças.

A esse respeito Kato (1999, p. 11) reflete que “quando o homem começou a usar um símbolo para cada som, ele apenas operou conscientemente com seu conhecimento da organização fonológica de sua língua.” Eis uma situação que passou a exigir do

homem, capacidades e habilidades até então desnecessárias. Era preciso haver escritores, bem como leitores eficazes, que compreendessem os significados dessa estrutura silábica e essa forma de comunicação passou a requerer do intelecto humano, construções e capacidades imprescindíveis, como afirma Leite (2007, p. 22):

A linguagem não é nem simples emissão de sons, nem simples sistema convencional, como quer um certo positivismo, nem tampouco tradução imperfeita do pensamento, vestimenta de ideias mudas e verdadeiras, como a concebe um pensamento idealista. Pelo contrário, é criação de sentido, encarnação de significação e, como tal, ela dá origem à comunicação.

E para que essa comunicação seja de fato realizada e efetivada, o homem precisa possuir o domínio dessa linguagem, conforme recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 24): “a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também seus significados.” É preciso compreender a escrita, apropriar-se dela e utilizá-la, isso parece fácil, mas como afirma Vieira (2005, p. 19), “aprender uma língua (materna ou estrangeira) é aprender usos da linguagem e os significados a ela associados”, ou seja, é necessário um grande esforço do aprendiz para poder conseguir relacionar letras, números e símbolos aos seus devidos significados.

Por essas afirmativas é possível entender que leitura e escrita encontram-se intrinsecamente relacionadas, ou seja, é preciso saber ler para poder utilizar a linguagem escrita e, ao mesmo tempo, é preciso escrever para não apenas produzir, mas fazer-se compreender e ser capaz de compreender o mundo da leitura, como afirma Antunes (2009, p. 192):

Ora, a outra face da escrita é a leitura. Tudo o que é escrito se completa quando é lido por alguém. Escrever e ler são dois atos diferentes do mesmo drama (ou da mesma trama!). Alfabetizar-se, no sentido mais elementar do termo, é adquirir a competência inicial para lidar com os sinais da escrita, uma tarefa da qual a escola, no decorrer da história, se tem encarregado. É desenvolver condições para o sujeito poder inserir-se no mundo dos eventos que envolvem o intercâmbio através da grafia.

A leitura oferece aos indivíduos ferramentas necessárias à sua formação enquanto ser social, proporcionando-lhe subsídios poderosos na forma de conhecimento e argumentos que poderão ser utilizados em toda a sua vida social, na vivência escolar em familiar, religiosa ou política. Essa capacidade de compreensão fornece ainda a capacidade de discernimento para julgar aquilo que lhe é prejudicial ou benéfico.

Compreende-se, portanto, a importância da apropriação da leitura como essencial e primordial ao ser humano. Ela é uma poderosa ferramenta de participação social, pois permite que qualquer ser humano seja capaz de participar da sociedade, seja interferindo, opinando, refletindo sobre a sua vida e a dos outros indivíduos. Ainda é preciso levar em consideração o fato de que o letramento emerge não só do processo da leitura, ou seja, decodificar signos linguísticos, mas também de compreender de modo mais profundo e elaborado o que acontece no mundo como um todo. Essa capacidade fornece ao homem oportunidades de ser e estar no mundo de forma realmente efetiva e participativa. ALMEIDA (2010)

A utilização da linguagem (verbal) na vida social tem sua importância ressaltada nos PCNs (1997, p. 24):

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes.

Nessa visão, a linguagem verbal ou escrita assume um significado bastante amplo na vida humana, pois ela possibilita criar condições de experiência e conhecimentos individuais imprescindíveis à realização do ser humano. É importante observar a possível analogia entre a linguagem escrita e a linguagem oral, já que ambas possuem aspectos em comum, como na relação entre emissor e receptor quando na função de transmitir conteúdos, sejam de quaisquer naturezas, ou ainda no fato de que ambas possuem uma maneira adequada de apresentar-se, ou seja, são coerentes com a sua função (KATO, 1987). Ainda para essa autora (1987, p. 43), “da mesma forma que ouvir e falar, ler e escrever também são atividades de comunicação, embora as condições de interação entre emissor e audiência sejam diferentes num e outro caso.”. Assim, todas as habilidades linguísticas devem ser valorizadas.

Com relação à leitura, Leffa (1996, p. 10) afirma que “a leitura é basicamente um processo de representação”, ou seja, ver não apenas uma coisa, mas a partir de algo, ver várias outras coisas, e prossegue:

A leitura não se dá por acesso direto à realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos

oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

As leituras mudam de acordo com o conhecimento prévio e capacidade de compreensão, que se dá não apenas em leituras escritas, mas também nas leituras de mundo, seja de ordem sociológica ou cultural. Sob essa perspectiva, compreende-se que cada leitor fará leituras diferentes de um mesmo texto, mas todos sentirão algo a respeito dele, dependendo da intencionalidade, conhecimento prévio, identificação, etc. Pensando dessa forma, é impossível medir a qualidade de um texto, já que a presença do aprendizado ou prazer depende do leitor, ou seja, a qualidade de um texto é medida pelas emoções e sensações que causam no leitor, aquilo que um indivíduo romântico sente ao ler um romance certamente não será sentido em um indivíduo mais racional e prático.

O reflexo daquilo que se lê acontece de formas variadas. O leitor poderá compreender o texto, atribuindo significados e relacioná-los com leituras anteriores, atestando dessa forma que um mesmo texto pode ter interpretações diferenciadas dependendo do tipo de leitor e de seu grau de conhecimento do assunto tratado (LEFFA, 1996). Assim, o texto poderá não trazer nenhum significado ou interesse, pelo contrário, pode ter máxima importância para o leitor. Como afirmam Koch e Elias (2010, p. 11):

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

A leitura permite a busca de significados que nem sempre estão restritas ao texto escrito. Esses sentidos podem ser atribuídos a leituras diversas, como por exemplo, àquelas que podem ser feitas em relação aos fenômenos da natureza, o que diferencia essas interpretações será a forma como cada leitor a fará, com maior ou menor conhecimento, dependendo de sua perspectiva e conhecimentos. Um agricultor e um meteorologista terão, com certeza, visões e explicações diferenciadas para prever a temporada de chuvas. E em virtude dessa capacidade de se fazer leitura é pertinente observar as considerações de Demo (2007, p. 30): “ler a realidade é, sobretudo saber o que fazer com ela, interferir, confrontar-se, produzir oportunidades, principalmente fazer-se oportunidade”, ou seja, não é preciso ter apenas a condição e a capacidade de

ler, mas possuir também autonomia suficiente para saber quando e como utilizar a palavra escrita ou oral.

Diferentes conceitos de leitura são abordados por Leffa e considerados pertinentes para a discussão realizada até aqui. Na primeira questão proposta por ele, o processo de leitura ocorre do texto para o leitor e a importância do texto é muito maior que o próprio leitor. Na segunda concepção, o leitor é mais importante, ou seja, o processo acontece do leitor para o texto. Ele assim explica que “pode-se definir restritamente o processo da leitura, contrastando-se duas definições antagônicas: (a) ler é extrair significado do texto e (b) é atribuir significado ao texto” (LEFFA, 1996, p.11).

Em qualquer situação, o processo de leitura encontra problemas, até mesmo quando se tem contribuições tanto do leitor quanto do texto, pois como afirma Leffa (1996, p. 17):

É preciso considerar também um terceiro elemento: o que acontece quando leitor e texto se encontram. Para compreender o ato da leitura temos que considerar então (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto.

Observados esses aspectos, ainda é preciso um último item para a compreensão leitora acontecer: “O leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler” (LEFFA, 1996, p. 17). A partir de necessidades pessoais do leitor, quer seja para aprender, para se divertir, se informar ou se orientar, é que acontecerá o processo complexo de interação entre o leitor e o texto.

Ainda sob a investigação referente ao processo da leitura, Martins (2012, p. 30) assim reflete sobre a leitura:

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

Nessa dimensão, a leitura seria considerada tudo o que o homem conseguiria ler, interpretar e compreender, seja na forma escrita, icônica, através de manifestações culturais, transformando-se em objeto histórico e, portanto, passível de fazer parte do desenvolvimento social, político e cultural do ser humano.

Martins (2012, p. 31) faz uma síntese sobre as concepções de leitura afirmando que:

As inúmeras concepções vigentes sobre leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas caracterizações:

- 1) Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Sob a perspectiva do segundo ponto é importante considerar os PCNs (1997, p. 41) quando orientam que a escola deve valorizar a leitura como fonte de informação:

via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos. Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de que os produz; Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos; valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais; usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica; conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia.

Avaliando as proposições citadas, compreende-se que a leitura é muito mais do que um jogo de decodificação de letras, números ou símbolos. Ela é um instrumento para compreensão, interação e desenvolvimento do ser humano, ou seja, só ocorre leitura de fato quando as duas concepções: decodificação e compreensão ocorrem concomitantemente ao ato de ler, sem essa interação a finalidade da leitura não será completa, qual seja essa finalidade.

Martins (2012, p. 37) reflete sobre as questões acerca da leitura propondo três níveis básicos de leitura: “sensorial, emocional e racional”:

Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere.

A autora busca em suas investigações não determinar ou esgotar as questões que se referem ao ato da leitura, mas abrir conceitos a partir de sua própria perspectiva, encontrando dessa forma uma aproximação entre os três níveis apresentados.

Para que ocorra uma melhor compreensão dos níveis de leitura citados é importante que haja uma breve discussão sobre eles. O primeiro nível refere-se à leitura sensorial, ou seja, os prazeres despertados pelo leitor ao manusear e sentir o livro escolhido, as emoções que ele desperta, quer sejam curiosidades, lembranças ou fantasias e é assim explicitado por Martins (2012, p. 42):

A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar.

Referindo-se ao segundo nível, a leitura emocional, Martins (2012, p. 52) explica que:

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo.

Segundo a autora, na leitura emocional ocorre o reconhecimento do que o texto nos provoca, e na capacidade de sentirmos realmente as suas propostas, sejam elas de informar, divertir ou dramatizar. Nesse tipo de leitura podemos utilizar a nossa capacidade de nos transportarmos para o mundo do outro, de sentirmos as sensações que a leitura desperta ou pretende despertar, utilizando-nos de nossos sentimentos, prazerosos ou não, guardados no subconsciente “não obstante, essa a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer” (MARTINS, 2012, p. 49).

Já com relação ao terceiro nível de leitura, a autora explica que:

A leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional, o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. Importa, pois, na leitura racional salientar seu caráter eminentemente reflexivo, dialético. Ao mesmo tempo em que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado. (MARTINS, 2012, p. 66).

De acordo com Martins a leitura racional evoca não apenas história, emoções ou memória, ela vai além dessas possibilidades de leitura. A leitura racional é mais exigente, no sentido de ser uma busca pelo conhecimento, um acréscimo àquilo que já se possui. Há uma apreensão de novos conceitos e idéias e, conseqüentemente, uma maior abrangência de pensamentos, conclusões ou reflexões, pois como defende Martins (2012, p. 72):

Ao se ampliarem as fronteiras do conhecimento, as exigências, necessidades e interesses também aumentam; que, uma vez encetada a trajetória de leitor a nível racional, as possibilidades de leitura de qualquer texto, antes de serem cada vez menores, pelo contrário, multiplicam-se. Principalmente porque nosso diálogo com o objeto lido se nutre de inúmeras experiências de leituras anteriores, enquanto lança desafios e promessas para outras tantas.

Com isto, tem-se que discutir outro aspecto relacionado à leitura e a escrita, de fundamental importância e relevância para todos os indivíduos: o letramento. Essa relação entre letramento, leitura e escrita hoje é amplamente discutida entre teóricos e educadores, já que a tríade mencionada possui um amplo poder no que se refere à permanente aquisição de conhecimentos. Entretanto, é interessante assinalar a amplitude do conceito de letramento, tendo em vista a sua possibilidade de transcender os signos linguísticos necessariamente presentes na linguagem escrita. Desse modo compreende-se que o letramento ocorre em todas as circunstâncias vivenciadas, independentemente do grau de alfabetização do indivíduo, isto é, até mesmo na completa falta de conhecimento ou reconhecimento de sinais gráficos. Essa capacidade pode e deve ser aprimorada dentro do âmbito escolar, na medida em que o estudante letrado torna-se capaz de compreender questões que o cercam como um todo aprimora cada vez mais a sua capacidade de entendimento, refletindo o seu aprendizado nas atividades cotidianas, ou nas atividades realizadas dentro do contexto escolar. É sem dúvida o começo do aprimoramento de sua condição humana. Nessa reflexão Almeida (2010, p. 68) pontua que “é o letramento o início ou a base para o processo de desconstrução”. Sendo assim, compreende-se que o letramento proporciona a abertura de novas possibilidades, construindo ou desconstruindo ideias e conceitos, transformando o processo de aprendizado em algo muito mais dinâmico e libertador.

O conceito de letramento segundo Soares (1999, p. 3) é:

Estado ou condição de quem não só saber ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Compreende-se dessa maneira que a dimensão da prática do letramento ultrapassa os limites da leitura e da escrita, levando-se em consideração as práticas da sua utilização. Para o letramento o domínio total ou parcial da linguagem escrita é irrelevante, o que é necessário é a sua utilização, bem como a capacidade de utilizar os conhecimentos adquiridos através de diferentes situações de aprendizado, seja interferindo, modificando ou apenas refletindo sobre as participações pessoais e interpessoais dentro da sociedade.

Nesse sentido, letramento é não apenas ler e escrever automaticamente ou mecanicamente uma crônica, uma reportagem, uma tirinha, mas sim possuir a capacidade de entender a crítica presente na crônica, perceber a intencionalidade da reportagem e saber posicionar-se diante dela, e conseguir perceber a ironia presente em uma tirinha de revista. Nesse sentido, o letramento é algo muito mais amplo que a leitura e a escrita, vai além daquilo que está simplesmente escrito, da intencionalidade do escritor até a interpretação do leitor, pois como esclarece Soares (2006, p.24):

Letramento não é alfabetização (...); Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem; Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela, selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as tiras de quadrinhos; Letramento é usar a leitura para seguir instruções, para apoio à memória, para a comunicação com quem está distante ou ausente; Letramento é ler histórias que nos levam a lugares desconhecidos, sem que, para isso, seja necessário sair da cama onde estamos com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, amigos; Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo, nas ruas, para receber instruções, enfim, é usar a escrita para não ficar perdido; Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser.

Percebe-se que letramento vai além da alfabetização já que em sua concepção até mesmo um analfabeto pode ser mais ou menos letrado, levando-se em consideração a sua vivência diária e o permanente contato com variados sistemas linguísticos. Assim, no momento em que o indivíduo busca informações afixadas em um mural do local de trabalho, mesmo que seja uma leitura realizada por outras pessoas, está de todo modo informando-se e realizando uma leitura para agir, modificar ou permanecer em sua realidade. A partir dessa leitura ele obtém informações preciosas para sua vida e mesmo

inconsciente, esse indivíduo sabe que essas informações lhe são fornecidas através da linguagem escrita, mas a modificação da sua realidade depende de suas ações. Qualquer indivíduo letrado sabe diferenciar diferentes gêneros textuais, pois entende que uma carta possui informações pessoais, enquanto uma piada pode ser compartilhada por um grupo de pessoas. Só o fato de se estar rodeado de material escrito através de propagandas, produtos, placas de sinalização entre outros é suficiente para afirmar a entrada desse indivíduo no mundo do letramento, seja ele um adulto ou uma criança. (SOARES, 2006)

Nesse enfoque, o conceito de letramento dado remete ao fato de que o ser letrado não significa possuir apenas o domínio da linguagem escrita ou oral, é preciso possuir muito mais do que isso para que um indivíduo considere-se letrado. O fato de se realizar leituras e interpretações a partir de sinais gráficos ou apenas elementos não verbais, significa que um sujeito pode apropriar-se de conhecimentos originados do mundo passado ou moderno, dando-lhe ainda capacidades e habilidades que nem sempre são conseguidas apenas com o conhecimento da linguagem escrita. É, portanto, um conhecimento de mundo não necessariamente adquirido dentro do espaço escolar, pois como ressalta Almeida (2010, p. 68), “é o letramento a beleza mais primitiva do conhecimento humano.”.

Em conformidade com o conceito de letramento discutido por Soares e Almeida, Kleiman (2005, p. 05 e 21) explica que:

Letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola; mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana (p. 05). O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet (p. 21)

A escrita está presente em muitos ambientes: nas casas, ruas, comércios, prédios, livros, nos gêneros midiáticos, na internet e a para sua efetiva utilização é necessário que aconteça uma leitura compreensiva da mensagem dos textos presentes nos suportes escolhidos pelos locutores. Sendo assim, o letramento propõe-se a estabelecer uma ligação entre a leitura e a escrita, decifrando os significados que possuem o material a ser analisado, oferecendo ao interlocutor, maneiras de interpretar, refletir, relacionar essa significação com outras que já possui a fim de apropriar-se de mais conhecimentos.

Sendo assim, o letramento adquire extrema importância para a escrita, pois a sua importância é compreendida por todos que vivem na sociedade moderna. A sua utilização aparece em diferentes situações assumindo diversas funções, sempre a serviço da sociedade letrada.

Diante dessas afirmativas, é facilmente compreensível a importância das práticas de letramento, tendo em vista que os indivíduos em sua maioria possuem certo grau de compreensão do mundo através da linguagem escrita, porém precisam desenvolvê-las cada vez mais, e é no ambiente escolar, que essas práticas devem acontecer mais comumente, possibilitando o desenvolvimento das capacidades e habilidades já existentes nos estudantes, pois de acordo com os PCNs (1997, p. 23):

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação nas práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas.

Ao se promover práticas de letramento na escola, baseadas na pesquisa e análise, em consonância com o saber teórico, possivelmente serão formuladas estratégias que permitirão oportunidades de letramento, oferecendo uma extensa rede de interações cognitivas para o educando, tornando-o um ser mais complexo e capaz de mudanças pessoais e sociais.

1.2 Leitura, Escrita e Letramento na escola

Na história de sua evolução, o homem sempre procurou caminhos que o levassem a sobrevivência da espécie, porém a sua inteligência e capacidade criativa, incentivaram-no a buscar ferramentas que o satisfizessem cada vez mais, suprindo, a princípio suas necessidades primárias e, posteriormente, outras necessidades, quer fossem de conforto, bem-estar ou lazer. Dentre essas necessidades, há aquela que está relacionada ao processo de busca pelo conhecimento e entendimento da participação própria e dos outros durante a vida. Nessa busca, o ser humano encontrou algo que poderia ir além de si mesmo, algo que perpetuasse a sua história e as suas realizações. A

escrita tornou-se a tecnologia primária desse ser inventivo, proporcionando-lhe o registro e a evolução das suas ideias, teorias e desejos.

Em princípio, os conhecimentos provindos da escrita restringiam-se a um pequeno número de indivíduos. Entretanto, com o advento das instituições escolares, essa realidade transformou-se e nos dias atuais outras indagações e preocupações coexistem com a oferta da escolaridade, como de que maneira as escolas podem contribuir com a formação leitora de seus alunos ou como abordar determinados gêneros textuais de modo a garantir a aprendizagem e o interesse pela leitura.

A capacidade de ler permite ao homem entender o mundo ao seu redor, observar e analisar comportamentos antigos e atuais, questionar a si mesmo e aos outros. Essa necessidade vai além desses pressupostos, pois permite ao ser humano, o prazer pessoal que ela é capaz de proporcionar. É a partir dessa necessidade pessoal, seja qual for a motivação, que faz com que a leitura realmente aconteça, ou seja, é preciso que o indivíduo tenha necessidade da leitura, ela precisa fazer sentido, pois como afirma Leffa (1996, p.17), “o leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler”. Complementando essa afirmativa, os PCNs (1997, p. 36), afirmam que “as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.”.

Antunes (2013, p. 193) define a importância da escola como motivadora da leitura para os alunos:

Em primeiro lugar, a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação, (...) pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Ou seja, pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo. A leitura expressa, dessa forma, o respeito ao princípio democrático de que todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não.

O autor reflete sobre a participação do homem letrado na sociedade, visto que a leitura permite ao ser humano participar ativamente das atividades existentes nos grupos sociais e mais do que isso, ela induz a uma participação consciente, que permita esclarecimentos quanto aos objetivos dos outros e de si próprio.

A escola deve optar por oferecer em seus ambientes de aprendizado, situações reais ou imaginárias de leituras que reforcem a importância da cidadania e de uma

participação efetiva nesse sentido. A leitura adequada oferece condições de se adequar às situações satisfazendo necessidades pessoais ou de uma comunidade. Essa participação reflete em uma participação crítica e real na sociedade (PCN, 1997).

A leitura permite ao ser humano participar ativamente das atividades existentes nos grupos sociais e mais do que isso, ela induz a uma participação consciente, que permita esclarecimentos quanto aos objetivos dos outros e de si próprio, ou seja, no intuito de “assumirmos nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos” (ANTUNES, 2013, p. 193).

As afirmativas acima convergem para o fato de que é na escola que alunos, sejam eles crianças, jovens ou adultos devem ou deveriam ter como direito fundamental, o acesso irrestrito à leitura e, conseqüentemente, a meios e métodos para que tal fato aconteça. Entretanto, é preciso discutir de que forma essa introdução deve acontecer ou quais os caminhos que levem a prática da leitura efetiva e prazerosa. Desse modo a escola deve oferecer projetos que sejam educativos e comprometidos com a educação social e cultural de seus alunos, garantindo-lhes primordialmente o acesso aos conhecimentos linguísticos que os tornem aptos a exercerem seus direitos e deveres perante a sociedade. PCNs (1997).

Ainda sob essa perspectiva os PCNs salientam o fato de que à escola cabe também a tarefa de não somente oportunizar momentos de leitura, mas também a partir da observação da sua clientela, determinar de que forma isso deve ser feito, seja na intensidade das leituras ou nas variações possíveis para esse momento, de forma a atingir os mais variados níveis de letramento:

Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (PCN, 1997, p. 23).

Segundo Antunes (2013, p. 189), é importante que a escola compreenda que seus alunos já possuem conhecimentos prévios e a ela cabe o desenvolvimento dessas competências: “[...] Então a função da escola consiste, exatamente, em ampliar essas competências, desenvolvê-las ainda mais, juntar a elas outras ainda não conseguidas”. Dessa forma, o sujeito que tem oportunidades dentro do âmbito escolar de explorar suas

próprias habilidades e de desenvolver suas competências, provavelmente terá muito mais sucesso escolar e posteriormente em sua vivência pessoal, pois como complementa Antunes (2013, p. 189), o indivíduo:

[...] Precisa ir ampliando seu saber sobre que regularidades cada um dos tipos e dos gêneros tem; precisa ir descobrindo, por exemplo, cada um dos tipos e dos gêneros tem; precisa ir descobrindo, por exemplo, que um texto expositivo ou dissertativo gira em torno de um único tema; precisa ir descobrindo que esse tema deve progredir; precisa ir descobrindo quais os recursos que podem deixar esse texto articulado, seqüenciado, coeso etc., etc. Precisa ir descobrindo o que se deve fazer para entender um texto, oral ou escrito, desse ou daquele tipo, etc. etc. Enfim, precisa ir descobrindo muita coisa que nem dá para enumerar. No entanto, a escola se concentra naquilo que a criança já sabe ou naquilo que não lhe faz falta saber.

Para muitos alunos, o momento da leitura na escola é uma situação obrigatória, seja para o cumprimento de uma obrigação imposta pelo professor ou para conseguir uma nota na disciplina em questão, porém dificilmente ela consegue ser transformada em práticas de fruição. Não é compreensível para os alunos que tudo aquilo que se lê e é apreendido será transformado em aprendizado e em outro momento da vivência pessoal ou estudantil será lembrado e utilizado, pois como afirma Martins (2012, p. 19), “a psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente”.

Em relação ao papel do professor em sala de aula, faz-se necessário que esse profissional realize atividades que despertem o senso crítico do aluno, através de situações de reflexão e análise, despertando a curiosidade, a pesquisa, a vontade de descobrir coisas novas, questionando se aquilo que já está estipulado é realmente totalmente certo. O professor ao orientar seus alunos de forma apropriada poderá estimular a criatividade e o interesse pela pesquisa, além de proporcionar elementos para o enriquecimento lingüístico de seus educandos. ANTUNES (2013)

Além disso, Antunes (2013, p.43) destaca como deveria ser o ensino de línguas, “do ponto de vista mais estritamente lingüístico” pelo professor, a fim de oferecer uma melhor formação do indivíduo:

Fomentando a conscientização do grande significado da linguagem para a construção dos sentidos de todas as coisas;
Centrando-se na exploração dos usos da língua – em todos: nos usos informais e nos usos formais, de diferentes gêneros, de diferentes dialetos, – de modo que o aluno possa partilhar do mundo da produção, da circulação e da análise da cultura, com destaque, é claro, para a arte literária;

Incentivando toda forma de interação – oral e escrita – como recurso de atuação competente do sujeito nas comunidades (família, trabalho, escola, lazer) em que está inserido;

Fomentando a prática da observação, da análise, do questionamento, da reflexão crítica, com a convicção de que conhecer é um processo em constante desenvolvimento e de que não existe um saber pronto, acabado, inalterável;

Estimulando o desenvolvimento de um saber geral, de uma competência lexical, pela ampliação do repertório de informações e da capacidade do usuário para criar, recriar, ressignificar e incorporar novas palavras;

- Explicitando as intuições lingüísticas já sedimentadas, ou ampliando as concepções acerca dos fenômenos específicos aos usos da língua;

- Favorecendo a discussão sobre os mitos que se impuseram sobre as línguas em geral, sobre a língua portuguesa e sua trajetória histórica nas muitas terras que Portugal colonizou;

- Acatando e valorizando a pluralidade lingüística que se manifesta nos mais variados falares nacionais, abominando, assim, todo e qualquer resquício de discriminação ou preconceito por este ou aquele modo de falar.

Sobre a atuação do professor no sentido de direcionar os estudos dos seus alunos os PCNs (1997, p. 29) posicionam-se refletindo sobre a “articulação de três variáveis o aluno, a língua e o ensino.”. Mas para que essa tríade funcione coerentemente explica que o “professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno”. (PCNs, 1997, p. 29).

Dessa forma, faz-se necessário pensar em mecanismos que sejam eficientes no sentido de proporcionar conhecimentos através das variadas leituras em sala de aula, observando sempre a melhor forma de se chegar àquilo que de fato interessa: o despertar pelo interesse da leitura e do aprendizado, acrescentando-se a isso um letramento que seja de fato eficiente, em que habilidades sejam trabalhadas, capacitando os educandos para utilizarem-se dos conteúdos aprendidos em diversos setores, seja pessoal ou educacional.

Os PCNs (1997, p. 48) ao defender a importância do papel do professor também ressaltam que:

Em se tratando da área de Língua Portuguesa, o professor também terá outro papel fundamental: o de modelo. Além de ser aquele que ensina os conteúdos, é alguém que pode ensinar o valor que a língua tem, o valor que tem para si. Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidades pouco letradas, onde não participam de atos de leitura e escrita junto com adultos experientes. Nesse caso, muito provavelmente, o professor será a única referência.

Nesse sentido, compreende-se que o professor deve ir além de suas atribuições pré-estabelecidas, ele deve ser um exemplo como bom leitor e como bom escritor. Assim como os pais que são bons exemplos aos filhos, seja na educação, no comportamento ou na sua filosofia de vida, os professores também devem ser na escola, modelo a ser admirado e seguido por seus alunos, nesse sentido é difícil determinar ou indicar quantidades e tipos de leituras que professores devem possuir, para justificar se ele é um bom ou mau exemplo como leitor, mas é importante que professores possam ir além em suas leituras pessoais, procurando textos que possam auxiliá-lo em sua formação, tendo dessa forma melhores condições de compreender e agir em relação às situações enfrentadas pelos alunos (ALMEIDA, 2010).

A escola é um ambiente de relações humanas e a sala de aula, em toda a sua dimensão, é também local de trocas de afetividade, de tolerância, de respeito ou da falta parcial ou total desses quesitos. O professor é, portanto, um mediador, é peça principal nesse jogo do aprendizado, seja na aquisição de conteúdos escolares, seja na formação do indivíduo como cidadão. Nesse papel, o professor não pode deixar-se seduzir por alguns discursos, de que determinado aluno não aprende por que possui autoestima baixa, ou porque o aluno é pobre, sem condições e não lhe foi oferecida oportunidades. Essas situações precisam ser questionadas, refletidas e analisadas pelo profissional da educação. As leituras direcionadas de materiais metodológicos certamente proporcionarão ao educador maiores subsídios para intervir e solucionar eventuais problemas específicos de seus alunos.

Ora, se a sala de aula é espaço para o conhecimento e aprendizado através de variadas situações, a leitura é, sem dúvida, caminho imprescindível para o aprofundamento de conhecimentos, aceções e ideias. A leitura não ocorre somente nas aulas de Língua Portuguesa, ela acontece em todos os momentos, seja nas aulas de Física, Química ou Biologia. Os conhecimentos adquiridos através da leitura precisam fazer sentido, serem relacionados de forma que se compreenda o todo, configurando-se em indivíduos não só decodificadores de signos linguísticos, mas também indivíduos letrados, ou seja, será através do letramento que o aluno poderá aprender a relacionar aquilo que lê com os conteúdos aplicados na sala de aula, pois as leituras não se encerram em seus próprios textos, ou seja, o conteúdo de um texto é reflexo de outros textos. Se o aluno compreender que as leituras realizadas em uma aula de História, estão necessariamente imbricadas com textos referentes à Literatura, possivelmente a sua compreensão será muita mais ampla e repleta de significados. Leffa (1996, p. 13) reflete

sobre a abrangência de novos horizontes relacionando-os, observando como textos e ideias se relacionam afinal, a história é feita sob vários prismas e não de um só, “um mesmo texto pode refletir sobre vários conteúdos, como vários textos podem também refletir um só conteúdo”.

Seguindo esse pensamento é inquestionável a conscientização de que todas as disciplinas e, conseqüentemente, todos os professores precisam ser conscientes, preparados e responsáveis pela formação leitora de seus alunos, conforme explica Antunes (2013, p. 194):

Informações de uma lição de geografia, de história, de ciências podem fornecer os argumentos de que precisamos para apoiar nossos comentários, em uma análise opinativa, por exemplo. Na grande maioria das vezes, o que nos falta, na elaboração de certos gêneros de texto, não são conhecimentos lingüísticos, muitos menos conhecimentos acerca das terminologias gramaticais. O que nos falta, frequentemente, são informações relevantes em torno das quais podemos nos dar ao exercício de desenvolver um tema. Comentar – contra ou a favor – um tema de política, preservação ambiental, pluralidade e convivência social, economia, desenvolvimento etc. exige ter sobre essas questões uma gama razoável de informações, capazes de nos fazer dizer o que outros poderão considerar “ditos relevantes”.

É preciso ler para se ter o que dizer, mas nem sempre somente com a leitura se é capaz de saber como dizer. Apesar de ambos parecerem estar totalmente interligados e totalmente relacionados, percebe-se que nem sempre a leitura e a escrita andam de mãos dadas. A competência na escrita nem sempre acontece por quem faz leituras cotidianamente, embora seja mais fácil adquirir essa competência por quem as faz regularmente. A escrita exige também aprendizado, persistência e uma prática constante para ser aprimorada e servir ao seu propósito, que é o de comunicar (ANTUNES, 2003).

Essa reflexão refere-se ao fato de que ao professor é dado poder absoluto e conhecimento ímpar, porém é preciso que se entenda que ao aluno deve ser dado, oportunidades de formular ideias e teorias sobre sua própria língua, oportunidades de testar essa ou outra combinação de formas, palavras, construções e observá-las em sua utilização, se bem, mal ou inoportunas. O ensino da escrita na escola, muitas vezes acontece apenas para observar os erros ortográficos dos alunos, se eles estão ou não seguindo regras gramaticais. Essa análise é feita através de exercícios descontextualizados, como formar frases soltas ou propostas de produção textual que não apresenta relação com conteúdos estudados, conhecimentos prévios, discussões, debates, pois conforme afirma Antunes (2003, p.45):

Se faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar as palavras. Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto. O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditarque, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais.

Ao ensinar e propor atividades de escrita, ao professor é dado à responsabilidade de entender que o processo de escrita exige uma preparação do escritor, pois é preciso ter a capacidade de recolher dados, esquematizar, isto é, planejar o processo de produção da escrita. É também necessário fazer com que o aluno entenda a necessidade da revisão, momento em que se observará a necessidade de inserção de outras informações, falhas de ortografia, etc. e, possivelmente, a reescrita, quantas vezes sejam necessárias, até o escritor dar-se por satisfeito.

Nesse processo de escrita, o professor também deverá direcionar o aluno de forma que ele entenda que deve observar o tipo de escrita a ser realizada, se o leitor é mais ou menos letrado, se o texto deve ser mais técnico, mais pessoal, mais científico. Que tipo de organização deve dar ao texto, talvez tomando como exemplo, a forma piramidal em que se começa com a idéia principal e geral para depois ir dando os detalhes, e ainda de que forma realizar a construção das frases, utilizando para isso construções sintáticas adequadas. Todo esse planejamento e etapas de execução da escrita devem encaminhar-se de tal forma que o texto alcance a força necessária para a compreensão do leitor (KATO, 1987).

O professor pode utilizar-se de algumas metodologias que visem desenvolver a leitura e a escrita de seus alunos, levando textos variados para sala de aula, ou sugerindo que tragam textos que de alguma forma sejam interessantes para eles, mas atentando para o fato de que esses textos sejam materiais para serem lidos e não pretexto para serem usados em aulas de gramática (VIEIRA, 2005). Ao professor cabe propiciar momentos de escrita que possuam real significado para o aluno, ou seja, o educando deve escrever para alguma finalidade ou para alguém, mesmo que esse alguém seja ele mesmo. Ele pode escrever bilhetes, e-mails, cartas para familiares, amigos, etc.. Essas escritas vão se desenvolvendo aos poucos e seu grau de dificuldade deve aumentar conforme o aprendizado do aluno, pois segundo Vieira (2005, p. 52):

Cabe à escola ir ampliando gradativamente o raio de comunicação escrita dos alunos. Na fase inicial explorar o mais conhecido e próximo e, aos poucos, ir tentando outros tipos de textos e audiências. Seguir lendo e escrevendo sempre sobre temas fáceis e para destinatários conhecidos não promove o desenvolvimento das habilidades lingüísticas do aluno.

Outra metodologia interessante seria aproveitar todo o material informal que circula em sala de aula, como por exemplo, bilhetes, músicas, recados para os pais, etc.. Seria uma forma de fazê-los compreender que todos os tipos de textos possuem funções comunicativas e são importantes, independentemente da sua informalidade (VIEIRA, 2005).

Os projetos de leitura e escrita constituem bons caminhos para se alcançarem os objetivos pretendidos pelos professores em sala de aula. Oficinas ou ateliês de produção também são boas ideias, pois a oficina, por exemplo, é uma situação didática onde a “proposta é que os alunos produzam textos tendo à disposição diferentes materiais de consulta, em função do que vão produzir: outros textos do mesmo gênero, dicionários, atlas, jornais, revistas”(PCN, 1987, p. 77). Independentemente do caminho que se siga “o importante, de qualquer forma, é dar sentido às atividades de escrita” (PCN, 1987, p. 77).

As dificuldades, percalços, idas e vindas na educação fazem parte do aprendizado, de alunos, professores e equipe escolar, contudo ao se ter sempre em mente qual é a responsabilidade de cada um diante das situações ocorridas dentro do âmbito escolar, ter-se-á a compreensão de que esse trabalho não é um fardo difícil de carregar, mas uma arte que através da palavra permite iluminar a vida de indivíduos como um todo.

1.3 O letramento e os gêneros textuais na escola

Partindo da ideia de que o ser humano quando passou a tomar consciência da sua existência e dos outros seres humanos refinou-se de tal maneira até fazer da linguagem oral e escrita as suas maiores ferramentas de comunicação, tem-se uma motivação para a reflexão de como essa forma de comunicação oferece um quadro muito mais amplo da capacidade inventiva e social dos seres humanos. Inventiva, porque não houve contentamento apenas com a comunicação; tornou-se necessário que essa troca de informações acontecesse de variadas formas, atendendo às necessidades de uma

sociedade a qual desde sempre está em contínuo processo de mudanças e, em consequência, exigindo formas de comunicação satisfatórias. Escrita e leitura estão, inquestionavelmente relacionadas à evolução humana, pois ambas possuem características como transmitir informações, perpetuar ou revelar novas ideias, refletir ou ressignificar ações individuais ou coletivas, etc., ou seja, escrita e leitura proporcionam ao homem atividades e sensações variadas.

Nesse sentido, é importante esclarecer previamente a relevância da elaboração e construção deste subtópico. Tendo em vista que a proposta da sequência didática, a qual será apresentada no capítulo 3, possui como texto-base uma reportagem, a princípio serão apresentadas algumas breves considerações sobre gêneros textuais, bem como as suas utilizações pelos indivíduos em diferentes situações cotidianas. Após as afirmativas algumas reflexões acerca do gênero reportagem serão elencadas, já que esse será o gênero apresentado na sequência didática.

Deve-se considerar que, enquanto pensamento, a linguagem reflete gostos e sensações pessoais, proporcionando ao ser humano sentimentos sobre aquilo que vê, conhece ou imagina. Suas elucubrações proporcionam-lhe apenas sentimentos individuais, não lhe oferecendo momentos de interação social, isto é, para que essa interação aconteça é preciso acontecer a comunicação ou o diálogo entre os indivíduos. Sobre essa afirmativa tem-se a análise de Bakhtin (1997, p.279; grifos do autor) quando destaca que “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

Sob essa perspectiva é possível compreender de que maneira nascem os gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. A partir do momento em que os indivíduos transpõem suas ideias, conjecturas, solicitações, ordens, entre outros tipos de texto para um ou vários indivíduos, têm-se a socialização do texto e, para cada tipo de socialização humana, o discurso precisa ser adaptado, conferindo-lhe características compreensíveis e adequadas ao momento da fala ou da escrita.

Os gêneros textuais, tal qual ferramentas de trabalho, são instrumentos da linguagem, pois se utilizam de diferentes instrumentos para diferentes trabalhos, assim também acontece com a linguagem, pois como explica Schneuwly e Dolz (2013, p. 21):

Os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é

levado a agir. A intervenção do instrumento – objeto socialmente elaborado – nessa estrutura diferenciada dá à atividade uma certa forma; a transformação do instrumento transforma evidentemente as maneiras de nos comportarmos numa situação.

A utilização dos diferentes gêneros textuais está relacionada com o tipo de discurso que precisa ser utilizado pelo indivíduo em seus diversos momentos da vida. Tem-se, portanto inúmeras maneiras de comunicação, pois ao precisar relacionar-se socialmente, o ser humano criou gêneros textuais relativamente parecidos, utilizando-os de acordo com as necessidades e conveniências de cada situação social, porém essas necessidades modificam-se para atender as convenções de uma sociedade em constante mudança e os gêneros textuais conseqüentemente modificam-se continuamente. Sendo assim, compreende-se que “os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros” (KOCH e ELIAS, 2010, p. 101).

É importante ressaltar que essa capacidade de extensa variação e dinamicidade resulta em uma característica essencial dos gêneros: a possibilidade de adaptações, reinvenções, hibridizações, sempre servindo às diferentes atividades humanas. Tal gama de gêneros textuais vão sendo ampliados e modificados ao mesmo tempo em que as necessidades humanas também vão sendo alteradas, servindo dessa forma, aos anseios e carências dos indivíduos (BAKHTIN, 1997).

Nessa discussão acerca da variedade de gêneros, é preciso explicitar que apesar da variedade ser ilimitada e ter-se a aparição de novos gêneros ou a reinvenção de outros tantos, é preciso compreender que apesar dessas infinitas possibilidades, os gêneros textuais que servem a propósitos parecidos assumem características semelhantes. Em tempo, os gêneros primeiramente são escolhidos a partir da necessidade do indivíduo: “elaboração de uma base de orientação para uma ação discursiva” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2013, p. 23).

Em um segundo ponto, compreende-se que os gêneros possuem características relativamente semelhantes: “eles são caracterizados por um estilo, que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do locutor, mas como elemento de um gênero” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2013, p. 23). Como terceiro ponto de discussão, segundo Bakhtin (1997, p. 279), os gêneros textuais possuem três elementos: o conteúdo temático, que significa as condições específicas e as finalidades de cada uma

das esferas humanas; o estilo verbal, que reflete as escolhas feitas pelo locutor ou escritor no processo da fala ou da escrita, ou seja, são as escolhas gramaticais ou lexicais e, por último, a construção composicional, termo que define a junção das características anteriores.

Sendo assim, pode-se afirmar que embora os gêneros textuais apresentem mudanças compreensíveis e necessárias no seu uso diário, as características primordiais serão sempre reconhecíveis nos variados gêneros textuais, pois se a cada vez que algo fosse escrito ou cada situação de comunicação tivesse que ser inventado um novo gênero textual, os princípios da comunicação social humana seriam, provavelmente impossíveis de serem realizadas (BAKHTIN, 1997).

Diante das afirmativas acima, é possível compreender porque todos os indivíduos de uma sociedade letrada possuem condições de compreender e se relacionarmos mais diversos ambientes pelos quais circulem durante toda a sua vida. Essa capacidade vai sendo assimilada circunstancialmente, de acordo com as experiências individuais e sociais. Isso significa que todos os indivíduos letrados possuem condições de compreender os diferentes discursos e suas intenções comunicativas, mesmo que não possuam o domínio dessas características. Tal capacidade permite a interação social, a comunicação efetiva, a troca de informações e de ideias, em diferentes esferas e ambientes sociais. Conforme Marcuschi (2002, p. 35):

Os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas.

Assim, nas atividades comunicativas o que se espera é a compreensão individual e conjunta para que os atores envolvidos nessa prática consigam expor seus interesses e, conseqüentemente, receber a resposta condizente ao texto comunicativo em questão. Se houver falhas na escolha do gênero utilizado, possivelmente a compreensão será prejudicada, bem como a resposta pretendida pelo interlocutor.

Diante dessas discussões é preciso destacar que os gêneros apesar de serem “relativamente estáveis”, segundo Bakhtin (1997); possuem classificação formal quase impossível de serem definidas; serem inúmeros, surgindo e desaparecendo de acordo com a necessidades dos indivíduos, essa variedade e mutabilidade foi sendo alargada

depois da utilização maciça dos meios de comunicação, principalmente da internet (MARCUSCHI, 2002).

Essa utilização dos meios de comunicação através de material impresso, televisão e internet, proporcionaram aos indivíduos novos formatos de comunicação, portanto, novos formatos de gêneros textuais orais ou escritos. A rapidez com que informações são processadas, ideias são debatidas e, conseqüentemente, a necessidade de resposta rápida transformaram alguns gêneros textuais obsoletos, como por exemplo, a carta pessoal. O correio eletrônico funciona de forma que a informação, a dúvida ou a notícia acontece quase em tempo real. A resposta pretendida pela mensagem também deve acontecer de forma o mais rápido possível, sendo assim qual o sentido prático em utilizar um tipo de texto que demorará muito mais a atingir o seu objetivo, como a carta tradicional? As novidades tecnológicas modificam-se a cada dia e com ela os gêneros textuais. Se antes havia grandes dificuldades em caracterizá-los, com o advento da tecnologia essas variações multiplicaram-se e, possivelmente, multiplicaram-se as formas de composição de um texto, impossibilitando cada vez mais a sua classificação.

Embora se entenda as dificuldades em caracterizar os gêneros textuais, é preciso que se possa distinguir claramente o propósito comunicativo desses diversos gêneros. Sendo assim, segundo Marcuschi (2002, pag. 22; grifos do autor), os gêneros podem ser assim classificados:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos *materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante.

Dessa forma, apesar da extensão de suas características sócio-comunicativas, os gêneros precisam ser compreendidos de forma a tornarem-se ferramentas realmente eficazes no processo de interação social. Como dito anteriormente, todos os indivíduos letrados possuem condições de comunicarem-se em diferentes situações durante a sua vida, utilizando-se de intuição ou observação. Entretanto, apenas esses dois itens são insuficientes para que estudantes tornem-se proficientes na utilização da variedade de

gêneros, necessários ao seu processo de construção do conhecimento e utilização coerente dos mesmos. Para Antunes (2013, p. 60),

a familiaridade dos alunos com a diversidade dos gêneros os deixaria aptos a perceberem e a internalizarem as regularidades típicas de cada um desses gêneros, além de favorecer a capacidade de alterar os modelos e criar outros novos.

Sobre essa questão os PCNs (1997, p. 46) orientam:

Ao propor que se ensine aos alunos o uso das diferentes formas de linguagem verbal (oral e escrita), busca-se o desenvolvimento da capacidade de atuação construtiva e transformadora. O domínio do diálogo na explicitação, discussão, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento de atitude de autoconfiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro. A aprendizagem precisa então estar inserida em ações reais de intervenção, a começar pelo âmbito da própria escola.

Os gêneros textuais, sejam orais ou escritos, estão dentro e fora do ambiente escolar, sendo usados por todos os indivíduos de uma sociedade letrada. Dessa forma, é dever da escola propor atividades que sejam capazes de simular as situações reais vividas no cotidiano, embora se entenda que a própria vivência escolar seja também uma vivência real, já que nesse ambiente, podem-se exercer várias das condições humanas, seja nos relacionamentos, nas descobertas ou no aprendizado conquistados a cada momento escolar. Essa importância social atribuída ao contexto escolar poderá ser considerada uma oportunidade de crescimento ou fracasso pessoal e isso dependerá das situações propostas pela escola como também do desenvolvimento das mesmas.

Os gêneros textuais constituem farta gama de ferramentas para contribuir com o enriquecimento da leitura, escrita e letramento dentro e fora da escola. Oportunizar dentro do ambiente escolar, situações quer sejam reais ou imaginárias de comunicação reforçam a eficiência da comunicabilidade inerente aos seres humanos, mais do que isso habilitam os alunos a se comunicarem coerentemente, a refletirem sobre suas próprias escolhas linguísticas e, possivelmente, a se tornarem aptos a criar ou recriar outros gêneros textuais.

Os alunos devem ter consciência daquilo que leem e escrevem, ou seja, precisam conhecer e reconhecer os gêneros textuais que circulam na sociedade. Para tanto, devem conhecer a estrutura composicional dos textos; sua função; propósito comunicativo; a intencionalidade; de que forma as funções gramaticais poderiam ser realmente

necessárias e úteis, já que precisariam delas para escrever bem e corretamente. Essa junção de conceitos e valores gramaticais seria necessária para que as questões de coerência e coesão fossem esclarecidas, evitando a falta de entendimento ou a compreensão equivocada. O conhecimento da diversidade dos gêneros é uma das formas de proporcionar aos alunos ferramentas necessárias às competências linguísticas orais ou escritas (ANTUNES, 2013).

A proposta do presente trabalho está ancorada na tríade leitura, escrita, letramento e, conseqüentemente, em uma proposta diversificada no que se refere aos gêneros textuais, entretanto a proposta de sequência didática foi delimitada em um gênero: reportagem, mais especificamente com o texto “*Como era uma balada nos anos 60?*”, reportagem publicada na Revista Mundo Estranho (Janeiro, 2013). Essa construção textual pertence ao campo dos textos midiáticos, ou seja, os textos utilizados pelos meios de comunicação; nas palavras de Sodré (2006, p. 7), “a articula o da vida social por média”. O gênero em questão será o ponto primordial na proposta de sequência didática, porém outros gêneros serão trabalhados e desenvolvidos concomitantemente, acreditando-se que aos alunos quanto maiores forem as possibilidades e oportunidades, maiores serão as descobertas e o aprendizado.

Todavia, faz-se necessário algumas considera es acerca dos gêneros midiáticos. As diversas formas de comunica o mudaram drasticamente em poucos anos a vida humana e essa mudança deve-se em grande parte ao avanço da tecnologia. A velocidade e a eficiência gerada por essa tecnologia trouxe inúmeras situa es para a sociedade, entre elas a necessidade de adaptar os antigos gêneros textuais, bem como a necessidade das pessoas em compreender os antigos gêneros textuais em novos formatos. Nos diferentes veículos de comunica o, seja na televisão, rádio, revistas ou internet, gêneros são criados e recriados todos os dias a fim de atender às exigências da humanidade, pois como afirma Pinheiro (2002, p. 262):

A prolifera o de “novos” gêneros certamente está associada aos avanços tecnológicos e à velocidade na comunica o no mundo contemporâneo. A dinamicidade do meio, por interferência ou contamina o, modifica tanto as formas de rela es humanas quanto as formas de representar o mundo através das diferentes linguagens – sonoras e visuais – que, numa grande variedade de textos, frequentemente, co-ocorrem e interagem.

Por essa razão, os gêneros midiáticos não podem ser analisados de forma única e inalterável, já que as mudanças não constituem em uma confusão linguística, antes são

mudanças benéficas que alimentam a troca de informações de modo dinâmico, provando que a língua está a serviço da humanidade, proporcionando-lhe novas experimentações e possibilidades.

Como explicitado anteriormente, os gêneros midiáticos apresentam estruturas dinâmicas, assim, é preciso que o receptor possua condições de realizar uma leitura competente. Estruturas dinâmicas não significam estruturas totalmente novas e desconhecidas, mas antes estruturas apoiadas em gêneros já conhecidos, dessa forma o leitor que conseguia realizar a leitura de uma carta pessoal, por exemplo, terá pouca ou nenhuma dificuldade ao ler a seção carta do leitor de uma revista ou de uma mensagem via internet. Nesse sentido Pinheiro (2002, p. 287) assim pontua a questão:

Os textos midiáticos, enquanto gêneros são formas de representar práticas socioculturais institucionalizadas que envolvem participantes (produtores e receptores), mediados pelo texto, a partir de contratos tácitos que vinculam as duas pontas do processo de comunicação (produtores e receptores), numa incessante tarefa de produção de sentido a partir do querer dizer do produtor e do que é interpretado pelo receptor.

Além dos textos midiáticos, a língua portuguesa oferece aos seus usuários inúmeras formas de comunicação, nos mais variados formatos, proporcionando uma infinita riqueza em suas formas de socialização, repasse de informações, elaboração de ideias, entretenimento, entre outras atividades. Sendo assim, o espaço escolar deveria proporcionar aos seus alunos, condições de interação, conhecimento, reconhecimento, produção ou reprodução de diferentes gêneros textuais. Essa oferta muitas vezes fica restrita ao uso único e exclusivo do livro didático, material que se bem utilizado produz efeitos positivos nos educandos, porém a oportunidade de conhecer outras leituras, muitas vezes só é possível de ser realizada dentro do espaço escolar, em virtude de muitas situações ocorrerem com os diferentes indivíduos que freqüentam a escola. Algumas oportunidades não lhes são dadas por motivos financeiros, de ordem cultural ou social e somente no ambiente escolar essas situações podem e devem ser mudadas. A escola, oferecendo outros tipos de materiais, enriquece o mundo cognitivo, cultural, social do educando e isto será refletido em sua vida como um todo, seja ela estudantil, profissional ou na comunidade em que vive. Como ponto de reflexão os PCNs (1997, p. 30) assim colocam a questão:

Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo

atrás – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.

Diante da afirmativa, justifica-se a utilização de variados gêneros nas atividades escolares, e dentre elas, o gênero reportagem.

A reportagem é um texto jornalístico que possui características importantes e interessantes para o aluno, principalmente no que se refere à informatividade. Possui uma linguagem clara, objetiva, que traz assuntos variados, tratados de forma geralmente imparcial, com o intuito de oferecer informações a respeito de algum tema. O público-alvo é definido de acordo com o veículo de comunicação, ou seja, ao público a que se destina, seja para crianças, jovens ou adultos. Nessa perspectiva, tem-se um texto extremamente versátil, que pode servir como ideia ou como motivação para outros tipos de texto dentro da sala de aula.

Segundo Sodré e Ferrari (1986, p.1), a reportagem é um “gênero jornalístico privilegiado”, pois possui características narrativas, apresentando em sua estrutura elementos como “personagens, ação dramática e descrições de ambiente”, muito embora seja um texto essencialmente objetivo e informativo. Ainda segundo os autores, a reportagem apresenta em sua estrutura elementos característicos da narrativa, pois são apresentados questionamentos análogos às narrativas: como, onde, quando e porque, são questionamentos comuns ao universo dos textos narrativos. Entretanto, a linguagem narrativa das reportagens presta-se somente ao intuito de averiguar os fatos, narrar acontecimentos, esclarecer situações, definir personagens e suas atuações diante do relato apresentado. As situações não podem e não devem ser inventadas como no texto narrativo, em que o autor possui liberdade para criar personagens e situações as mais inusitadas possíveis. Ao texto jornalístico não cabe ser somente verdadeiro, ele deve parecer verdadeiro (SODRÉ e FERRARI, 1986).

Apesar da grande variedade de textos jornalísticos, Sodré e Ferrari (1986) apontam três modelos a serem apresentados: 1) Reportagem de fatos (*fact-story*): que é o relato dos acontecimentos de forma cronológica, ou por ordem de importância dos acontecimentos, esse texto é normalmente caracterizado pela objetividade e conhecido por ser a pirâmide invertida; 2) Reportagem de ação (*action-story*): tipo de reportagem em que o relato é contado a partir do fato menos atraente, e aos poucos os detalhes são

incorporados. Nesse tipo de reportagem é importante envolver o interlocutor de modo que ele se sinta curioso em conhecer o desfecho do relato; 3) Reportagem documental (*quote-story*): o texto mais comum no jornalismo escrito, já que trata do assunto elencado de maneira mais objetiva, intercalando o texto com citações que visam complementar e esclarecer os fatos apresentados.

O texto jornalístico apresenta uma variedade de temas e, embora seja uma leitura rápida e objetiva, permite que a partir dela outras tantas leituras sejam realizadas e aprofundadas, como assim observa Lozza (2009, p. 29): “A leitura de jornal é um possível instrumento de abertura para outras leituras. Ao ler o jornal, cada um pode ser levado a ler mais, a ler a vida, ler e reler, sempre.” Complementando essa posição favorável à leitura jornalística Lelli (2002, p.66) destaca:

As vantagens para o profissional que recorre ao auxílio da mídia impressa, em geral, são inúmeras, pois estará contribuindo para que seus alunos despertem para uma leitura mais ampla do mundo em que vivem, provocando-lhes, desde logo, o sentido da cidadania e, com isso, a compreensão de que podem e devem ser agentes sociais e culturais capazes de contribuir para um mundo diferente.

Argumentando em favor da discussão sobre a importância de se utilizar textos midiáticos em sala de aula, é imprescindível ressaltar as mudanças tecnológicas, a rapidez nas comunicações e o novo sentido de tempo adquirido pela rapidez e brevidade de coisas e situações que acontecem diariamente em todos os lugares do planeta. Nesse sentido, faz-se necessário que essa atualização nos discursos e ações em sala de aula sejam pautadas em mudanças urgentes e recorrentes, no sentido de que apenas os livros didáticos e materiais tradicionais não sejam suficientes para uma educação voltada para o letramento o mais eficaz possível. Jesus (2006, p. 80) expõe de forma contundente a relação homem, tecnologia e comunicação:

Desde a antiguidade, as técnicas juntamente com outros fatores, provocam profundas mudanças na vida social. Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, parece que, cada vez mais, são instaurados novos regimes temporais, caracterizados pela simultaneidade, pela ubiquidade, pela abolição das distâncias físicas em favor de um espaço virtualizado e pelas trocas simbólicas sincronizadas através dos sistemas telemáticos. O fax, a Internet, o e-mail, os sistemas telefônicos móveis e as transmissões via satélite, entre outras tantas tecnologias de comunicação, povoam nossa experiência diária renovando a trama temporal da vida cotidiana, enfatizando ainda mais uma experiência temporal aberta, fluida, desterritorializada e indiferente a uma cronologia, fazendo mesmo da espessa massa moldável apontada por Deleuze uma coexistência do passado e presente em tempo múltiplo.

Dianteddas afirmativas acima, é possível compreender que os seres humanos, mesmo em seus primórdios sempre precisaram comunicar-se, pois é algo natural e inerente aos indivíduos. Durante a evolução humana, variadas formas de comunicação foram sendo concebidas com diferentes intenções, seja no intuito de dinamizar informações, relativizar relacionamentos ou apenas entreter a sociedade, porém, todas elas são criadas como formas de socialização entre os indivíduos.

Na atualidade, com o advento de uma tecnologia que privilegia a rapidez e o maior número possível de informações, o ambiente escolar não pode abster-se de proporcionar experiências variadas de forma a preparar seus alunos para a vivência em sociedade. Essas oportunidades podem ocorrer de muitas maneiras dentro do ambiente escolar, mas dentre elas, a prática da leitura através de textos jornalísticos, que podem ser relacionadas com os mais diversos conteúdos referentes ou não à disciplina de Língua Portuguesa podem fornecer materiais que além de informativos, suscitem ao debate e à reflexão. O texto jornalístico, por exemplo, propicia não só a leitura de variados assuntos, mas também oferece aos alunos o letramento, ou seja, além da leitura, que já é por si só motivo para ser utilizado, como também compreender e relacionar o texto lido a outros textos de assuntos variados. Essa habilidade pode e deve ser adquirida em qualquer disciplina, pois a finalidade sempre é fazer com que os alunos sejam competentes não só no âmbito escolar, mas também em qualquer situação desua vida particular, seja ela estudantil, profissional ou particular.

Em suma, a utilização de textos midiáticos no contexto escolar oportuniza aos alunos encontros com a informação de modo rápido, objetivo, exigindo-lhe como contrapartida, rapidez de raciocínio e informações oferecidas em situações diversas na sua trajetória de vida, seja pessoal ou escolar, ou ainda, tornando-se um interessante ponto de partida para a construção do conhecimento, pois a partir de um texto jornalístico as possibilidades podem ser inúmeras, tanto no que se refere às diferentes utilizações do material em sala de aula pelo professor, como pelo aluno que ao sentir-se instigado, precisará realizar outras leituras para a compreensão do texto apresentado. É exatamente nesse sentido que a educação realmente apresenta o seu maior feito, o de garantir que educandos sejam convidados a construir conhecimento, mais do que isso aprender como e onde conseguiu-lo e, dessa forma, participar ativamente nessa busca incessante e inerente à essência humana.

2. METODOLOGIA

2.1 A pesquisa científica e sua utilização para uma proposta de sequência didática

A pesquisa científica possibilitou ao homem transformar a sua própria realidade, organizando ou reorganizando o meio ambiente e os usos que fazemos dele. Essas modificações se estendem por vários setores, como a agricultura, a utilização dos meios de transporte, a nossa vestimenta e até mesmo a nossa forma de socialização atual com o advento da internet, entre tantas outras inovações que fomos e somos capazes de realizar (BORTONI-RICARDO, 2013)

A pesquisa científica contribuiu para os avanços da humanidade transformando, inovando ou apenas melhorando a vida de uma forma geral. A sua importância é identificada e reconhecida em todos os setores da sociedade e, segundo Macedo (1994, p. 11), a pesquisa científica pode ser assim definida:

É aquela que utiliza o método científico (indução, dedução, elaboração de hipóteses, variáveis...) para mostrar uma dada relação entre fatos ou fenômenos, com o fito de submeter a teste determinada hipótese. É o processo de obter soluções fidedignas para um determinado problema, por meio da coleta planejada e sistemática, análise e interpretação de dados.

Sendo assim, compreende-se que são através das pesquisas que o ser humano é capaz de investigar, renovar ou inovar as informações já estabelecidas, pois conforme destaca Bortoni-Ricardo (2013, p. 12), “o conhecimento científico tem avançado juntamente com a história da humanidade”. Sob essa perspectiva, pode-se compreender a importância da pesquisa científica para a comunidade escolar, tendo em vista os seus propósitos e objetivos, que em grande parte se destinam a compreender, analisar e conseqüentemente melhorar a vida de estudantes, professores e escola como um todo. De acordo com Bortoni-Ricardo (2013, p. 10), “a pesquisa em sala de aula insere-se no campo da pesquisa social”, ou seja, a escola e seus agentes são objetos infinitos de pesquisa já que se trata de seres que precisam se relacionar à medida que produzem e promovem o conhecimento nas mais diversas situações.

Diferentes objetos e variados objetivos são possíveis de serem pesquisados, analisados e discutidos em uma pesquisa científica e, sob essa perspectiva, este trabalho apresenta em sua estrutura, uma pesquisa bibliográfica, porém será complementada com uma proposta que poderá a ser utilizada pelo professor que dessa sugestões se

beneficiar, como pesquisa-ação, visto ser uma sequência didática direcionada ao trabalho do professor com o gênero reportagem em sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa bibliográfica apresenta um objetivo principal que se define segundo Köche (2011, p.123), como sendo uma pesquisa que busca “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa”. Diante da afirmativa compreende-se que a pesquisa bibliográfica funciona, em princípio, como alicerce de qualquer trabalho científico, tendo em vista que a necessidade de realizar leituras referentes ao objeto de pesquisa tornam-se totalmente relevantes no estudo e no resultado daquilo que se está investigando. A pesquisa bibliográfica permite que se conheçam teorias discutidas, analisadas e expostas à comunidade, tornando-a um instrumento de reflexão e fomento para novos debates e ideias. Para Köche (2011, p. 123), pode-se utilizar a pesquisa bibliográfica com diferentes finalidades:

- a) Para ampliar o grau de conhecimentos, em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou a delimitar melhor um problema de pesquisa; b) para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação das hipóteses; c) para descrever ou sistematizar o estado da arte, naquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema.

A pesquisa bibliográfica permite que um tema seja amplamente analisado, refletido e discutido, pois a sua base consiste na leitura e no aprofundamento de conhecimentos, levando-se em consideração as pesquisas já realizadas. A partir dessas reflexões, o pesquisador obterá subsídios suficientes que amparem suas elucubrações, dando-lhe condições de produzir propostas coerentes e satisfatórias no que se refere à prática de ensino. Tendo em vista a importância de um trabalho que reúna características tais como a discussão e a reflexão de um problema, como também propostas sequenciadas que orientem o trabalho do professor no sentido de oferecer-lhe subsídios para modificar ou reorganizar os aspectos observados na pesquisa em questão, o presente trabalho apresentará além da pesquisa bibliográfica, uma proposta de sequência didática baseada nas metodologias elencadas, tornando-se, portanto além de um material enriquecedor para sua prática de ensino, um possível objeto de estudo para uma pesquisa-ação.

A pesquisa-ação por sua vez apresenta características que coadunam com a proposta selecionada para a sequência didática, pois define-se como um trabalho que além de direcionar o olhar do pesquisador para a observação, a análise, a compreensão e a discussão do problema apresentado, contribui para que o pesquisador elabore uma proposta que vise à modificação da situação apresentada. Sendo assim, a relevância da pesquisa interfere diretamente na mudança da situação pesquisada e examinada pelo pesquisador (SEVERINO, 2007).

A pesquisa-ação pode ser assim definida, conforme Thiollent (1986, p. 14):

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O presente trabalho apresenta como objeto da pesquisa bibliográfica a importância da leitura, escrita e letramento no contexto escolar e social dos alunos, entretanto apresenta também uma proposta de intervenção, pois entende-se que estudos, pesquisas e reflexões acerca do tema em questão são de suma relevância no contexto pedagógico escolar. Todavia, a pesquisa aliada à prática pode redimensionar conhecimentos, fomentando estratégias que solidifiquem o aporte teórico até aqui estabelecido. Sendo assim, a proposta de intervenção ora mencionada torna-se pertinente e relevante se utilizada posteriormente como uma pesquisa que apresente como foco um conjunto de ações voltadas para um aprendizado efetivo e significativo, que poderá contribuir de modo dinâmico na estruturação e continuidade do conhecimento dos educandos.

2.2 Proposta de atividades

A proposta de sequência didática que será apresentada no capítulo 3 foi elaborada visando o 9º ano do ensino fundamental. Esse material poderá ser utilizado pelos professores de Língua Portuguesa se, no plano de aula, constar o conteúdo sobre o gênero reportagem. A sequência didática, segundo Oliveira (2013, p. 53):

É um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de

forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem

Dessa forma compreende-se que a utilização de uma sequência didática na aplicação de qualquer conteúdo, sobretudo no conteúdo abordado na proposta, pode propiciar ao professor uma série de atividades planejadas a fim de garantir o uso eficaz da linguagem oral e escrita. Para esta proposta, a aplicação da sequência poderá ser realizada em 15 horas/aula, englobando um bimestre do ano letivo, integrando assim uma parte do conteúdo a ser estudado durante esse período. É pertinente ressaltar que as horas destinadas a cada módulo de atividades são inteiramente flexíveis, tendo em vista as diferentes realidades encontradas no âmbito escolar. Essa flexibilidade está relacionada ainda aos textos motivadores e propostas em torno deles, pois como afirmam Schneuwly e Dolz (2013, p. 93), o conhecimento deve ser construído através de interação e socialização “que supõe a realização de atividades intencionais, estruturadas e intensivas que devem adaptar-se às necessidades particulares dos diferentes grupos de aprendizes”. Isto significa que uma proposta de sequência didática deve ter como princípio fundamental, atividades que atendam às necessidades específicas de um grupo de indivíduos, daí a possibilidade de que uma mesma proposta possa ser modificada de acordo com a clientela a ser trabalhada, embora se saiba que o objetivo será o mesmo para todos os grupos de aprendizes: adquirir conhecimentos e poder fazer uso eficiente deles.

Para a realização da sequência, 2 horas/aula semanais, no mínimo, deverão ser destinadas às atividades propostas, podendo-se alternar a distribuição dessa quantidade compreendendo-se a necessidade do professor e da realização das atividades. Considerando-se que a proposta desta sequência didática refere-se a um conteúdo específico do plano anual curricular, o mesmo deverá ser apresentado, analisado, discutido e devidamente trabalhado por todos os alunos da turma em questão, pois como está ressaltado nos PCNs (1997, p. 23):

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimentos. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Desta forma, compreende-se que a todos os alunos de uma turma devem-se oportunizar momentos iguais e ideais de aprendizado e enriquecimento cultural, embora aspectos pessoais e individuais devam ser observados pelo professor quando as atividades forem propostas, pois nessas situações será possível observar diferentes níveis de assimilação do conhecimento. Algumas situações diversas de aprendizado e assimilação estarão contempladas na proposta de sequência didática.

2.3 Considerações sobre a reportagem e materiais utilizados

Este subtópico tem o intuito de discutir a seleção da reportagem utilizada como texto inicial para o desenvolvimento da sequência didática proposta. A reportagem selecionada foi publicada na *Revista Mundo Estranho*, na edição de janeiro de 2013. A ME (Mundo Estranho), como é nacionalmente conhecida pelo público jovem é publicada desde agosto de 2001 pela Editora Abril. Iniciou como um especial da revista *Superinteressante* que também é uma publicação da referida editora. Devido a uma aceitação extremamente positiva do público, a ME tornou-se uma revista de circulação nacional, atingindo em abril de 2011 uma tiragem de 143 mil exemplares, e ainda, nesse mesmo ano foi eleita Revista do Ano, no Prêmio Abril de Jornalismo. Possui além da publicação tradicional, várias edições especiais com diferentes temáticas. A revista, bem como a Editora a que pertence, possui como missão “contribuir para a difusão da informação, cultura e entretenimento, para o progresso da educação, a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento da livre iniciativa e o fortalecimento das instituições democráticas do país”¹

A revista apresenta várias seções que valorizam as descobertas e curiosidades científicas e culturais, além das questões e motivações sociais dos seres humanos de forma dinâmica e interativa. Nas várias seções apresentadas, uma se destaca pela proximidade com o leitor, já que é baseada em perguntas e curiosidades dos próprios leitores. A revista recebe os questionamentos, seleciona e responde às perguntas de modo objetivo, científico e divertido. Entre variadas perguntas, o presente trabalho apresenta como escolha para a realização da proposta da sequência didática a reportagem desenvolvida pela revista a partir da pergunta “*Como era uma balada nos anos 60?*”.

¹Fonte: <http://www.grupoabril.com.br/missao-e-valores>. Acesso em 13 mai. 2014.

Antes de explicitar os motivos da escolha dessa reportagem é preciso discutir que inúmeros modelos e tipos de reportagens circulam pelos meios de comunicação, seja na forma escrita ou oral, mas este trabalho prioriza a utilização da reportagem através da linguagem escrita. O texto em questão faz parte do gênero discursivo reportagem de revista; segundo Silva (2012, p. 9), o objetivo desse tipo de texto é de “apresentar informações e novas abordagens a respeito de um determinado assunto”.

É pertinente observar que o esquema de uma reportagem não é rígido, ou seja, a sua dinâmica pode e deve ser alterada dependendo do enfoque que se queira obter utilizando determinados dados ou ilustrações, desse modo, pode-se utilizar diferentes formatos de distribuição dos textos e de imagens que acompanham as informações. Nesse sentido, Silva (2012, p. 18) afirma que a reportagem “é um gênero considerado ‘problemático’, pois se trata de uma atividade social que não possui definição clara dentro do campo lingüístico, tampouco na literatura do jornalismo”.

Ainda sob essa perspectiva, é válido ressaltar que estudiosos como Kinderman e Bonini (2006) e Charaudeau (2009) entendem que a reportagem apresenta como propósito comunicativo informar, analisar ou mesmo realizar um desdobramento sobre um determinado assunto, não estando, portanto, a reportagem atrelada a um assunto do momento. Sendo assim, a reportagem torna-se mais comum em revistas e edições específicas de jornais ou revistas, pois para que o jornalista possa realizar um bom trabalho é necessário que ele realize pesquisas, entrevistas, ou seja, faça um bom levantamento de dados para que o texto atinja seu objetivo maior: informar, enriquecer, despertando a curiosidade e o interesse do leitor (SILVA, 2012).

Foi mediante tais perspectivas que a escolha do texto utilizado na sequência didática foi pautada. Observou-se a dinamicidade da reportagem em utilizar a distribuição das informações, de forma organizada, porém com um toque divertido e atraente para o leitor jovem, utilizando para tanto, imagens que acompanham a leitura, fortalecendo o interesse e a compreensão leitora, além de proporcionar conhecimento ou reconhecimento de elementos que marcaram uma época. O tema aborda um período da história da humanidade, através de um foco aparentemente banal, mas que torna-se objeto de interesse, talvez em princípio como forma de comparação às baladas dos tempos atuais, mas se bem analisado passa a ser objeto de análise de ordem social, política ou cultural e permite que o leitor reflita sobre um período que ele não vivenciou, mas que ao mesmo tempo faz parte da história de seus antepassados. Todas as análises que podem ser realizadas através do texto em questão poderão

transformar meras informações em motivo de curiosidade, análise e pesquisa enriquecendo, dessa forma o repertório do aluno, tornando o ato de ler e escrever em um letramento efetivo e real.

Para a elaboração da sequência didática, além do texto-base, a reportagem tratada no item anterior, outros subsídios foram selecionados para fomentar e direcionar o aprendizado dos alunos. Esses elementos serão discriminados a seguir:

1. Imagens dos anos 60: artes, propagandas, moda e linguagem. Este material poderá ser utilizado como forma de situar os estudantes no contexto da reportagem, observando as características, costumes e realidades vividas nos anos 60, preparando-os para o assunto que será discutido quando o texto posterior for apresentado.
2. Atividades complementares, com músicas, documentário, filme, ou seja, elementos que traduzem uma época com muitas transformações na sociedade, dessa forma, tornando-se peças importantes no acréscimo de informações ao texto principal, propiciando discussões, debates e reflexões sobre as situações vividas, suas conseqüências e relações com os dias atuais;
3. Reportagens diversas selecionadas em diferentes revistas: Revista Super Interessante, Revista AutoEsporte, Revista Galileu, Revista Placar e o Jornal Diário do Nordeste. A utilização de diferentes veículos de comunicação deve-se ao fato de que é de suma importância que aos educandos ofereça-se o maior número possível de informações, ou seja, proporcionando-lhes oportunidades de abrangência de conhecimentos, garantindo que os mesmos compreendam que o gênero em questão é usado por diferentes revistas e jornais e em formatos diferenciados, observando-se o público-alvo e seus interesses. A Super Interessante é uma revista com assuntos variados de pesquisas e descobertas científicas, destinando-se a um público jovem que se interessa por temas atuais da ciência e da humanidade. A AutoEsporte apresenta matérias relacionadas a diferentes tipos de automóveis, oferecendo informações sobre os veículos e suas propriedades automobilísticas, destinando-se primordialmente aos aficionados ou interessados no assunto. A Galileu apresenta exemplares que revelam a ciência utilizando-se de uma linguagem técnica e científica e destina-se aos amantes da ciência. A revista Placar traz como foco temas e assuntos relacionados ao futebol no Brasil e no mundo, sendo, portanto destinada a um público que possui interesse nesse esporte. Por fim, o jornal Diário do Nordeste é uma publicação diária que além de apresentar os fatos ocorridos em diversas localidades, enfatiza e trata com mais profundidade os fatos ocorridos no Nordeste brasileiro, seja na política, na cultura, no esporte ou no comportamento humano.

Todos os veículos apresentados acima possuem diferentes modos de organização, público-alvo, linguagem, porém todos possuem a mesma intenção primordial que é de informar o leitor.

2.4 A organização da sequência didática

Este trabalho possui como base teórica os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013), Oliveira (2013) e PCNs (1997), dentre outros. Dessa forma a sequência didática é apresentada com base no esquema proposto pelos autores a qual consta de: 1) Apresentação da situação; 2) Produção inicial; 3) Módulos; 4) Produção final; 5) Avaliação. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 82), entende-se que:

É possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares. Uma proposta como essa tem sentido quando se inscreve num ambiente escolar no qual múltiplas ocasiões de escrita e de fala são oferecidas aos alunos, sem que cada produção se transforme, necessariamente, num objeto de ensino sistemático. Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

Observando os aspectos apontados pelos autores, o presente trabalho está organizado com uma Apresentação da situação, a Produção inicial, 3 Módulos e a Produção Final, a saber:

- 1) A Apresentação da situação:
 - consiste em motivar os alunos, bem como explicar a proposta de trabalho a ser desenvolvida, ou seja, na culminância do projeto, que se configurará na produção escrita final e apresentação de diferentes trabalhos para a comunidade escolar;
 - Sugestão complementar: realização de uma entrevista com familiares ou pessoas de gerações anteriores.
- 2) A produção inicial
 - Apresenta a proposta de uma produção escrita individual a fim de se observar o conhecimento prévio que os alunos possuem sobre o gênero reportagem;

- Sugestão complementar: a) Audição da música “Como nossos pais”, composta por Belchior e interpretada por Elis Regina; b) Filme: “Hairspray”, dirigido por Adam Shankman.

3) Módulo 1

- Neste módulo, as atividades serão voltadas para a construção e sistematização do aprendizado sobre o gênero reportagem;
- Através do texto “Como era uma balada nos anos 60”, os alunos poderão compreender as características do gênero reportagem;
- Formação das equipes de trabalho.
- Sugestão complementar: Audição das músicas: “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones”(Os Incríveis);Tropicália (Caetano Veloso); Sugar, sugar (The Archies);I wannaholdyourhand (The Beatles); Solicitar que os alunos assistam a um documentário sobre Festival de Música dos anos 60: “Uma noite em 67”. Disponível em: <http://www.youtube.com>;
- Intervalo: a sugestão é que as equipes reúnam-se no contra turno para discutirem como será o trabalho produzido e definirem funções e tarefas de cada integrante observando-se os prazos previamente estabelecidos. O resultado da reunião deverá ser apresentado ao professor.

4) Módulo 2

- Neste módulo serão propostas atividades a partir de variados veículos de comunicação, como por exemplo, o reconhecimento das características de uma reportagem;
- Sugestão complementar: realização de uma pesquisa sobre a poesia brasileira nos anos 60: Ferreira Gullar, Thiago de Mello, Décio Pignatari e Paulo Leminski.
- Intervalo: a sugestão é que as equipes reúnam-se para produção da reportagem, realização de ensaios (teatro, dança, música), produção de elementos gráficos que acompanham a reportagem (desenhos, quadrinhos, entrevistas, gráficos, tabelas), organização das apresentações. O resultado da reunião deverá ser apresentado ao professor.

5) Módulo 3

- Neste módulo, as atividades são direcionadas no sentido de avaliar e reavaliar as produções e trabalhos realizados;
- Na primeira avaliação a proposta é recapitular, se necessário, os aspectos relacionados à reportagem, observando se os educandos assimilaram o conteúdo, se conseguem utilizar eficientemente os elementos estudados e se possuem domínio na utilização da gramática normativa, necessária para uma boa execução textual;
- Apresentação de algumas atividades de intervenção que se fizerem necessárias à conclusão das atividades;
- Sugestão complementar: Solicitar que os alunos pesquisem e conheçam as diferentes manifestações artísticas dos anos 60, a Pop Art e seus principais representantes: Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Antônio Dias, Rubens Gerchman e Cláudio Tozzi.
- Intervalo: uma comissão representante da turma se reunirá para conversar com o núcleo gestor, expondo as propostas do trabalho, data e horários previstos, no intuito de acordar todos os itens referentes à realização do evento.

6) Produção Final

- Na etapa final, será necessário considerar todos os aspectos trabalhados durante a sequência didática, observando se os trabalhos estão coerentes e condizentes com a temática em questão;
- Propor um formato para a organização das apresentações, ou seja, o momento da culminância, definindo-se responsabilidades e tarefas;
- Como forma de dar sentido às produções e trabalhos realizados, a apresentação visa à interação e à socialização dos conhecimentos adquiridos;
- Sugestão complementar: elaboração de uma grade de avaliação que deverá ser socializada com os alunos, considerando-se: a) a primeira produção textual, b) a dinâmica de trabalho dos grupos; c) resultado final.

7) Avaliação

- Nessa etapa, poderá acontecer a avaliação do processo de aprendizagem como um todo, contando-se com a participação dos

alunos. Nesse sentido pode-se avaliar a própria participação, a participação dos outros, as produções escritas, a metodologia utilizada e o material selecionado. Todas as avaliações, tanto dos alunos quanto do professor devem ser socializadas e compartilhadas a fim de que todos possam opinar e conhecer sua participação e aprendizado.

É válido ainda ressaltar que a avaliação dos alunos acontece em todos os momentos, seja nas propostas de pesquisa, debates e produções orais ou escritas. Desde a primeira produção, ao professor serão dadas informações a respeito das condições de escrita e oralidade de seus alunos. A partir dessas considerações que só poderão ser feitas pelo professor é que será possível a continuação da sequência, bem como da sua completa execução, pois como afirma Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 91), “a avaliação é uma questão de comunicação e de trocas. Assim, ela orienta os professores para uma atitude responsável, humanista e profissional.”

3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3.1 Características de uma sequência didática

As atividades rotineiras e cotidianas em uma sala de aula são de certa forma todas organizadas com o intuito de fazer com que os alunos apropriem-se dos conteúdos estipulados para o ano letivo, tornando-os proficientes em relação às propostas selecionadas pelo projeto pedagógico. Contudo, alguns assuntos ou gêneros textuais selecionados para a disciplina de Língua Portuguesa parecem estar distantes daquilo que os alunos costumeiramente utilizam em seu dia a dia. A leitura de uma poesia, por exemplo, muitas vezes não faz parte da rotina de jovens estudantes talvez por essa razão, muitos desses conteúdos ou gêneros textuais se tornam de difícil compreensão ou mesmo objeto de interesse para os educandos. Diferentemente de uma música popular, gênero que agrada a quase todos os jovens, a poesia requer muito mais atenção, sensibilidade e capacidade de interpretação que algumas músicas populares, pelo menos em tese.

Apesar da valorização e reconhecimento da importância nas mais variadas formas de comunicação, mesmo as extremamente informais, o fato é que o corpo discente precisa conhecer e apoderar-se também de outros formatos de textos mais formais satisfazendo, dessa forma, as necessidades que virão na vida em sociedade, seja ela pessoal, intelectual ou profissional.

Nas situações em que a complexidade dos conteúdos exige um planejamento prévio, elaborado e que resulte em eficiência, as sequências didáticas surgem como uma possibilidade de se garantir os resultados esperados em sala de aula. Essa metodologia surgiu na França no início dos anos 80 e inicialmente encontrou resistência de educadores e teóricos franceses. Porém, após os resultados das pesquisas apresentarem dados satisfatórios, novas expectativas e inovações surgiram no meio acadêmico e pedagógico. Naquele país a língua materna era ensinada de modo que os elementos de análise da língua eram totalmente distintos; a ortografia, a sintaxe e outros termos linguísticos eram aplicados de modo totalmente separado, tornando dessa maneira o ensino e o aprendizado da língua francesa totalmente fragmentada. No Brasil, após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na década de 90, a sequência didática começou a ser utilizada em diferentes áreas do conhecimento e

entendida como uma ferramenta de apropriação da língua de forma mais abrangente, já que sua principal metodologia está no estudo de texto (OLIVEIRA, 2013).

A sequência didática apresenta em sua proposta, meios para o conhecimento e/ou reconhecimento das expectativas e necessidades dos alunos, já que se pauta através de uma sondagem inicial, apresentando aos educandos o projeto do trabalho a ser desenvolvido, os módulos de atividades e, por fim, um trabalho de avaliação e informação dos avanços e dificuldades superadas pelos alunos através das propostas que forem sendo desenvolvidas durante a sequência didática. Oliveira (2013, p. 54) assim define os passos a serem seguidos em uma sequência didática:

- Escolha do tema a ser trabalhado;
- Questionamento para problematização do assunto a ser trabalhado;
- Planejamento dos conteúdos;
- Objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem;
- Delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados.

Sob a mesma perspectiva situa-se o trabalho de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 82), que definem as sequências didáticas como sendo “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.”, ou seja, as sequências didáticas oportunizam ao professor, ao mesmo tempo em que as informações sobre um determinado conteúdo são transmitidas, seqüenciar atividades motivadoras de escrita, leitura, pesquisa em torno do gênero selecionado, seja ele na forma escrita ou oral. Ainda sobre esse assunto, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 83) esclarecem: “as sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis”.

Em consonância com a importância de se desenvolver nas escolas uma prática baseada no planejamento e com objetivos definidos, os PCNs (1997, 45-46) assim orientam:

A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas (...) por constituir-se uma ação intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo. A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. Para tanto ainda é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. A escola,

por ser uma instituição social com o propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos.

Nesse sentido, fica clara a posição dos PCNs quanto ao uso de um modo sistemático e organizado de ministrar conteúdos, ou seja, a utilização de uma metodologia que esteja direcionada para o aprendizado e contemple o desenvolvimento sócio-cultural dos alunos, visto que permitirá aos mesmos, possibilidades de efetivo enriquecimento educacional em variados âmbitos e quesitos escolares. Assim, ao se contextualizar e compreender os interesses dos PCNs é possível fundamentar a utilização da sequência didática em sala de aula como ferramenta que permita ao professor visualizar as dificuldades de seus alunos de modo real e utilizar essa metodologia para elevar os índices de aprendizado de todos os educandos.

Diante disso, o presente trabalho terá como principal aporte teórico os estudos realizados por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013), compreendendo-se que os estudos dos teóricos citados contemplam as ações necessárias para a aplicação da sequência didática proposta no tópico seguinte. Dessa forma, a seguir, serão explicitadas as características dos esquemas das atividades, bem como a ordem de aplicação sugerida pelos autores.

Para auxiliar o trabalho pedagógico no sentido de sistematizar o conteúdo e facilitar a compreensão dos alunos, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 83) apresentam um esquema de sequência didática. Esse esquema apresenta quatro pontos essenciais: 1) Apresentação da situação; 2) Produção inicial; 3) Módulos e 4) Produção final. Cada um desses itens exerce uma função que promove um planejamento e execução adequados de atividades, visando na culminância de resultados satisfatórios.

Como o próprio nome indica, a apresentação da situação é o primeiro momento em que será tratado o gênero escolhido, “é uma atividade emocional, por meio da dialogicidade entre professor e alunos” (OLIVEIRA, 2013, p. 79) e, ainda conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 84):

A apresentação da situação visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final. Ao mesmo tempo, ela os prepara para a produção inicial, que pode ser considerada uma primeira tentativa de realização do gênero que será, em seguida, trabalhado nos módulos. A apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada.

Observa-se que, nesse primeiro momento, torna-se essencial uma explanação eficiente sobre as etapas do processo que será executado, bem como as suas finalidades. Para que essa primeira etapa seja realizada eficazmente, faz-se necessário que seja definido o problema de comunicação, ou seja, qual é a situação de comunicação e o problema a ser resolvido. Nesse problema, deve estar claro o gênero a ser trabalhado, a quem se destina a produção textual ou oral, de que forma acontecerá a apresentação e quem participará dela.

Além dessas definições é importante que os alunos consigam perceber a importância e a relevância dos conteúdos que serão estudados, além de tomarem ciência daqueles que serão necessários à construção das atividades propostas e produção final, entendendo que ideias e conceitos só serão formulados e aprendidos se conseguirem absorver assuntos relacionados à disciplina em questão, bem como outros assuntos interdisciplinarmente (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2013). Ainda sob essa perspectiva é importante salientar que segundo Oliveira (2013, p. 79), nesse primeiro momento, “o que se pretende é uma sondagem inicial quanto às concepções dos diferentes grupos sobre a temática que se pretende estudar.” Será nesse ponto que o professor poderá perceber o conhecimento prévio que os alunos possuem sobre o assunto em questão, aquilo que já trazem em sua bagagem de conhecimento acadêmico e cultural.

Em um segundo momento, acontece a proposta para a primeira produção, seja ela na forma oral ou escrita. Essa proposta está alicerçada naquilo que o aluno espera e conhece sobre o assunto, além de fornecer elementos essenciais ao trabalho do professor e na elaboração ou reelaboração da sequência didática. Não é esperado que nesse primeiro texto oral ou escrito, os alunos atendam a todos os requisitos do gênero em questão. Entretanto, se a apresentação inicial for bem explicada e compreendida, os alunos conseguirão produzir textos satisfatórios, que estejam de acordo com os elementos básicos do gênero a ser trabalhado, pois como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 86), essa primeira produção permite definir “o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno tem ainda a percorrer”, ou seja, nesse momento, ao professor é dada a oportunidade de conhecer as vantagens e as fragilidades dos alunos. Daí, ao tomar conhecimento das situações, eles podem reavaliar a sua sequência didática, seguindo o que foi planejado ou refazendo os caminhos, de modo a garantir a eficácia do aprendizado (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY 2013).

Quanto à proposta da primeira produção, a orientação é que seja em formato simples, claro e objetivo, objetivando tão e somente para caráter avaliativo exclusivo do professor, no sentido de melhor planejar a sequência didática, não servindo, portanto, em caráter avaliativo dos alunos, portanto, o professor não deverá atribuir uma nota para essa primeira produção. Essa proposta pode servir como parâmetro para os próprios alunos, fazendo com que os mesmos reflitam sobre as suas deficiências e necessidades de aprimoramento e mudanças a fim de alcançarem um resultado positivo na produção final.

Através da primeira produção, o professor poderá além de avaliar seus alunos, planejar atividades que o auxiliem na redução das deficiências encontradas, e é nessa linha de pensamento que, segundo Oliveira (2013, p. 79), é da competência do professor, “planejar a sequência de atividades para avançar quanto à fundamentação teórica do tema em estudo, para que se adquiram subsídios para a construção de um novo conhecimento”. Reforçando a afirmativa, compreende-se que o professor deverá planejar a sequência didática visando sempre a ultrapassagem das dificuldades dos alunos, tornando-se responsável pela aquisição de conteúdos de seus alunos. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 87), definem a produção inicial:

A produção inicial é igualmente o primeiro lugar de aprendizagem da sequência. Com efeito, o simples fato de “fazer” – de realizar uma atividade delimitada de maneira precisa – constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem, sobretudo se o problema comunicativo a ser resolvido ultrapassa parcialmente as capacidades de linguagem dos alunos e confronta-os, assim, a seus próprios limites. (...) Isso permite introduzir uma primeira linguagem comum entre aprendizes e professor, ampliar e delimitar o arcabouço dos problemas que serão objeto de trabalho nos módulos.

Sob essa perspectiva, entende-se que a primeira produção visa a um primeiro contato com o gênero a ser trabalhado de forma a observar os níveis de familiaridade que os alunos já possuem em relação às características e ideias em torno do gênero a ser estudado.

A sequência didática tem continuidade com a utilização dos módulos. Esse instrumento permite ao professor progredir com os seus objetivos, pois como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 89):

Realizando os módulos, os alunos aprendem também a falar sobre o gênero abordado. Eles adquirem um vocabulário, uma *linguagem técnica*, que será

comum à classe e ao professor e, mais do que isso, a numerosos alunos fazendo o mesmo trabalho sobre os mesmos gêneros.

Os módulos deverão conter atividades que abordem as dificuldades encontradas na primeira produção textual, sendo assim a primeira produção inicial dará subsídios suficientes ao educador para planejar, organizar e executar ações que fortaleçam o aprendizado escolar (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2013).

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 88): “produzir textos escritos e orais é um processo complexo, com vários níveis que funcionam, simultaneamente, na mente de um indivíduo.” Dessa forma, o professor deve ser o mais claro e objetivo possível, ter a certeza de que os alunos compreenderam e quais os passos que deverão ser seguidos para a execução da sequência didática.

Nesse sentido, o aluno deverá estar consciente de várias situações que irão acontecer durante as atividades selecionadas para a sequência didática, em tempo: 1) a finalidade do texto a ser produzido, ou seja, o porquê de se produzir o texto proposto: para divertir a comunidade escolar, para socializar informações obtidas através de pesquisas, para conscientizar a sociedade sobre doenças; 2) para quem o texto será destinado, isto é, a quem serão destinadas as produções realizadas, se para outros alunos, se para a comunidade escolar ou mesmo para a comunidade local; 3) da sua posição enquanto autor do texto, pois nesse momento o aluno deverá compreender seu papel enquanto escritor de um determinado gênero textual, sabendo levar em consideração o que de fato importa e interessa aos leitores de sua produção textual; 4) as características do gênero a ser trabalhado, ou seja, o educando só poderá executar eficazmente as ações acima mencionadas, quando possuir o domínio do gênero em questão, compreendendo as suas particularidades, utilizando uma linguagem apropriada, com argumentações consistentes e coerentes. Além das questões observadas, o aluno precisa ainda ser bem orientado no sentido de ser capaz de encontrar subsídios através de pesquisas, além de conseguir introduzi-los de modo pertinente no trabalho em desenvolvimento (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2013).

Para as propostas de elaboração do módulo, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 89) assim orientam:

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possível, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos aumentando, desse modo, suas chances de sucesso.

Diante da afirmativa acima, é de suma importância observar que além das variações nas propostas de atividades, o professor esteja atento para três pontos essenciais. O primeiro refere-se à escolha de atividades que sejam marcadas pelo uso de textos que representem o gênero em questão, seja na íntegra ou em um formato resumido, dando oportunidade aos alunos de conhecerem variados textos do mesmo gênero, além de poderem comparar textos diferentes na organização da estrutura, porém semelhantes quanto às características do gênero em foco. Como segundo ponto a ser observado, algumas atividades devem priorizar atividades simplificadas como o uso de textos que precisem ser completados, que precisem ser reformulados e transformados ou mesmo reescritos para outro destinatário. Como último ponto a ser discutido, o professor precisa orientar os alunos de modo que todos possam discutir em uma mesma linguagem seus textos, os textos dos colegas e o material a ser trazido para o debate e utilização em sala de aula, em tempo, o professor deve disponibilizar a todos os alunos o máximo de informações possível sobre o gênero a ser trabalhado, dando aos educandos instrumentos precisos quando precisarem realizar análises e estudos. Essas informações deverão constar no repertório de todos os alunos e essa situação deverá ser garantida pelo professor. Essa metodologia segue por toda a sequência e será absorvida durante as aulas nas propostas oferecidas aos alunos. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2013)

A sequência didática apresenta ainda uma proposta que coaduna com outros aspectos interessantes quando da sua realização, que seria a produção final através de um momento de culminância, momento em que os alunos apresentam as suas produções para uma comunidade, seja ela formada por professores, coordenadores ou toda a comunidade escolar, pois segundo Oliveira (2013, p. 80), seria interessante que:

Após o trabalho de aprofundamento teórico alicerçado em uma das teorias da aprendizagem e/ou propostas de metodologias de ensino, por meio de estudo e reflexões de artigos científicos, livros e documentos oficiais pertinentes ao tema, é importante que alunos e/ou participantes de diferentes grupos apresentem como resultado final da SDI a construção de textos, artigos científicos, painéis, seminários, hipertextos e outras produções segundo a criatividade dos grupos.

O maior objetivo da sequência didática é possibilitar ao aluno condições de elaborar e produzir um texto final condizente com as características apresentadas sobre o gênero estudado, o que significa que o educando tornou-se apto a produzir em situações fictícias ou reais aquilo que foi orientado durante todos os passos da sequência,

pois segundo Oliveira (2013, p. 83), a sequência didática é uma “sistematização dos saberes já existentes para construção do conhecimento da realidade em estudo ou ainda objetivando a produção de um novo conhecimento, e/ou saber”.

Na produção final também é possível que o educador obtenha elementos suficientes para formular uma avaliação efetiva e verdadeira a respeito do desempenho do aluno, ao mesmo tempo em que é possível orientá-lo a tecer considerações a respeito da sua própria participação e níveis de aprendizado. Em relação a essa avaliação faz-se necessário a utilização de critérios previamente combinados e esclarecidos, de modo que o educando possa refletir sobre suas escolhas. Essa avaliação ainda permite que o professor possa reorganizar novas intervenções, na medida em que seja detectado que alguns pontos não foram bem esclarecidos ou assimilados a contento (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2013)

Diante das discussões apresentadas, entende-se que o trabalho bem direcionado utilizando a sequência didática tende a resultar em trabalhos consistentes e relevantes que garantam o sucesso no que se refere ao ensino-aprendizagem. Sobre o uso dessa metodologia, Rojo e Moura (2012, p. 79) apontam:

Uma sequência didática com objetivos bem delimitados, pode auxiliar os alunos a conhecer, a interagir e a produzir o gênero que estiver sendo estudado, percebendo analiticamente os elementos recorrentes e os que divergem do padrão recorrente.

Em suma, a motivação deve acontecer de forma a gerar expectativas e necessidades. Na realização da proposta inicial, o professor tem a chance de modular a sua sequência didática, formulando novos módulos ou reformulando outros, para que as necessidades detectadas sejam atendidas e trabalhadas. Nos módulos, serão propostas uma série de atividades que podem explorar o trabalho com a oralidade e com a escrita favorecendo o desenvolvimento intelectual, lingüístico e lexical do aluno, proporcionando-lhe uma maior consciência de suas capacidades e necessidades e, conseqüentemente, maiores chances de sucesso escolar. Com a produção final, o professor poderá avaliar se os objetivos foram atendidos, ou seja, se as características do gênero foram assimiladas, se houve apropriação do conhecimento e, diante dessa avaliação, é possível rever ou manter os direcionamentos elencados nessa sequência didática.

3. 2. A reportagem: uma proposta de sequência didática

A escola deve oferecer aos alunos durante os anos escolares a maior quantidade possível de textos orais ou escritos em seus variados gêneros, fornecendo aos educandos materiais que priorizem um aprendizado tendo em vista a vivência acadêmica e social voltada para o contexto escolar, mas também prepará-los para a vida em sociedade. Nesse sentido, é pertinente iniciar a discussão com uma afirmativa dos PCNs (1997, p. 30) quando apontam que a escola deve “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los”. Essa proposição reafirma o caráter formador da escola, na acepção total da palavra, atribuindo aos seus participantes, principalmente aos professores, uma extensa responsabilidade enquanto tutor de conteúdos, mas também responsáveis em grande parte no que se refere à formação intelectual, cultural e emocional de seus alunos.

Pensando por esse prisma, a presente proposta de sequência didática priorizou a utilização do gênero reportagem, não significando que outros gêneros e formatos de textos não serão utilizados, ao contrário, ao texto jornalístico selecionado como texto-base serão adicionados outros gêneros que possam reforçar os conteúdos e informações presentes na reportagem escolhida. O que se pretende é aproximar os alunos do gênero reportagem, fazendo com que eles não só conheçam e saibam diferenciar ou descrever o que é uma reportagem, mas também compreendam e participem do processo de elaboração desse tipo de texto, orientando-os de modo a sentirem-se capazes de também serem produtores dessa modalidade textual, oferecendo-lhes além do domínio do conteúdo, um sentido para as leituras e para as produções textuais ou orais.

É ainda oportuno salientar que o gênero a ser trabalhado está contemplado na maioria dos planos curriculares do 9º ano do ensino fundamental. Apesar de não se tratar de uma regra, esse gênero aparece com bastante frequência nos livros didáticos voltados para a série em questão. Por tratar-se de um gênero interessante, dinâmico e que faz parte do cotidiano dos alunos, ele poderá ser contemplado nas aulas de língua portuguesa se o professor considerar oportuno e relevante.

Inúmeros textos jornalísticos circulam na mídia brasileira, em diferentes veículos de comunicação, tais como, jornais, revistas, periódicos, impressos ou através de endereços eletrônicos da internet. A reportagem possui um cunho jornalístico, caracterizando-se como um tipo de texto que pode abordar variados assuntos, de forma mais aprofundada e elaborada. Ao texto principal, o escritor pode agrupar variadas

informações em formatos diferenciados, como resultados de pesquisa, entrevistas, gráficos, desenhos, fotos, tornando o texto dinâmico e interativo.

O gênero reportagem permite a leitura de informações previamente pesquisadas e organizadas por profissionais, destinando-se a um público específico, portanto é o destinatário quem irá definir o formato e, principalmente, a linguagem do texto. Esse tipo de texto possui algumas classificações, porém por sua dinamicidade, diferenças e hibridizações, o gênero que será trabalhado na sequência didática fica sendo denominada como gênero discursivo reportagem de revista, tendo em vista o seu alto grau de informatividade e abordagens inovadoras (SILVA, 2012).

Com relação à faixa etária dos alunos que cursam o 9º ano do ensino fundamental do curso regular, há uma variação entre 13 e 15 anos, tratando-se, portanto, de jovens adolescentes. Nesse período da vida muitos interesses ocorrem, muitas distrações de ordem pessoal, tecnológica, familiar acompanham o cotidiano desses estudantes e faz-se necessário um constante trabalho do professor no sentido de motivar, despertar o interesse e a consciência da necessidade de aquisição de conhecimentos e conteúdos escolares ou extra-escolares, pois como atestam Kauark e Muniz (2011, p.16):

O professor estará sendo sempre desafiado a motivar-se para construção e reconstrução de novas competências. Assim, será necessária uma mobilização de saberes, por parte dos professores, para garantir o seu envolvimento e o de seus alunos nos processos de ensino e aprendizagem e desenvolver a docência com qualidade e significância ao contexto vivenciado. Dentre essas competências, a criatividade, a inovação e as relações por excelência, ética, motivação e interdisciplinaridade irão validar o fazer docente para excelência.

Diante do quadro apresentado, a proposta de sequência didática desse trabalho terá como texto-base uma reportagem publicada em uma revista de circulação nacional, denominada “Mundo Estranho”. A publicação é realizada pela Editora Abril mensalmente possuindo também, algumas edições extras com variados temas. A revista é direcionada ao público adolescente tratando de inúmeros assuntos, trazendo explicações científicas, dados históricos, além de curiosidades típicas voltadas para a faixa etária anteriormente mencionada.

A proposta desses exemplares constitui-se no despertar da curiosidade, ou seja, suas seções vão desde respostas a diferentes dúvidas dos próprios leitores, quer sejam amenidades ou temas polêmicos, até curiosidades sobre comportamento, moda, cultura, religião, entre outros. Além desses fatores, os exemplares apresentam um *design* gráfico com desenhos, imagens, tabelas, infográficos elaborados de forma a dinamizar e a

despertar o interesse pelos assuntos tratados. Entre variadas seções, reportagens e assuntos o texto-base será uma reportagem intitulada “Como era uma balada nos anos 60?”.

O texto mencionado apresenta em sua estrutura fatores que favorecem a sua utilização como ferramenta de aprendizado. A linguagem textual é o primeiro deles, já que se utiliza de elementos próximos à linguagem dos adolescentes, além de utilizar um vocabulário leve, divertido, ao mesmo tempo em que informativo e educativo. Tal tipo de linguagem, que não é muito distante da realidade dos alunos, pode fazer com que os educandos sintam-se competentes e também interessados na leitura, proporcionando, dessa forma, uma base para a leitura bem como o estudo de textos mais complexos e profundos acerca do assunto tratado.

Sob o ponto de vista do assunto tratado na reportagem é importante ressaltar a interdisciplinaridade que é possível de ser realizada, já que o tema permite a pesquisa de vários conceitos relacionados aos conteúdos de história, geografia, artes, filosofia, ciências, ao mesmo tempo em que aborda um tema que pode vir a ser de interesse do aluno. Festas, comemorações, bailes, baladas são assuntos de muita importância para quase todos os jovens e, ao se tratar dessa matéria com um cunho jornalístico, pode-se explorar vários fatores, como política, moda, comportamento, música, dança, entre outros. Além disso, permite a realização de um trabalho interdisciplinar, já que é preciso conhecer a história para compreender-se a formação e dinâmica de sociedades anteriores, de permitir a compreensão das influências sobre os novos modos de comportamento, o conhecimento geográfico permite que se reconheçam as influências do meio ambiente na formação das sociedades. Em relação ao aspecto artístico, as possibilidades ganham ainda mais significado quando se compreende que arte é uma manifestação cultural do ser humano e, portanto, uma época pode influenciar inúmeros projetos artístico-culturais. Dessa forma, a sequência didática a seguir propõe um trabalho com o gênero reportagem a partir do texto-base já explicitado. As sugestões para o trabalho serão exploradas no texto que se segue.

3.3 Apresentação da situação

- **Objetivos:**

1. Discutir conceitos relacionados a uma reportagem;
2. Conhecer os módulos de atividades que serão desenvolvidos ao longo do trabalho;
3. Entender que serão realizadas as atividades dos módulos com dois objetivos: a) construir em equipe um texto utilizando o gênero reportagem e b) realizarem grupo, atividades culturais de livre escolha.

• **Atividades:**

1. Através da oralidade, o professor deverá estimular os alunos a apresentarem suas ideias e conhecimentos sobre o gênero reportagem;
2. O professor deverá apresentar os conceitos atribuídos ao gênero reportagem, observando as considerações dos alunos;
3. Explicar aos alunos que variadas atividades e etapas serão realizadas nos módulos, mas todas elas voltadas para o aprendizado do gênero reportagem. Como produto final, eles deverão desenvolver em equipe, uma reportagem sobre os anos 60 e também escolherão alguma atividade cultural para ser apresentada, também em equipe, no momento da culminância da sequência didática.

Tempo estimado: 1h/a

| Cronograma para Apresentação da Situação | | |
|--|----------------|--|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Sondagem do conhecimento | 10 min. | Oferecer um ambiente descontraído para que os alunos possam expor suas ideias e impressões sobre o gênero reportagem. Para esse momento pode-se alterar a organização do espaço físico, colocando as cadeiras em círculo, ou semicírculo, de forma que os alunos sintam-se mais à vontade para se exporem. |
| Apresentação dos conceitos | 20 min. | Apresentar de forma breve os conceitos e diferentes tipos de reportagem. Material necessário: quadro branco, pincel, apagador ou mídias para apresentação de slides (projektor, computador, cabos, etc.). |

| | | |
|---|----------------|--|
| <p>Apresentação das atividades a serem desenvolvidas</p> | <p>20 min.</p> | <p>Explicar que diferentes etapas serão trabalhadas a fim de que os alunos assimilem as características da reportagem em diferentes veículos de comunicação. Eles terão como produção final a elaboração de uma reportagem sobre os anos 60, que será produzida por equipe e um momento de culminância das atividades que deverão acontecer com a participação de todos. Esse momento será organizado e apresentado em equipe e contará com apresentações musicais, teatro, dança, exposição fotográfica, filmes, seminários, etc. Materiais necessários: quadro branco, pincel, apagador ou mídias para apresentação de slides (projektor, computador, cabos etc.).</p> |
|---|----------------|--|

Uma apresentação inicial se bem colocada e argumentada em favor do conhecimento poderá resultar em um maior engajamento dos educandos. O despertar da consciência sobre aquilo que já se possui como conhecimento e aquilo que poderá ser acrescentado pode, indubitavelmente, transformar um simples momento escolar em um rico campo de aprendizado e cultura. Assim, nessa apresentação inicial o estímulo à liberdade de expressão torna-se um momento de valorização do conhecimento que os educandos trazem em sua vida escolar e cotidiana, pois como atesta Orlandi (1988, p. 91), a “produção (oral ou escrita) é o meio pelo qual se tem acesso à leitura do aluno. Embora seja uma relação indireta, é aí que se pode verificar a história do leitor em relação às significações, aos modelos etc. de que ele tem domínio”.

Além dessas situações é interessante destacar que nesse primeiro momento muitas questões extremamente importantes para o trabalho como um todo são colocadas:

a) os conceitos do gênero a serem trabalhados, ou seja, considerando e valorizando o conhecimento que os alunos possuem sobre o gênero reportagem, o professor acrescentará novas informações ou apenas reforçar aquilo que já se sabe sobre o assunto, porém mais do que apenas o repasse de informações, o professor deve estar atento aos comentários e explicações dadas, pois esse é o primeiro passo para avaliar a turma e seus conhecimentos, tornando-se um ponto de partida para uma série de atividades que sejam realmente condizentes com as necessidades dos educandos;

b) a relevância desse gênero para o contexto escolar e também fora dele. Nesse sentido, faz-se necessário que o gênero em questão e as atividades propostas ganhem

um significado realmente valorizado e especial para os alunos. Nestas circunstâncias, como ressalta Cosson (2007, p.53):

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária.

A afirmativa do autor recai também em relação a todos os tipos de gêneros textuais tendo em vista que a significação precisa se fazer presente, de modo que o estudante consiga relacionar o seu mundo ao mundo das leituras, sejam de qualquer natureza, tanto as literárias como as jornalísticas, ou seja, ler é conectar-se ao texto atribuindo-lhe significados e sentidos (LEFFA, 1996);

c) a conscientização de que várias etapas serão necessárias para que se chegue à produção final dos alunos. Essa afirmativa refere-se à prática da escrita aliada ao conhecimento através da investigação e da pesquisa, entendendo-se que ambos, aliados a outros fatores, tais como:

(...) novas propostas de trabalhos ou propostas atualizadas, podem trazer discussões e reflexões para a sala de aula, ampliando o senso crítico e a leitura de mundo de nossos alunos, assim como proporcionar-lhes intimidade com a leitura e, conseqüentemente com a escrita (LELLI, 2012, p. 73).

Nesse contexto é interessante citar a observação de Schneuwly e Dolz (2013, p.85) quando diz que “a apresentação da situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem da linguagem a que está relacionado”.

O momento inicial propõe um direcionamento daquilo que foi previamente planejado e organizado pelo professor, ao mesmo tempo em que direciona quando e de que maneira as atividades serão desenvolvidas, não significando que a proposta depois de elaborada e apresentada não possa ser modificada, pelo contrário, trata-se de educação e educar requer adaptações às idiossincrasias humanas, portanto, ao professor, cabe encaminhar as atividades de modo a satisfazer as necessidades da turma em questão.

Sugestões complementares:

- Solicitar que os alunos realizem entrevistas com seus pais, avós, vizinhos fazendo os seguintes questionamentos:
 1. Como eram as festas que eles iam? Quando elas aconteciam?
 2. Quem as freqüentava?
 3. O que acontecia?
 4. Como eram as roupas, o comportamento e a linguagem da época?



Professor!!!

A avaliação dos seus alunos começa desde a primeira etapa! Anote todas as suas percepções sobre as participações dos seus alunos. Aqueles que ainda não se manifestaram merecem uma atenção especial!

3.4 Produção Inicial

- **Objetivos:**

1. Discutir questões relacionadas acerca da juventude em gerações passadas;
2. Analisar imagens previamente selecionadas sobre os anos 60 (Ver anexo 1);
3. Levantar hipóteses sobre o comportamento dos jovens nos dias atuais e as influências recebidas pela mídia e tecnologias atuais;
4. Realizar uma comparação entre o comportamento do jovem das gerações anteriores e o jovem da geração atual;
5. Produzir um texto sobre o assunto discutido utilizando o gênero reportagem;

- **Atividades:**

1. Através da oralidade, o professor deve estimular os alunos a apresentarem suas ideias e conhecimentos sobre o que sabem acerca das juventudes anteriores a sua: como se comportavam, de que modo se divertiam, como se relacionavam, entre outros;
2. Apresentar para os alunos imagens previamente selecionadas sobre os anos 60 (Ver anexo 1) que poderão ser apresentadas através de slides ou montagem de um painel com recortes de figuras representativas da época em questão: vestimentas, propagandas, músicas, gírias, artes, meios de comunicação;
3. Através das imagens, permitir que os alunos observem e façam comparações entre essa época e os dias atuais, observando suas diferenças e semelhanças;
4. Após os debates e discussões, explicar que os alunos farão uma produção textual sobre o assunto, e que deverão utilizar o gênero reportagem;
5. Proporcionar um momento tranquilo para que os alunos possam organizar as ideias e opiniões sobre o assunto.

- Duração total: 2h/a

| Cronograma para Apresentação da Situação | | |
|---|-----------------------|--|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Debate | 10 min. | Oferecer um ambiente descontraído para que os alunos possam expor suas ideias e impressões sobre o comportamento de gerações anteriores em variados aspectos. Esse local pode ser a própria sala de aula, mudando-se a organização da sala (carteiras em círculo, semicírculo), ou mesmo no pavilhão da escola. |
| Exposição de imagens | 15 min. | Apresentar diversas imagens que representem a juventude nos anos 60: moda, artes, propagandas, política, comportamento, linguagem, etc. (Ver anexo 1). Material necessário: quadro branco, pincel, apagador ou mídias para apresentação de slides (projektor, computador, cabos, etc.); papel madeira, recortes de imagens, cola, tesoura, pinceis permanentes. |
| Comparação entre gerações | 15 min. | Destinar este tempo para que os alunos possam refletir e opinar sobre suas impressões das juventudes passadas e a atual, emitindo opiniões a esse respeito. |
| Explicação da proposta inicial | 10 min. | Explicar que a proposta de produção textual será com o gênero reportagem e que os alunos devem a partir do que foi discutido produzir um texto contemplando aquilo que eles conhecem desse tipo de texto, utilizando como tema “Como era uma balada nos anos 60?” |
| Produção textual | 50 min. | Destinar esse tempo para que os alunos realizem a atividade de produção textual. |

Dando continuidade às ações iniciais da sequência didática (SD), a produção inicial apresenta duas funções imprescindíveis ao sucesso da SD. A primeira, diz respeito à motivação do aluno e, nesse momento, a sensibilidade do professor ao introduzir os temas discutidos e oferecer meios para que o aluno sintam-se convidados e estimulados a participar, seja ouvindo opiniões ou expondo as suas próprias, pode ser a primeira chave que leva o aluno ao sucesso, pois como observam Schneuwly e Dolz (2013, p. 86), “a produção inicial pode ‘motivar’ tanto a sequência como o aluno”.

Como segundo ponto dessa questão – que é de extrema importância - está a primeira produção textual do aluno, isto é, seu primeiro contato com esse gênero como escritor. Possivelmente muitas dúvidas e reclamações serão ouvidas pelo professor nesse momento, mas é necessário que o educador esteja preparado para tais situações, pois é exatamente nesse momento que tanto educador quanto educando começarão a ter a exata consciência das habilidades e inabilidades (temporárias) dos educandos. É preciso que os alunos obtenham a consciência de que a primeira produção assume uma importância crucial, visto ser ela que irá determinar os próximos passos a serem seguidos, possibilitando ao professor ideias para organizar e reorganizar as ideias e a sequência de ideias dos alunos. É válido aqui apresentar algumas colocações de Schneuwly e Dolz (2013, p. 86) a esse respeito:

Essas primeiras produções – que não receberão, evidentemente, uma nota – constituem momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma. Em outros termos, de pôr em prática um processo de avaliação formativa. A análise das produções orais ou escritas dos alunos, guiada por critérios bem definidos, permite avaliar de maneira bastante precisa em que ponto está a classe e quais são as dificuldades encontradas pelos alunos. O professor obtém, assim, informações preciosas para diferenciar, e até individualizar se necessário, seu ensino.

Além dos fatores apresentados, a primeira produção textual consiste primordialmente na percepção dos alunos de que a elaboração e construção do primeiro texto, seja a dele próprio bem como a dos colegas, apresentam problemas. A partir desse reconhecimento e tomada de consciência é possível iniciar um programa de atividades que desenvolvam as habilidades necessárias para a construção de um texto equivalente às expectativas dos alunos e professores.

Para finalizar as considerações sobre a produção inicial, é preciso ressaltar o trabalho com a oralidade que, nesse momento, assume um significado, o qual além de enriquecedor torna-se também um exercício do uso da língua portuguesa. Permitindo ao aluno expor ideias e opiniões, muitas surpresas boas acontecem. Conhece-se mais de perto suas angústias, medos, anseios, frustrações, ao mesmo tempo em que se reconhecem os motivos para alegrias, reflexões, capacidade de interagir e dialogar, constituindo, dessa forma, momentos de afeto e de valorização da autoestima.

Quando o professor consegue participar e interagir com o mundo do jovem adolescente, abrem-se novas perspectivas, porque todos os seres humanos são de alguma forma ou em algum nível necessitados de empatia e desejo de serem valorizados

a partir de opiniões, ideias e decisões. Entretanto, não é apenas a valorização humana que ocorre, pois também o exercício do uso da língua oral é amplamente trabalhado e exercido. É preciso que a escola ofereça aos seus alunos momentos para o exercício da linguagem, sendo ela um dos instrumentos de maior força do ser humano.

Permitir ao aluno exercitar a fala é tarefa da escola, mesmo sabendo-se que em situações de comunicação fora da escola, ele não encontre tantas dificuldades para expressar-se entre seus pares, observando-se, obviamente circunstâncias e público. De modo bastante claro, os PCNs (1997, p. 49) afirmam:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.

As produções textuais realizadas nesse momento deverão ser arquivadas para posteriores comparações e análise das evoluções dos alunos. Em tempo, as questões apresentadas precisam partir inquestionavelmente de um trabalho de planejamento contínuo do professor, trabalho esse que se bem desenhado e articulado, garantirão resultados satisfatórios e compensadores.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES:

- Para que os alunos reflitam sobre os costumes, os comportamentos e os conflitos entre gerações solicite que os educandos:
 1. Escutem a música “Como nossos pais”, composta por Belchior e na voz de Elis Regina. (Ver anexo 2)
 2. Assistam ao filme: “Hairspray”. Direção de Adam Shankman. Filme baseado em um musical da Broadway que reflete a cultura americana dos anos 60. (Ver anexo 3)



Disponível em: <http://www.richardcrouse.ca>
Acesso em 03 fev. 2015.

Professor!!!

A valorização precede a motivação. A motivação precede o aprendizado! Valorização e motivação tornam-se uma parceria perfeita quando bem direcionadas!

3.5 Módulo 1

- **Objetivos:**

1. Conhecer a reportagem “Como era uma balada nos anos 60”? (Ver anexo 4);
2. Realizar a leitura do texto;
3. Discutir a temática do texto e seu formato de apresentação;
4. Reconhecer as características de uma reportagem;
5. Formar equipes de trabalho.

- **Atividades:**

1. Após uma leitura individual e, depois oralizada, apresentar a reportagem aos alunos discutindo tanto a sua temática como o formato de apresentação, bem como os elementos visuais que acompanham a escrita;
2. O professor deverá explicar, agora mais detalhadamente as características de uma reportagem: corpo do texto, finalidade, emissor, receptor, veículo de comunicação;
3. Coordenar a criação de grupos de trabalho.

- Duração total: 2h/a

| Cronograma para Módulo 1 | | |
|-----------------------------------|----------------|---|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Apresentação da reportagem | 10 min. | Apresentar o texto que será a base para todas as discussões posteriores: “Como era uma balada nos anos 60?” (Ver anexo 4). Material necessário: quadro branco, pincel, apagador ou mídias para apresentação de <i>slides</i> (projektor, computador, cabos, etc.). |
| Leitura | 10 min. | Realizar, inicialmente, uma leitura silenciosa individual. Depois, realizar uma leitura oralizada. |
| Elementos do texto | 25 min. | Discutir com os alunos a temática do texto e os pontos elencados, a linguagem utilizada, o veículo de comunicação em que ela foi publicada. |

| | | |
|--------------------------------------|---------|--|
| | | Material necessário: Exemplar da revista “Mundo Estranho” (Jan. 2013, Ed. 134); Imagem da reportagem da revista no projetor (projetor, computador, cabos, etc.). |
| Características da reportagem | 40 min. | Expor em detalhes as características de um texto jornalístico, especialmente do gênero reportagem. |
| Formação de equipes | 15 min. | Coordenar a formação de equipes para a execução das atividades que serão desenvolvidas. Nesse momento, é importante deixar claro que as equipes, além de elaborarem uma reportagem sobre o assunto, também farão uma atividade extra através de uma apresentação: teatro, dança, quadrinhos, música, jogos, cinema, etc. |

A seguir, será apresentado um quadro relativo à reportagem “Como era uma balada nos anos 60”, caracterizando-a, em síntese, quanto aos aspectos encontrados nesse gênero textual. O texto na íntegra para leitura e possível utilização encontra-se no anexo 4.

| Características do texto “Como era uma balada nos anos 60?” quanto ao gênero reportagem | |
|--|--|
| Gênero textual | Reportagem |
| Domínio discursivo | Jornalístico |
| Suporte | Revista Mundo Estranho – Jan. 2013/Ed. 134 |
| Função social | Propósitos comunicativos a título de informações e curiosidades |
| Natureza das informações | Relatar como os jovens dos anos 60 se comportavam em bailes ou festas |
| Situação comunicativa | Leitores preconcebidos em função do suporte |
| Linguagem | Predominância do registro formal, porém com algumas marcas típicas da linguagem utilizada pelos jovens |

Para que a construção do conhecimento aconteça diversas etapas são necessárias, desde as mais simples até as mais complexas. Nesse sentido os módulos possuem fatores fundamentais para que essa aquisição como também a solidificação de conhecimentos realmente ocorram. Na utilização dos módulos, pode-se elaborar variadas atividades e exercícios de modo mais aprofundado, numa contínua busca de melhores formas, técnicas de ensino, para que ao final das atividades os alunos possuam um vocabulário em comum e, dessa forma, consigam compreender as informações que foram repassadas, além de serem capazes de reproduzir o gênero textual abordado na sequência didática. A modularização não é, em hipótese alguma, um elemento fixo e imutável na sequência, antes de tudo ela serve para atender às necessidades dos educandos, portanto, será uma metodologia que poderá ser modificada quando se fizer necessária. Esse será um dos seus papéis fundamentais: oferecer meios para solucionar possíveis desvios na aprendizagem (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004).

A reportagem está inserida na esfera dos discursos jornalísticos e apresenta uma linguagem bastante diferenciada a depender do público a que se destina o texto. No texto pretendido há uma linguagem clara, objetiva, acompanhada de elementos visuais esclarecendo e beneficiando a compreensão do leitor, propondo uma leitura a qual não demanda em princípio grandes reflexões. E é exatamente a intenção da proposta desta sequência didática: fazer com que os alunos percebam o texto jornalístico, como uma reportagem, pode ser ao mesmo tempo informativo, mas também divertido e objeto de curiosidade. A curiosidade perpassa não só sobre si, mas também pela vida de um modo geral. Sob essa perspectiva, assim questiona Lozza (2009, p.39):

O compromisso prático de formar leitores, de formar cidadãos, de formar autores não deveria trazer implícita a necessidade de colocar cada aluno em contato com a imprensa, com a mídia impressa, em particular, para que pudesse ser ampliada a compreensão desses leitores – cidadãos-autores – acerca de si próprios, do mundo e das pessoas?

O questionamento acima amplia o debate acerca da utilização do texto jornalístico no espaço escolar, na medida em que, no caso do texto escolhido, os horizontes de estudo e pesquisa não se encerram ao fim da sua leitura. Pelo contrário, pode instigar a curiosidade, o desejo de compreender o mundo a sua volta, à conquista de conhecimentos através de elementos diversos, como também através de situações as quais já não fazem parte do contexto atual, mas influenciaram inúmeras pessoas em

várias gerações. É possivelmente a leitura mais desejada que aconteça nas escolas, afinal “o nosso estar no mundo, mais ou menos intenso, mais ou menos participativo, mais ou menos incluído, é que vai determinando a intensidade de nossas leituras” (ALMEIDA, 2010, p. 31).

Outro ponto a ser discutido neste módulo é a apresentação detalhada do gênero a ser estudado. Vários tipos de textos são trabalhados na escola, mas é preciso ressaltar que muitos desses textos trabalhados ou apresentados não estão em sua esfera de origem, a isto Schneuwly e Dolz (2004) denominam transposição didática. Tal questão não precisa ser problemática: ao aplicar e explicar as características formais de um determinado gênero textual, o professor deve ao mesmo tempo, orientar os alunos para compreenderem que essas especificidades do texto não são estáticas, pois é preciso observar sua real utilização, destacando-se as variantes para a apresentação desse texto: contexto de circulação, interlocutores, intencionalidade, entre outras.

As especificidades de um gênero textual, seja ele oral ou escrito não são imutáveis, pelo contrário, podem sofrer alterações, modificações, adequações, considerando-se as modificações, hibridizações sofridas por um gênero textual, desse modo servindo aos interesses de seus escritores e interlocutores. Ainda deve-se considerar a preferência em se discutir e apoiar o conteúdo didático não em formatos estabelecidos, mas na própria utilização de variados textos referentes ao gênero criteriosamente escolhidos, tornando-se fonte de informação inequívoca sobre as suas características.

O último ponto deste módulo a ser abordado refere-se à escolha do trabalho em equipe e, principalmente, à liberdade de escolha dos alunos, tanto na escolha dos participantes do grupo, como o tipo de trabalho que será desenvolvido por eles, tanto na escrita da reportagem como na apresentação. A reportagem é um texto com ampla quantidade de informações, além de possibilitar diferentes recursos que fortalecem e enriquecem o seu produto final.

Nesse sentido, optou-se por definir grupos que trabalharão em conjunto. Cada membro terá funções e deveres diferenciados, porém todos devem estar conscientes não só do seu aprendizado, mas também do aprendizado dos colegas, pois a tarefa só poderá ser concluída a contento se todos além de colaborarem, absorverem corretamente as orientações e explicações sobre o gênero em questão. Em tempo, as orientações trazem sugestões de alguns formatos de apresentações, mas é importante que os próprios alunos

sintam-se à vontade para optar por outros tipos de atividades, se assim for interessante para o bom andamento do trabalho e compreensão do conteúdo.

Sugestões complementares:

- Para que os alunos identifiquem alguns ritmos e sucessos musicais dos anos 60, solicite que eles ouçam (Ver anexo 5):
 1. “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones (Os Incríveis);
 2. Tropicália (Caetano Veloso);
 3. Sugar, sugar (The Archies);
 4. I wanna hold your hand (The Beatles).
- De modo a ampliar o conhecimento sobre o gosto musical da época, solicite que os alunos assistam a um documentário sobre Festival de Música dos anos 60 (Ver anexo 6):
 1. “Uma noite em 67”. Disponível em: <http://www.youtube.com>



Disponível em: <http://juvemetodista.com.br>
Acesso em 10 fev. 2015

Professor!!!

Oriente seus alunos de modo que comecem desde já a organizar as apresentações para a culminância do trabalho. Acompanhe as atividades, participe e tire dúvidas!!!

ORIENTAÇÕES PARA O INTERVALO 1

- As equipes deverão reunir-se no contra-turno, ou o professor poderá disponibilizar um momento da aula para:
 1. Discutir o trabalho a ser desenvolvido (aquilo que será que será apresentado no momento da culminância);
 2. Definir funções e tarefas a serem realizadas dentro de um prazo determinado pela equipe;
 3. Esquematizar o trabalho;
 4. Levar o resultado da reunião para o professor.

3.6 Módulo 2**• Objetivos:**

1. Reconhecer o gênero reportagem em variados veículos de comunicação;
2. Manusear exemplares de revistas e jornais impressos;
3. Selecionar uma reportagem;
4. Identificar as características de uma reportagem.

• Atividades:

1. Levar para os alunos, variadas revistas e jornais;
 2. Distribuir o material para os alunos, deixando que eles manuseiem, reconheçam alguns exemplares ou conheçam as revistas e os jornais oferecidos. Sugestão de revistas: Superinteressante, Autoesporte, Galileu, Placar, Diário do Nordeste, entre outros (Ver anexo 7);
 3. Solicitar que escolham uma reportagem para ser analisada;
 4. Orientar para que façam primeiramente uma leitura completa do texto e definam se é realmente uma reportagem. Após a confirmação, solicitar que os alunos façam o reconhecimento das características de uma reportagem. Se o texto apresenta todas ou algumas características, definindo-as.
 5. Como finalização da atividade, o professor poderá mostrar que o gênero não apresenta um único formato, modificando-se conforme os interesses da revista e do interlocutor.
- Duração total: 1h/a

| Cronograma para Módulo 2 | | |
|--------------------------------------|-----------------------|--|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Apresentação do material | 5 min. | Apresentar o material que será a base para todas as atividades posteriores (Ver anexo 7). Material necessário: exemplares variados de revistas e jornais. |
| Manuseio livre do material | 10 min. | Deixar que os alunos manuseiem livremente o material, fazendo leituras e inferências sobre o material a ser analisado. |
| Escolha da reportagem | 10 min. | Orientar os alunos para que escolham uma reportagem para ser analisada conforme orientação do professor. |
| Análise da reportagem | 10 min. | Orientar os alunos a reconhecerem no texto elencado, as características de uma reportagem: título, subtítulo, corpo do texto, entrevistas, gráficos, etc. |
| Comentários sobre a atividade | 15 min. | O professor poderá finalizar essa atividade, comparando os textos escolhidos pelos alunos, destacando suas semelhanças e diferenças, além de |

explicar e discutir os motivos para as escolhas dos formatos utilizados pelas revistas e jornais em questão.

Esse módulo possui uma função essencial para a compreensão geral do conteúdo sobre o gênero reportagem, já que se trata do reconhecimento das características apresentadas pelo professor de forma interativa, participativa e dinâmica. Entrar em contato com o texto em estudo na sua forma original, na sua forma real de serviço aos leitores, promove no aluno uma compreensão global do assunto que está sendo tratado. Aquilo que foi discutido oralmente passa a acontecer não só de forma oral, mas também visual e interativa, pois como ressalta Antunes (2009, p. 174):

A apreensão dos padrões de escolha e organização das unidades da língua somente acontece se o sujeito se submete ao uso da língua, na forma necessária da sua textualidade. É na condição da língua-em-função que se apreende todo o conjunto dos padrões de uso da língua. Não os padrões pelos padrões, mas os padrões que estão ligados à produção do sentido e às utilizações com que podem funcionar na atividade verbal que as pessoas empreendem no cotidiano. Padrões funcionais, portanto. Padrões do uso, que, por isso mesmo, estão impregnados de historicidade.

O distanciamento entre texto e aluno provoca um entendimento vago em relação às características apresentadas, parecendo desse modo, gêneros que não podem fazer parte do cotidiano escolar ou sendo apenas textos para serem usados fora da escola. Ao contrário disso, a escola precisa trazer para a escola além do hábito de estimular a leitura de textos literários, leituras relacionadas aos acontecimentos da vida humana, possibilitando ao aluno uma melhor compreensão sobre a sua participação dentro de cada cosmo da sociedade. Esse reconhecimento de participação produz muito provavelmente efeitos positivos em relação à sua capacidade de se reconhecer como produtor de ações e também como receptor de ações e ideias provindas dos mais diversos setores, promovendo ainda a possibilidade de discernimento nas suas escolhas e tomadas de decisões.

Nessa visão é interessante refletir sobre o questionamento de Lozza (2009, p. 39):

O compromisso prático de formar leitores, de formar cidadãos de formar autores não deveria trazer implícita a necessidade de colocar cada aluno em contato com a mídia impressa, em particular, para que pudesse ser ampliada a compreensão desses leitores – cidadãos-autores – acerca de si próprios, do mundo e das pessoas?

O questionamento acima possui apenas o objetivo de conscientizar educadores de que apenas as falas, ou explicações a respeito de um gênero jornalístico não são suficientes para que alunos o compreendam e se apropriem dele. Mais do que conhecer e se apropriar, os discentes precisam reconhecê-los em suas diferentes formas, independentemente do veículo no qual está sendo publicado. Isso leva a discussão para um segundo ponto acerca do módulo proposto: a ideia da utilização de diferentes veículos de comunicação. A este respeito, é pertinente citar os PCNs (1997, p. 55):

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. (...) É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo (...) Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até a ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Levando-se em consideração o fato de que muitos jovens não possuem acesso ou mesmo interesse pela leitura de jornais e revistas, cabe a escola promover situações em que esses alunos sintam-se convidados a participar do surpreendente mundo à sua volta. Todavia, sabe-se que a leitura de jornais e revistas para um grande número de adolescentes parece, à primeira vista monótona, na qual ele só irá encontrar fatos irrelevantes para a vida. Entretanto, quando percebem que diferentes suportes podem satisfazer as suas necessidades como leitores, isso pode fazer com que descubram novas perspectivas e horizontes leitores. Assim, ao entrarem em contato com diferentes leituras, possivelmente curiosidades serão despertadas e desejos de compreender melhor um determinado assunto também, pois como diz Lozza (2009, p.29), “a leitura de um jornal é um possível instrumento de abertura para outras leituras. Ao ler o jornal, cada um pode ser levado a ler mais, ler livros e ler a vida, ler e reler, sempre.”.

Além desse convite ao reconhecimento de seus próprios gostos pessoais, a leitura em diferentes suportes possibilita ao leitor o reconhecimento de que as características de um mesmo gênero não estão cristalizadas, como parecem estar nos livros didáticos. Muito diferente disso, os gêneros são mutáveis, servindo ao suporte, que, conseqüentemente, atende às exigências de seu público. A utilização de diferentes suportes nessa sequência didática só poderá adquirir um sentido pedagógico e educacional se o professor possuir além desse conhecimento, a consciência quanto a sua participação nesse processo de descoberta dos seus alunos.

Sugestões complementares:

- Para que os alunos compreendam o universo literário dos anos 60 (Ver anexo 8), solicitar que pesquisem sobre os seguintes autores e respectivas poesias:
 - a) Ferreira Gullar;
 - b) Thiago de Mello;
 - c) Décio Pignatari;
 - d) Paulo Leminski.



Disponível em: <http://educacao.globo.com>

Acesso em 10 fev. 2015

Professor!!!

Fique atento a essa atividade, pois muitos alunos confundem as diferentes seções presentes em revistas e/ou jornais. Certifique-se de que todos entenderam as informações sobre o gênero reportagem e se eles realmente estão analisando o gênero textual solicitado!!!

ORIENTAÇÕES PARA O INTERVALO 2

- As equipes deverão reunir-se no contra-turno ou o professor poderá disponibilizar um momento de sua aula para:
 1. Produzir a reportagem sobre questões relacionadas aos anos 60;
 2. Realizar ensaios e/ou produções textuais e gráficas (teatro, dança, música, desenhos, entrevistas, gráficos, tabelas, etc.)
 3. Selecionar e organizar os materiais necessários para a apresentação;
 4. Organizar o formato da apresentação de um modo geral;
 5. Levar todas as informações para o professor.

3.7 Módulo 3

- **Objetivos:**

1. Socializar para os colegas as atividades que estão sendo desenvolvidas pelas equipes;
2. Submeter os trabalhos a uma análise do professor: material produzido pelos alunos e suas respectivas equipes;
3. Através da orientação reescrever, observando eventuais problemas de diversas ordens: progressão temática, escolha de elementos visuais, ortografia, coerência, coesão, entre outros.

- **Atividades:**

1. Disponibilizar para cada equipe um momento para a exposição do trabalho que será apresentado no momento da culminância, seja no formato da apresentação como também o da produção escrita;
2. Reunir-se com cada grupo para fazer uma análise do material apresentado avaliando criticamente tanto os avanços como os problemas que precisam ser solucionados;
3. Orientar o processo de reformulação e medidas a serem tomadas para as apresentações e o processo de reescrita da reportagem;

- Duração total: 3h/a

| Cronograma para Módulo 3 | | |
|---|-----------------------|---|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Socialização das atividades | 40 min. | As equipes apresentarão para a turma e para o professor as ideias que foram desenvolvidas pela equipe e que serão apresentadas no momento da culminância. Material necessário: quadro branco, pinceis, projetor, computador. |
| Análise do material escrito e expositivo | 50 min | O professor irá analisar detalhadamente o material produzido pelos alunos. Na produção escrita deve-se observar escolha da temática e sua relevância dentro do tema proposto; as escolhas visuais que acompanham o texto jornalístico, a linguagem utilizada, e ainda a correta utilização das características do gênero reportagem. Quanto às apresentações, o professor poderá analisar as escolhas, por exemplo, se a opção foi por realizar uma peça teatral, analisar se texto, atores, figurinos estão dentro do contexto do tema solicitado. |
| Orientação | 50 min. | Orientar as correções e adequações para a reescrita do texto. Orientar os alunos quanto às apresentações, se no caso da peça, orientá-los para a preparação do cenário, do figurino, sonoplastia, etc. |

O módulo 3 desta sequência didática adquire um caráter de avaliação formativa em todas as suas dimensões, tendo em vista que nesse momento, além da exposição oral, há a oportunidade de se visualizar mais detalhadamente as ideias e caminhos trilhados pelo grupo para a realização das atividades propostas pelo professor e pela própria equipe, pois como ressaltam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 92), a avaliação formativa é a “regulação dos processos de ensino e de aprendizagem”. Essa avaliação acontece desde o início da sequência didática, porém nesse momento, é possível o professor perceber se os conteúdos a respeito do gênero em questão foram apreendidos. Essa avaliação permite ainda, perceber se os alunos estão conseguindo realizar a contento as fases de produção para as apresentações, sendo assim, o educador poderá realizar uma análise mais pontual em relação a cada aluno e sua equipe.

Os módulos propostos na sequência didática não são estanques, ou seja, aos aqui apresentados podem-se acrescentar outros módulos que atendam às necessidades específicas da turma e essa situação só poderá ser planejada e orientada pelo professor da turma. A título de exemplo, se observado pelo professor que os textos apresentam problemas na utilização de elementos coesivos, como na utilização de conjunções coordenativas, elabora-se um módulo especificamente para trabalhar com os alunos essas questões. O módulo poderia apresentar atividades com textos problemáticos quanto à utilização das conjunções, de maneira que os alunos percebessem tais problemas não só nos textos alheios, mas nos seus próprios, “ampliando as chances de cada aluno se apropriar dos instrumentos e noções propostos” (DOLZ, NOVERRAZ eSCHNEWLY,2013, p. 92).

Além da avaliação do texto escrito, nesse momento é possível que os alunos treinem e/ou adéquem a sua linguagem oral para o momento da apresentação, pois dessa forma o professor e os próprios alunos poderão avaliar os avanços e dificuldades, além disso, a valorização da exposição oral deve estar ao lado da valorização escrita. Ambas,se bem desenvolvidas, contribuem para que os alunos adquiram conhecimento e sejam também indivíduos letrados, preparados para diversas situações acadêmicas, pessoais e profissionais. As atividades que trabalhem com a oralidade devem fazer parte do contexto escolar, pois são atividades que, apesar de terem um mesmo objeto de estudo, a utilização da língua portuguesa, possuem diferentes modos de apresentação e dinamicidade, como apresenta Marchuschi (2003, p. 17):

(...) A escrita não pode ser tida como uma representação da fala (...). Em parte porque a escrita não consegue reproduzir muito dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipos de letras, cores e formatos (...). Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia (...). Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Dessa forma, compreende-se que a utilização da linguagem tanto na sua forma escrita quanto na sua forma oral, explorando os aspectos que ambas as modalidades possuem, o professor poderá obter resultados mais satisfatórios e, possivelmente, em graus mais elevados, tendo em vista que na utilização da fala o aluno terá que além de apresentar e explicar o conteúdo, adequar e modular a sua fala de modo que a

apresentação se realize a contento, tanto sob o ponto de vista do professor como da plateia presente, pois como complementa Marcuschi (2003, p. 18) “hoje predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais.”

Professor!!!

Esse é um momento muito importante, pois são avaliados os alunos e seus respectivos trabalhos. Se necessário, acrescente mais módulos de atividades à sequência didática!!!

Sugestões complementares:

- Para que os alunos conheçam as artes plásticas realizadas dos anos 60, solicite que pesquisem sobre a Pop Art (Ver anexo 9), e seus principais representantes:
 - a) Andy Warhol;
 - b) Roy Lichtenstein;
 - c) Antônio Dias;
 - d) Rubens Gerchman;
 - e) Cláudio Tozzi.



Disponível em: <http://www.arthistoryarchive.com>
Acesso em 17 fev. 2015.

ORIENTAÇÕES PARA O INTERVALO 3

- No contra-turno ou em um momento da aula disponibilizado pelo professor, uma comissão representante da turma deverá:
 1. Reunir-se com o núcleo gestor, mais precisamente com o diretor escolar;
 2. Expor a proposta de trabalho, bem como data e horários, discutindo as possibilidades e possíveis entraves para a realização do evento;
 3. Acordar dia e horários possíveis para a culminância.

3.8 Produção Final

- **Objetivos:**

1. Apresentar para a comunidade escolar as reportagens produzidas;
2. Socializar com a comunidade escolar os conhecimentos adquiridos através das aulas e das pesquisas sobre os anos 60, com apresentações variadas;
3. Estimular a curiosidade da comunidade escolar sobre os assuntos expostos;

- **Atividades:**

1. No dia previamente estipulado as equipes deverão organizar um espaço dentro da escola para expor e apresentar as reportagens elaboradas, que poderá ser no pátio, no auditório ou na quadra da escola;
2. As equipes deverão organizar-se para as apresentações (ambientação, duração, exposição do material, escolha e seleção de materiais), as quais se dispuseram, no mesmo ambiente em que expuseram as reportagens;
3. Após a organização do espaço, a comissão irá até o ambiente do núcleo gestor e também às salas de aula, convidando diretor e coordenadores, alunos (que poderão ser em blocos de turma, se a escola apresentar um número grande de alunos ou o espaço para as apresentações for de pequenas dimensões) e professores para a mostra e socialização das reportagens elaboradas, além de assistirem às apresentações de cada grupo;

4. Duração total: 4h/a

| Cronograma para Produção Final | | |
|---|-----------------------|--|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Organização para as exposições e reportagens | 20 min. | As equipes organizarão o espaço para exporem as reportagens confeccionadas pelos grupos. Material necessário: mesas em quantidade suficiente para atender todos os grupos. |
| Organização das apresentações | 40 min. | As equipes organizarão os espaços para as apresentações, além do tempo destinado a cada equipe. Exemplo: se forem apresentados desenhos inspirados na pop art, pode-se providenciar um varal para a exposição; se for realizada uma dança característica da época, é preciso preparar som, figurino e espaço. |
| Convites | 20 min. | A comissão de alunos irá até as salas de aula, explicará brevemente o motivo da sua presença e convidará os alunos e professores a se dirigirem ao local previamente organizado. A equipe também poderá convidar o núcleo gestor a se fazer presente às apresentações. |
| Exposição e apresentação | 170 min. | As equipes farão as apresentações e exposições dispondo do tempo previamente definido pela equipe. |

A produção final da sequência didática caracteriza-se como o momento em que os alunos finalmente vão apresentar para o professor e para a comunidade escolar aquilo que pesquisaram, estudaram, aprenderam e organizaram durante todo o desenvolvimento do trabalho, ou seja, será nesse momento em que se sentirão competentes, responsáveis e capazes de realizar momentos reais de compartilhamento das vivências e do aprendizado adquirido dentro do espaço escolar. Sendo assim, a proposta de apresentação do produto final não desmerece as etapas vencidas para se chegar a tal momento. Todavia, ao apresentar as atividades organizadas que foram propostas no início da sequência didática a contento, prova para os alunos e para a

comunidade escolar que é possível aprender, interagir e socializar conhecimentos dentro do ambiente escolar.

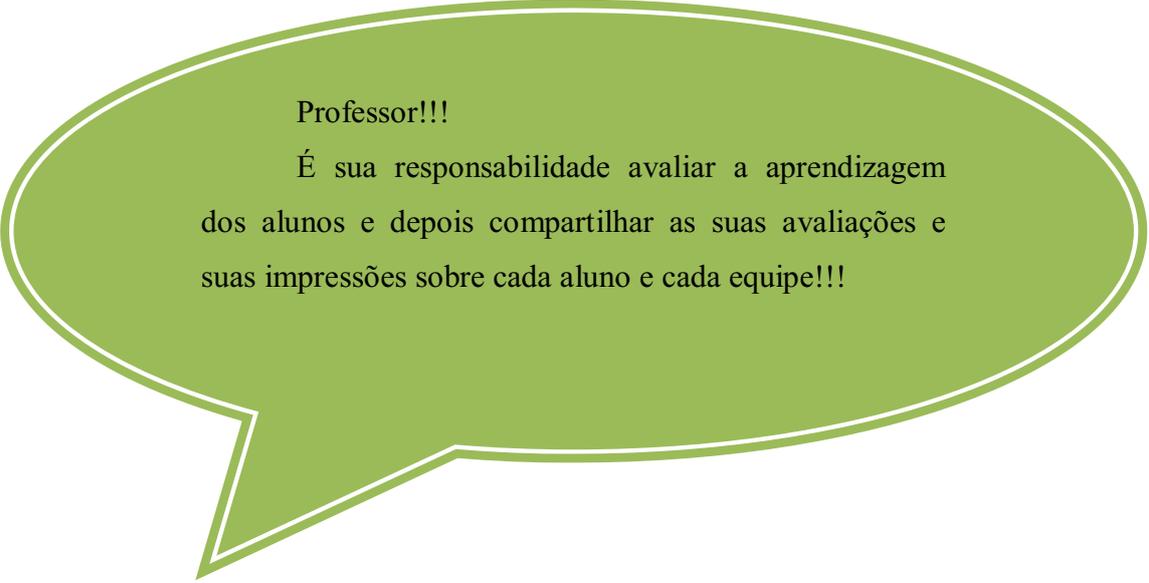
Ainda nessa dimensão, é possível trabalhar os aspectos do respeito às diferenças, às características de cada indivíduo e sua importância dentro de um grupo de pessoas, pois segundo Hanna (2011, p. 3):

Respeitar a diversidade, incentivar a relação e a comunicação entre os grupos numa posição de igualdade, promover o intercâmbio de conhecimentos, saberes e práticas culturais são pressupostos de uma educação intercultural.

Sob esse ponto de vista, acrescenta-se o crescimento pessoal e individual que contribui para a formação de uma pessoa como um todo. Ao mesmo tempo em que assimilaram um conteúdo, os discentes foram capazes de organizá-los de modo a produzirem um significado capaz ainda de oferecer fomento para articularem ideias na construção de uma atividade extra que seria capaz de ilustrar ou demonstrar aquilo que foi exposto na produção escrita. Hanna (2011, p. 5) complementa essa proposição:

O trabalho por projetos e atividades desenvolvidas no cotidiano escolar são possibilidades para o desenvolvimento de uma educação intercultural, pois o diálogo, o respeito, a convivência devem ser construídos constantemente e não por meio de atividades fragmentadas e descontextualizadas do currículo e das práticas pedagógicas.

É interessante ressaltar que as atividades de organização deverão ficar a critério dos alunos, sob a observação do professor, que fará intervenções se e quando forem necessárias. Essa autonomia poderá colaborar de alguma forma com a construção ou a afirmação dos sentidos de responsabilidade e capacidades. Dessa forma, o professor deve estar atento às limitações de seus alunos, porém oferecendo oportunidades para que eles sintam-se realmente aptos a participarem efetivamente de seu próprio crescimento pessoal e também acrescentando quanto ao crescimento intelectual de seus pares.



Professor!!!

É sua responsabilidade avaliar a aprendizagem dos alunos e depois compartilhar as suas avaliações e suas impressões sobre cada aluno e cada equipe!!!

3.9 Avaliação

- **Objetivos:**

1. Avaliar a própria participação nas atividades;
2. Avaliar as próprias produções escritas;
3. Avaliar a metodologia utilizada;
4. Avaliar o material selecionado pelo professor;
5. Refletir sobre o resultado das avaliações.

- **Atividades:**

1. Oralmente iniciar uma conversa avaliando os trabalhos e atividades. Como primeira avaliação, os alunos devem ser orientados a uma auto-avaliação, refletindo sobre a sua participação, contribuição e aprendizagem. Essa auto-avaliação pode ser socializada com os colegas ou através de um texto escrito;
2. Dando continuidade à avaliação, os alunos devem pontuar também as reportagens que foram produzidas, observando se elas estão dentro das características trabalhadas pelo professor e observadas por eles;
3. Como terceiro ponto a analisar, os alunos podem refletir sobre a metodologia utilizada, se ela atendeu às expectativas e cumpriu com a sua principal função: fazer com que os educandos compreendessem e usassem eficazmente o gênero reportagem;

4. Como último ponto, os alunos podem observar os materiais oferecidos pelo professor (imagens, revistas, jornais, sugestões de filme, músicas, documentário, etc)

5. Por fim, o professor após as explanações dos alunos, poderá tecer comentários sobre todas as fases do processo, inclusive sobre a participação de cada estudante.

- Duração total: 2h/a

| Cronograma para Avaliação | | |
|--|-----------------------|--|
| Atividade | Tempo sugerido | Sugestões de metodologia |
| Avaliação sobre a própria participação | 15 min. | Solicitar que os alunos reflitam sobre a sua própria participação no desenvolvimento das atividades do trabalho, que poderá ser oral ou escrita. Material necessário: caderno, lápis e borracha. |
| Avaliação sobre a própria produção escrita | 15 min. | Solicitar que os alunos reflitam e comparem a sua primeira produção textual com o texto final observando se houve avanços e quais foram eles, além de opinarem sobre o que acreditam ainda ser necessário melhorar. Material necessário: caderno, lápis e borracha. |
| Avaliação sobre a metodologia utilizada | 15 min. | Solicitar que os alunos reflitam sobre a metodologia utilizada pelo professor, desde explicações até as escolhas nas distribuições das atividades. |
| Avaliação sobre o material utilizado pelo professor | 15 min. | Solicitar que os alunos reflitam sobre o material utilizado e sugerido pelo professor, se as escolhas enriqueceram e motivaram e mais do que isso, promoveram a aprendizagem dos alunos. Material necessário: caderno, lápis e borracha. |
| Socialização da avaliação do professor | 40 min. | O professor deverá socializar com os alunos as pontuações e observações realizadas durante todo o processo de execução das atividades além de apresentar os resultados finais da avaliação de cada aluno. |

Como explorado em módulo anterior, entende-se que o processo avaliativo não deve e não pode resumir-se apenas ao momento de se atribuir em números as notas dos

alunos. Antes disso, entende-se que o processo avaliativo é muito mais amplo e importante para resumir-se em um momento solitário e pessoal do professor. Iniciando a reflexão sobre esse processo é interessante destacar as ideias de Passarelli (2012, p. 171):

A avaliação é um recurso metodológico que auxilia o professor a organizar seu trabalho, para reorientar-se quanto ao processo ensino-aprendizagem. Assumir o papel de educador – aquele que faz uso da avaliação para seus alunos aprenderem mais e melhor – é ter a avaliação como uma prática educativa, cuja exigência está calcada na reflexão sobre o processo educacional. O educador, num esforço de consciência reflexiva, se revê para interpretar sua ação e a realidade que vive e passa a pensar a avaliação do rendimento escolar não só direcionada ao aprendente, mas também ao ensinante, pois, na verdade, o processo avaliativo tem de estar a serviço do ensino de qualidade que promove a aprendizagem.

Observa-se, portanto, que a avaliação não se constitui, dessa forma, em um processo único e previsível, pelo contrário, assume a função permanente de verificar todos os procedimentos adotados para a obtenção de resultados satisfatórios, sendo assim, poderá e deverá ser previamente planejada, possibilitando a reorganização dos módulos elencados para a obtenção do conteúdo. Para todos, a avaliação faz-se necessária, isto é, professores, alunos, metodologia, porém com apenas um objetivo: fazer com que os alunos alcancem as metas pretendidas e desejadas no planejamento do conteúdo. Ela não pode ser única, pois quando se trata de seres humanos, toda uma gama de complexidades, afinidades e habilidades devem ser consideradas, sendo assim uma única forma de avaliação não seria suficiente para que o educador observasse os avanços e dificuldades dos indivíduos em questão, como observa Antunes (2009, p. 220): “não se pode restringir à aplicação pontual de testes e provas. Esses são apenas expedientes pontuais que vêm trazer mais dados acerca das atividades de ensino e aprendizagem de professores e alunos”.

Nesse sentido, a avaliação torna-se útil quando propicia ao jovem estudante diversos modos de demonstrar as habilidades adquiridas durante e no final do processo de aprendizagem. Ainda não pode ser única porque não deve restringir-se apenas aos estudantes. Todo o processo deve ser avaliado, desde a metodologia utilizada até o trabalho do professor, pois como reflete Cosson (2007, p. 111): “as várias atividades de avaliação são índices que permitem a análise do desempenho do aluno, mas também do professor e da escola”, ou seja, todos podem e devem refletir, questionar e avaliar esse

processo de ensino-aprendizagem: se a metodologia utilizada consegue atender as necessidades dos alunos e as especificidades do conteúdo em questão; se o professor participa, orienta, promove situações que reflitam em um aprendizado significativo e, ainda, se a escola está acompanhando todo esse processo, apoiando e acreditando no sucesso escolar de seus alunos.

Nessa proposição, retoma-se o ponto sobre previsibilidade. Não é possível que as avaliações escolares possam ser totalmente previsíveis e imutáveis. Elas precisam tornar-se instrumento para avaliar, antes de tudo, seres humanos que trazem para o ambiente escolar toda a sua história e vivências, sendo assim, os educadores precisam compreender que ao alimentar um processo que inibe e constrange seus alunos, torna-se ele também alguém que interfere de maneira negativa no desempenho de seus alunos.

A psicologia e suas ramificações compreendem que os indivíduos apresentam variadas formas de aprendizado, alguns aprendem apenas ouvindo, outros lendo, tantos outros lendo e ouvindo, etc., porém ao professor nunca foidito que a tarefa seria fácil. Cabe a ele explorar as possibilidades, procurando maneiras de ensinar, porém não se perdendo quanto às avaliações. Na medida em que os desafios são trazidos para os alunos, o desafio do professor em avaliar torna-se também maior, pois como destaca Antunes (2009, p. 219), “ensinar presume objetivos muito mais abrangentes, muito mais pretensiosos e abertos que avaliar”.

Nesse sentido, apesar de se levar em consideração as características e tempos de aprendizado de cada aluno, a avaliação também precisa apresentar critérios mais claros e delimitados. É importante destacar os PCN's (1997, p. 97):

Os critérios de avaliação devem ser compreendidos: por um lado, como aprendizagens indispensáveis ao final de um período; por outro, como referências que permitem – se comparados aos objetivos do ensino e ao conhecimento prévio com que o aluno iniciou a aprendizagem – a análise de seus avanços ao longo do processo, considerando que as manifestações desses avanços não são lineares, nem idênticas.

Diante disso, é preciso considerar que, ao final do processo, no caso da sequência didática em questão, os alunos devem obter conhecimentos acerca das características e especificidades do gênero reportagem, além de serem capazes de reconhecer tal gênero em seus diferentes modos de utilização e quando produzirem esse texto, adequá-los quanto aos objetivos, público e linguagem. Ademais, embora durante todo o processo de utilização da metodologia, o professor deva estar atento quanto aos

critérios estabelecidos, é necessário que as impressões, posicionamentos e eventuais notas atribuídas aos alunos sejam compartilhadas e justificadas. Desse modo, é possível que cada educando possa avaliar a sua participação e a dos outros colegas baseados em critérios comum a todos, mas que de todo modo adquirem algumas características particulares, valorizando a participação, a opinião e principalmente o desempenho e empenho de todos os participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leitura, escrita e letramento são questões que acompanham a vida cotidiana das escolas brasileiras. O cerne da questão encontra-se não na importância dessa tríade, pois essa questão já foi amplamente discutida e defendida por teóricos, professores, pais, comunidades escolar, acadêmica e científica, por diversos setores da sociedade que buscam, através do conhecimento, maiores chances de sucesso e aperfeiçoamento, não somente no espaço escolar, mas em todos os espaços de uma sociedade que se julga letrada.

Entretanto, a discussão sobre leitura, escrita e letramento não está encerrada – e nem é esta a proposta desta dissertação, pelo contrário, a sua pauta de discussões, debates, ideias e teorias tomam forma todos os dias nas instituições (acadêmicas) através de pesquisadores e estudiosos, entre os professores e em todas as esferas de ensino, nas escolas públicas e privadas de todo o país. Tal gama de discussões e debates gira em torno de uma questão básica que deriva em muitas outras: como formar cidadãos que leiam, escrevam e encontrem motivos para isso?

Ensinar pressupõe, em tese, alguém que “sabe” e alguém que “não sabe” algumas informações. Essa situação seria facilmente revertida na medida em que, quem sabe, ensina aquele que ainda não sabe, mas a realidade é muitas vezes controversa. Apesar de a proposição anterior atestar algo simples, a realidade brasileira mostra para todos os setores da sociedade que não se trata apenas disso. Ensinar a ler, escrever e apropriar-se de contextos e conteúdos requer dos participantes do processo uma atuação muito mais comprometida e esclarecida. Comprometer-se com tal tarefa significa responsabilizar-se por algo de grande valor e, no caso da educação, o significado é mais amplo, pois se refere a um grande número de pessoas que são afetadas, se esse acordo for cumprido ou não.

Assim, ser esclarecido é ter conhecimento, é ser informado de suas responsabilidades e de seus deveres. Diante disso, comprometimento significa estar disposto a fazer algo para mudar a sua realidade ou a realidade de outros, mas esse compromisso só é possível de ser concretizado quando se tem consciência do papel que se exerce nas situações de ensino e aprendizagem. Tais questões não seriam tão discutidas se se tratasse de algo fácil.

Durante a elaboração deste trabalho, e durante a pesquisa realizada, muitas questões puderam ser colocadas em análise. A incontestável importância da escrita e da

leitura no mundo atual não se deve a padrões ou orientações estabelecidas pelo mundo acadêmico, antes disso, a sua importância está muitas vezes aliada ao sucesso ou insucesso de indivíduos. A escrita foi criada para servir como um instrumento, talvez com um princípio desprezioso, mas que se revela como sendo o mais poderoso instrumento já inventado pela humanidade; só apodera-se desse instrumento quem consegue, de algum modo, dominá-lo.

Na sua inventividade, os homens talvez não imaginassem que a escrita assumisse tantas formas e significados através de gêneros textuais e orais, por exemplo, sendo estes criados e recriados todos os dias. Já a leitura, assume então o papel de intérprete, mediadora entre processo de escrita e processo de leitura, levada pela visão e razão do leitor. A leitura não é só guiada pela emoção ou prazer pessoal, apesar de talvez ser a melhor maneira de introduzi-la na vida das pessoas. Ela é um meio para o aprendizado e, dentro do universo escolar, é condição primordial para a obtenção de resultados satisfatórios dentro das metas estabelecidas no contexto da escola.

Durante muito tempo leitura e escrita foram as figuras principais no contexto escolar, porém graças a estudos e pesquisas, a valorização do letramento encontra-se hoje no centro dessas discussões, proporcionando entendimentos e elucidações a respeito das competências que devem ser adquiridas por estudantes. O indivíduo precisa adquirir a leitura, a escrita e, também, o letramento, que é a capacidade de compreender o mundo, as pessoas, as coisas, o presente, o passado e o futuro através das várias leituras disponíveis no mundo atual. Saber relacionar esses conhecimentos sobrepõe-se às questões mecânicas da escrita e da leitura. Tal letramento constitui-se em um alicerce firme de conhecimentos que podem ser acionados em todos os setores da vida, tendo em vista que alunos não ficarão para toda a vida dentro da escola. Esse alicerce, se bem construído, permite que os usos da leitura e da escrita transcendam os limites impostos pelos muros escolares, possibilitando os seus usos nas reais situações da sociedade.

Considerando as questões apresentadas, o presente trabalho apresentou uma proposta de sequência didática visando duas situações. Ao professor, variados esquemas de sequência didática são oferecidos, seja através de revistas, materiais pedagógicos ou internet. A sequência didática é apresentada pronta e acabada sem uma discussão teórica sobre os elementos os quais compõem cada módulo de aprendizado, dessa forma, não se oferece subsídios suficientes para a reflexão e compreensão acerca da dimensão que envolve cada atividade proposta. Tendo em vista a necessidade de compreensão do educador, o presente trabalho além de expor detalhadamente os passos da sequência

didática, preocupa-se em apresentar o aporte teórico que embasa cada uma das atividades elencadas, oportunizando ao professor a possibilidade de tornar-se não apenas um mero receptor de informações, mas um profissional possuidor de conhecimentos suficientes para ir além da utilização do material, refletindo sobre sua prática, pesquisando em outras fontes, transformando através da vivência cotidiana escolar este material em uma possível proposta-ação.

O segundo ponto visado pelo presente trabalho está voltado para o momento no qual o professor pode tornar-se um pesquisador, refletindo sobre suas ações, observando os resultados da aplicação da proposta de sequência aqui oferecida, avaliando sua prática, enquanto media e resolve questões problemáticas em sala de aula, transformando a sequência didática no ponto de encontro real entre a pesquisa e a ação. A reunião entre teorias advinda de pesquisas e uma prática ancorada na contínua observação e reflexão da prática docente, transforma o poder de ação do educador dentro do ambiente escolar, pois suas tomadas de decisão serão pautadas pela análise crítica do fazer pedagógico como um todo, contribuindo com a melhoria constante da sua prática docente.

Observa-se que a sequência didática oferece ao professor um modo de organizar e reorganizar o seu plano escolar, facilitando o seu trabalho, principalmente quando ele se depara com problemas difíceis na sala de aula e que não podem ser ignorados, já que contrariamente a isso, devem ser trabalhados, discutidos, analisados incansavelmente até que se tenha uma solução - a mais adequada possível.

A contribuição na leitura é recíproca, quem escreve precisa esforçar-se para primeiro aprender, compreender e, depois, através das palavras, reorganizar as informações, transformá-las em ideias, em pensamentos, organizando todos os pontos observados e considerados importantes através da escrita. Esta é uma tarefa nada fácil, porém enriquecedora, sobretudo na medida em que todo o processo vai sendo elaborado e construído. O êxito da tarefa se dá no momento em que o leitor processa e recebe o texto de modo a compreendê-lo e analisá-lo de acordo com as suas próprias convicções.

O presente trabalho teve como propósito promover a reflexão, o debate e as indagações, proporcionadas pela leitura do texto, mas com esse propósito existiu também a pretensão de contribuir e de participar na mudança da sociedade brasileira. Uma mudança que possibilitará aos estudantes não somente o acesso às escolas, mas dará a eles oportunidades para que dentro desses ambientes escolares, possam encontrar

momentos para aprender, para se divertirem, para vivenciarem experiências inovadoras, para experimentarem e principalmente para serem felizes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. *Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa: apropriações de professores*. Belo Horizonte: Autêntica: 2006.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. *Práticas de leituras para neoleitores*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

ANDRADE, Cândida Ferreira; LIMA, Daniel Freire de Barros; DINIZ, Lidiane Bezerra; SILVA, Luiz Fernando Menacho da; SOARES, Neemias Ricardo da Silva. A função da escola no contexto social. In: *Anais do Congresso Internacional de Formação Continuada e Profissionalização Docente*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ Gilles. *Língua Materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

BAJARD, Élie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do mundo escrito*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e práticas*. São Paulo: Editora FTD, 2012.

BEZERRA Maria Auxiliadora e REINALDO Maria Augusta. *Análise Linguística, afinal a que se refere?* São Paulo: Editora Cortez, 2013.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____; MACHADO, Veruska Ribeiro. *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. *Nós chegamos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

BUSNARDO, JoAnne; BRAGA Denise Bértoli. Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia. In: *Revista Ilha do Desterro*. Florianópolis: n° 38, jan/jun, 2000.

CALAZANS, Julieta. *Iniciação científica: construindo o pensamento crítico*. São Paulo: Cortez, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CITELLI, Adilson. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

_____. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática.* São Paulo: Cortez, 2004.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola.* São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum.* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática.* São Paulo: Editora Contexto, 2007.

DEHAENE, Stanilas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler.* Porto Alegre: Penso, 2012.

DEMO, Pedro. *Leitores para sempre.* Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais e ensino.* Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

DOLZ Joaquim, NOVERRAZ, Michèle; SCHNEWLY, Bernard. *Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.* Campinas: Mercado de Letras: 2004.

FRANCHI, Eglê. *E as crianças eram difíceis – a redação na escola.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler.* São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula.* São Paulo: Editora Ática, 2006.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela. Integração Conceptual, formação de conceitos e aprendizado. In: *Revista Brasileira de Educação.* v. 13, n. 44, maio/ago. 2010.(Universidade do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas)

HANNA, Paola Cristine Marchioro. Educação intercultural: limites e possibilidades no trabalho docente. In: *Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.* Curitiba: PUCPR, 2011.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita.* São Paulo: Editora Parábola, 2003.

JESUS, Eduardo. *Paisagens temporais: primeiras aproximações. Interações Midiáticas.* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras.* Porto Alegre: Editora Artmed, 1994.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo, 2012.

KAUARK, Fabiana e MUNIZ, Iana. *Motivação no ensino e na aprendizagem.* Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.* São Paulo: Ática, 2001.

_____. *O aprendizado da leitura.* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, Angela. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. In: *Signo.* Santa Cruz do Sul, v.32 n53. p 1-25, dez., 2007.

- _____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. São Paulo: Editora Pontes, 2010.
- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Editora Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- _____. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.
- KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- LEGRAND, RégineDelamotte. *A profissão de professor: relação com saberes, diálogo e colocação em palavras*. Linguagem e trabalho. SOUZA, Cecília de; FAÍTA, Daniel (orgs.). São Paulo: Cortez, 2003.
- LELLI, Eleandra A. *O jornalismo impresso como recurso para aulas de redação: A prática de produção de textos em sala de aula*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2012.
- LINS, Juarez Nogueira; BEZERRA, Rosilda Alves; NEGREIRO, Carlos Alberto de. *Linguagens e discussões culturais*. João Pessoa: Ed. dos Organizadores, 2006.
- LOZZA, Carmen. *Escritos sobre jornal e educação, olhares de longe e de perto*. São Paulo: Editora Global, 2009.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Da fala para a escrita - Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- MEC/SEF (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, MEC/SEF*.
- MOCELLIN, Renato. *História e cinema: educação para as mídias*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- MOURA, Maria Denilda; SIBALDO, Marcelo Amorim; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. *Novos desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, 2010.
- MOTA, Maria de Fátima Mourão; SANTOS, Marlene Rodrigues. Dificuldade de leitura e escrita. In: *Anais do Congresso Internacional de Formação Continuada e Profissionalização Docente*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.
- MOREIRA, Caroline Carlos Bezerra; MELLO, Janaína Carvalho de; SANTOS, Nadjanhara Miranda dos. O lúdico como desencadeador da aprendizagem: a leitura na

sala de aula. In: *Congresso Internacional de Formação Continuada e Profissionalização Docente*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Sequência didática interativa no processo de formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de. *Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise de discurso crítica*. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces o jogo do livro*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. São Paulo: Telos, 2012.

PEREIRA, Regina Celi M. *Prática de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L; MOTTA-ROTH (org.). *Gêneros textuais e prática discursiva: subsídios para o ensino da linguagem*. São Paulo: EDUSC, 2002. pp. 259-290.

PINTO, Julio e SERELLE Márcio. *Interações Midiáticas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

PONTES, Verônica Maria de Araújo. A narrativa, o leitor infantil e a sala de aula: a face oculta da leitura. In: *Congresso Internacional de Formação Continuada e Profissionalização Docente*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

RIOLFI, Cláudia et al. *Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula, praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SANTOS, Andrezza Santos dos. *Os gêneros textuais na sala de aula: A reportagem*. Fonte: www.fals.com.br/revela13/artigo4_revelaXI.pdf.

SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n.5, agosto de 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

SIMKA, Sérgio e JÚLIO Marcos. *A prática de produção de textos em sala de aula*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Português: uma proposta para o letramento. Manual do Professor*. São Paulo: Moderna, 1999.

SOBANSKI, Adriane de Quadros... [et al]. *Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções: metodologia, ensino médio*. Curitiba: Base Editorial, 2009.

SOUSA, Lucimara Guimarães Mendes de. O processo ensino-aprendizagem e suas diferentes concepções. In: *Carpe Diem/Revista Científica e Cultural da Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte*. Natal: Facex, v.4, n.4, jan/dez 2006.

SOUZA, Malu Zoega de. *Literatura juvenil em questão*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo de aprendizagem do trabalho no magistério. In: *Revista Educação e Sociedade*, ano XXI, nº 73, Dezembro/2000.

TEBEROSKY, Ana. *Psicopedagogia da linguagem escrita*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristine. *Movietakes: a magia do cinema na sala de aula*. Curitiba: Aymará, 2009.

VIEIRA, Giane Bezerra. Ressignificando os conceitos de ensinar e aprender na escola. In: *Anais do Congresso Internacional de Formação Continuada e Profissionalização Docente*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

VIEIRA, IútaLerche. *Escrita, pra que te quero?* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

XAVIER, Antônio Carlos. *Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos*. Recife: Editora Rêspel, 2010.

ZEN, Maria Isabel H. Dalla. *Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e sociocultural*. Porto Alegre: Editora Mediação: 2011.

WEBLIOGRAFIA

<http://www.pt.wikipedia.org>.

<http://www.google.com.br>

KLEIMAN, Angela. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Fonte: www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/bibliotecaprofessor/arquivos.

SILVA, Thiago Santos da. O gênero discursivo reportagem de revista: um estudo de suas características e análise de exemplares da Revista Istoé. Fonte: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/3845/2711.

SODRÉ, Muniz e FERRARI Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*.

Fonte: https://midiato.files.wordpress.com/2009/09/sodre_tecnicareportagem.doc.

ANEXOS

ANEXO 1

Produção Inicial

MODA



Disponível em: www.vitorian.com.br
Acesso em 02 jun. 2015.



Disponível em: www.vitorian.com.br
Acesso em 02 jun. 2015.

CINEMA



Disponível em: www.vitorian.com.br
Acesso em 02 jun. 2015.

PROPAGANDAS

"Isto é que é guaraná de fato!"

Contendo o verdadeiro guaraná de nossas selvas tropicais, o

Guaraná BRAHMA

é deliciosíssimo e muito mais refrescante!

Não há dúvida! É sempre um prazer saborear o verdadeiro Guaraná Brahma preparado à base do verdadeiro guaraná natural da Amazônia! Escurece a qualquer instante, o Guaraná Brahma é o melhor refrigerante! Beba... e dá a seu filho o gostoso Guaraná Brahma!

PRODUTO DA ULL-CELEBRADA BRAHMA

Disponível em: www.horadocoffeebreak.com.br
Acesso em 02 jun. 2015.

NOVO ASTRO NA CENA

O Aero Willys

O AUTOMÓVEL QUE TODO O MUNDO APLAUDE

Agora V.S. pode girar o automóvel que tem encantado o grande automobilista com sua bela estrofinhada e acabamento sem igual. É o Aero-Willys... Desenhado sobre princípios comprovados da aeronáutica, de construção à maneira das aviãos de passageiros a que elintea o peso desnecessário, pouca manutenção e resulta em maior facilidade e segurança. O Aero-Willys tem ainda posturas dadas o tamanho do seu motor de que qualquer motor automóvel Americano de dimensões correspondentes funciona com facilidade e silêncio inusitados, e proporciona um kilometragem quasi fantástico no consumo de gasolina.

WILLYS OVERLAND EXPORT CORPORATION, Toledo 1, Ohio U.S.A.

Fuente: Fundação Seligson de Pesquisa Etnográfica, Março de 1962

Disponível em: www.ruralwillys.com
Acesso em 02 jun. 2015.

POLÍTICA



Disponível em: cersconcert3b.blogspot.com
Acesso em 02 jun. 2015.

COMPORTAMENTO



Disponível em: revistaculturacidania.blogspot.com
 Acesso em 02 jun. 2015.

LINGUAGEM



Disponível em: www.imaginarium.com.br
 Acesso em 02 jun. 2015.

ANEXO 2

Produção Inicial

| Música Como nossos pais – Elis Regina. Compositor: Belchior Disponível em: http://www.vagalume.com.br/elis-regina/como-nossos-pais.html#ixzz3bu7EaoLw Acesso em 02 jun. 2015. | | |
|---|---|---|
| <p><i>Não quero lhe falar, Meu grande amor, Das coisas que aprendi Nos discos...</i></p> <p><i>Quero lhe contar como eu vivi É tudo o que aconteceu comigo Viver é melhor que sonhar Eu sei que o amor É uma coisa boa Mas também sei Que qualquer canto É menor do que a vida De qualquer pessoa...</i></p> <p><i>Por isso cuidado meu bem Há perigo na esquina Eles venceram e o sinal Está fechado prá nós Que somos jovens...</i></p> <p><i>Para abraçar seu irmão E beijar sua menina na rua É que se fez o seu braço, O seu lábio e a sua voz...</i></p> <p><i>Você me pergunta Pela minha paixão Digo que estou encantada Como uma nova invenção Eu vou ficar nesta cidade Não vou voltar pro sertão Pois vejo vir vindo no vento Cheiro de nova estação Eu sei de tudo na ferida viva Do meu coração...</i></p> | <p><i>Já faz tempo Eu vi você na rua Cabelo ao vento Gente jovem reunida Na parede da memória Essa lembrança É o quadro que dói mais...</i></p> <p><i>Minha dor é perceber Que apesar de termos Feito tudo o que fizemos Ainda somos os mesmos E vivemos Ainda somos os mesmos E vivemos Como os nossos pais...</i></p> <p><i>Nossos ídolos Ainda são os mesmos E as aparências Não enganam não Você diz que depois deles Não apareceu mais ninguém Você pode até dizer Que eu tô por fora Ou então Que eu tô inventando...</i></p> | <p><i>Mas é você Que ama o passado É que não vê É você Que ama o passado E que não vê Que o novo sempre vem...</i></p> <p><i>Hoje eu sei Que quem me deu a idéia De uma nova consciência E juventude Tá em casa Guardado por Deus Contando vil metal...</i></p> <p><i>Minha dor é perceber Que apesar de termos Feito tudo, tudo, Tudo o que fizemos Nós ainda somos Os mesmos e vivemos Ainda somos Os mesmos e vivemos Ainda somos Os mesmos e vivemos Como os nossos pais...</i></p> |

ANEXO 3

Produção Inicial

Sinopse do filme Hairspray

É um filme norte-americano de 2007, dirigido por Adam Shankman, baseado no musical da Broadway de mesmo nome de 2002, que por sua vez foi baseado no filme de 1988, do cineasta independente John Waters e de uma peça teatral de sucesso na Broadway, ambos com o mesmo nome.



Disponível em: <http://www.richardcrouse.ca>
Acesso em 03 fev. 2015.

Em 1962, o sonho de todos os adolescentes da época, em Baltimore, era aparecer no *The Corny Collins Show*, um famoso programa de dança da televisão. Tracy Turnblad é uma jovem que adora dançar e ela impressiona os juizes do programa e acaba ganhando um espaço na atração. O seu sucesso acaba ameaçando a hegemonia de AmbervonTussle, e a disputa entre elas torna-se mais acirrada quando as duas jovens se interessam pelo mesmo rapaz, Link Lark. Ao mesmo tempo em que Tracy e Amber disputam o título de Miss Hairspray, o contexto histórico-espacial toma parte do protagonismo no filme, na medida em que é promovida a integração racial por oposição à separação que se verificava até a época.

Elenco

Nikki Blonsky como Tracy Turnblad
John Travolta como Edna Turnblad
Michelle Pfeiffer como Velma von Tussle
Christopher Walken como Wilbur Turnblad
Queen Latifah como Motormouth Maybelle
James Marsden como Corny Collins
Zac Efron como Link Lark
Amanda Bynes como Penny Pingleton
Brittany Snow como Amber von Tussle
Elijah Kelley como Seaweed Stubbs
Allison Janney como Prudy Pingleton
Paul Dooley como Mr. Spritzer
Jerry Stiller como Mr. Pink

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hairspray_%28filme_de_2007%29
Acesso em 02 jun. 2015

ANEXO 4

Produção Inicial

PeR

UMA BRASA, PORRA

Como era uma balada nos anos 60?

TEXTO: Katia Abreu
EDIÇÃO: Marcel Nadal
ILUSTRAÇÃO: Eber Evangelista e Jhonata Alves
DESIGN: Rafael Mouth

De certa forma, parecida com as atuais; um lugar para curtir, conhecer gente e ouvir música. Mas o ambiente era bem diferente. O rock, que havia estourado nos anos 50, era o principal gênero de música jovem. No Brasil, a maior influência no som e no comportamento eram programas como *Jovem Guarda* e *Brotos*, que lançaram artistas como Roberto Carlos e Ronnie Von. Mesmo diante da difícil realidade da Ditadura Militar, eles ensinavam por que (e como!) valia a pena se divertir.

1 Na próxima edição, saiba como era uma balada nos anos 70!

NA CAÇA DOS BROTINHOS

Não adiantava roupa dos Beatles ou uma cuba libre na mão: beijo só rolava depois de muito namoro

A MOLECADA DANÇOU

Nas baladas, só **maiores de 18** podiam entrar. Não que isso exigisse muito controle: os mais novos nem as consideravam uma opção de diversão. Para eles, as festas eram na casa dos amigos, na escola ou no clube, devidamente supervisionadas e encerradas antes da meia-noite

DROGAS? TÔ FORA (LITERALMENTE)

Assim como hoje em dia, drogas eram ilegais. Poucos baladeiros se arriscavam. Um ou outro mais "moderninho" fumava **maconha**, mas sempre do lado de fora. Nos EUA, a erva ganhava espaço com o movimento hippie e dava o pontapé inicial na psicodelia

NEM UMA CASQUINHA

Nada da pegação fácil de hoje em dia! Os casais, geralmente apresentados por amigos em comum, passavam semanas apenas conversando. Só depois rolavam mãos dadas e, talvez, um beijinho. O máximo de contato, em público, era **dancçar mais juntinho**

52 | MÚSICA | 10 de maio de 2013



DOCINHO, MAS FORTE

Os drinks da época eram a **Cuba Libre** (com a Coca-Cola) e o Pi-Fi (cachaça com refrigerante de laranja). Tinham tudo a ver com a transição do público: misturavam algo adulto (a bebida alcoólica, geralmente duas doses) a algo infantil (o refri, servido até completar o copo)

CUBA LIBRE

Coca-Cola
até completar

2 doses
de bebida



O AVÔ DO DJ

A pista era animada por cravadas ao vivo ou uma vitrola. A figura do DJ ainda não existia, mas, em alguns lugares do país, um **discotecário** "inventou" cada vez do zero. Como curador de música, ele tinha que tocar os discos rapidamente para não perturbar o baile.

Os discos eram de vinil. A troca exigia habilidade, já que era preciso colocar a agulha da vitrola no ponto exato

A MODA DOS MODERNOS

Os meninos usavam o terno todo. Escapava de tudo o que rondava no corte "tailor" nos **terninhos**. Calças de bocas largas e sapatos despojados também faziam parte. Para as garotas, quem estava na moda era o modelo Twiggy, com suas pernas bem marcadas nos olhos. Famosas de fora (em missas ou concursos locais) ganhavam os

TOP 5 DAS PISTAS

O que bombava na época

- "Twist and Shout", Beatles
- "Datemi un Martello", Rita Pavone
- "Festa de Arromba", Roberto Carlos e Erasmo Carlos
- "Rua Augusta", Ronnie Cord
- "Nem Vem que Não Tem", Wilson Simonal

FONTES: Livro *Um Anjo e um Sapo* de Luiz Carlos de Albuquerque e Paulo Fraga Filho; *Dois Dó de Sentidos* de Cláudia Cassol; *Amor, Rockabilly e o Primeiro Bêbado*; *Cultura de Rua* de Roberto de Aguiar; *Um Quêdo*, de Paulo Sérgio de Castro; *A Jovem Guarda: Um Movimento* de Marcelo Pires; *Amor e a Música Popular Brasileira* de Compêndio de *Chumbo*; *Entre o Espetáculo e o Deslocado*, de Leonardo de Lima; *Brasil: Uma História* de Wikipedia; *Brasil: Uma História* de Wikipedia; *CONSULTORIA:* *Revista Manchete*, antropóloga da UFPA e quem inspirou a ideia Lilian & Camo

ANEXO 5

Módulo I

| | |
|---|--|
| <p>Música</p> <p>“Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles E Os Rolling Stones” – Os Incríveis</p> <p>Compositor: Migliacci / Lusini</p> <p>Disponível em: http://www.vagalume.com.br/os-incriveis/era-um-garoto-que-come-eu-amava-os-beatles-e-os-rolling-stones.html</p> <p>Acesso em 02 jun 2015.</p> | |
| <p><i>Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones</i></p> <p><i>Girava o mundo sempre a cantar as coisas lindas da América</i></p> <p><i>Não era belo, mas mesmo assim havia mil garotas a fim</i></p> <p><i>Cantava Help and Ticket to ride, oh! Lady Jane and</i></p> <p><i>Yesterday</i></p> <p><i>Cantava viva à liberdade, mas uma carta sem esperar</i></p> <p><i>Da sua guitarra o separou, fora chamado na América</i></p> <p><i>Stop! Com Rolling Stones, stop! com Beatles songs</i></p> <p><i>Mandado foi ao Vietnã, lutar com os vietcongs.</i></p> <p><i>Ra-tá-tá-tá...</i></p> | <p><i>Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones</i></p> <p><i>Girava o mundo mas acabou, fazendo a guerra do Vietnã</i></p> <p><i>Cabelos longos não usa mais, não toca a sua guitarra e</i></p> <p><i>Sim</i></p> <p><i>Um instrumento que sempre dá a mesma nota ra-tá-tá-tá</i></p> <p><i>Não tem amigos, não vê garotas, só gente morta caindo ao chão</i></p> <p><i>Ao seu país não voltará, pois está morto no Vietnã.</i></p> <p><i>Stop! Com Rolling Stones, stop! com Beatles songs</i></p> <p><i>No peito um coração não há, mas duas medalhas sim.</i></p> <p><i>Tatá-ratatá...</i></p> <p><i>Ra-tá-tá-tátá-tá</i></p> |

| Música Tropicália – Caetano Veloso Compositor: Caetano Veloso Disponível em: http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/tropicalia.html Acesso em 02 jun. 2015 | | |
|--|--|--|
| <p><i>Sobre a cabeça os aviões</i> <i>Sob os meus pés, os caminhões</i> <i>Aponta contra os chapadões,</i> <i>meu nariz</i></p> <p><i>Eu organizo o movimento</i> <i>Eu oriento o carnaval</i> <i>Eu inauguro o monumento</i> <i>No planalto central do país</i></p> <p><i>Viva a bossa, sa, sa</i></p> <p><i>Viva a palhoça, ça, ça, ça, ça</i></p> <p><i>O monumento é de papel crepom</i> <i>e prata</i> <i>Os olhos verdes da mulata</i> <i>A cabeleira esconde atrás da</i> <i>verde mata</i> <i>O luar do sertão</i></p> <p><i>O monumento não tem porta</i> <i>A entrada é uma rua antiga,</i> <i>Estreita e torta</i> <i>E no joelho uma criança</i> <i>sorridente,</i> <i>Feia e morta,</i> <i>Estende a mão</i></p> | <p><i>Viva a mata, ta, ta</i></p> <p><i>Viva a mulata, ta, ta, ta, ta</i></p> <p><i>No pátio interno há uma piscina</i> <i>Com água azul de Amaralina</i> <i>Coqueiro, brisa e fala</i> <i>nordestina</i></p> <p><i>E faróis</i> <i>Na mão direita tem uma roseira</i> <i>Autenticando eterna primavera</i> <i>E no jardim os urubus passeiam</i> <i>A tarde inteira entre os girassóis</i></p> <p><i>Viva Maria, ia, ia</i> <i>Viva a Bahia, ia, ia, ia, ia</i></p> <p><i>No pulso esquerdo o bang-bang</i> <i>Em suas veias corre muito pouco</i> <i>sangue</i> <i>Mas seu coração</i> <i>Balança a um samba de</i> <i>tamborim</i></p> | <p><i>Emite acordes dissonantes</i> <i>Pelos cinco mil alto-falantes</i> <i>Senhoras e senhores</i> <i>Ele põe os olhos grandes sobre</i> <i>mim</i></p> <p><i>Viva Iracema, ma, ma</i> <i>Viva Ipanema, ma, ma, ma, ma</i></p> <p><i>Domingo é o fino-da-bossa</i> <i>Segunda-feira está na fossa</i> <i>Terça-feira vai à roça</i></p> <p><i>Porém, o monumento</i> <i>É bem moderno</i> <i>Não disse nada do modelo</i> <i>Do meu terno</i> <i>Que tudo mais vá pro inferno,</i> <i>meu bem</i> <i>Que tudo mais vá pro inferno,</i> <i>meu bem</i></p> <p><i>Viva a banda, da, da</i> <i>Carmen Miranda, da, da, da da,</i> <i>da dada</i></p> |

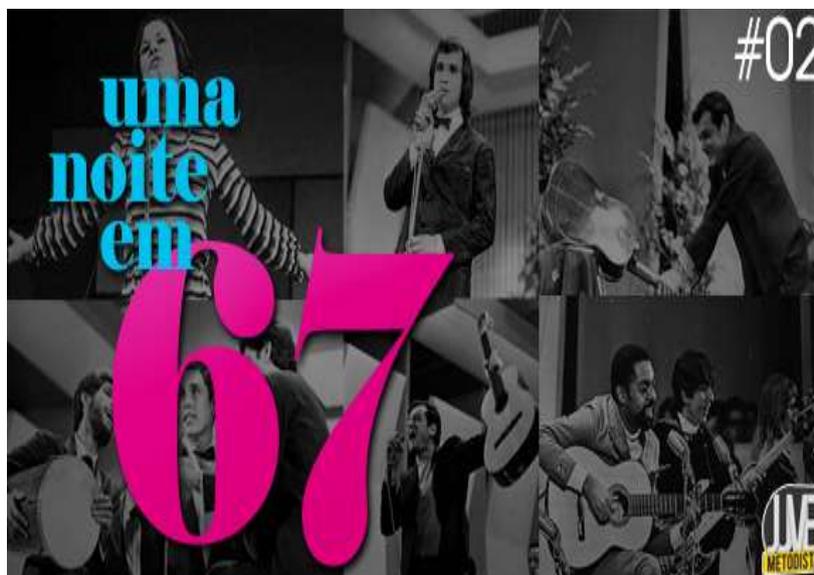
| Música Sugar, sugar – The Archies Disponível em: http://www.vagalume.com.br/the-archies/sugar-sugar-traducao.html Acesso em 02 fev. 2015 | | Música (Tradução) Sugar, sugar –(Docinho, docinho)TheArchies Disponível em: http://letras.mus.br/the-archies/875901/traducao.html Acesso em 02 fev. 2015 | |
|--|---|---|---|
| <i>Sugar, ah, honey, honey You are my candy girl And you've got me wanting you Honey, ah, sugar, sugar You are my candy girl And you've got me wanting you I just can't believe the loveliness of loving you (I just can't believe it's true) I just can't believe the one to love this feeling to (I just can't believe it's true) Ah, sugar, ah, honey, honey You are my candy girl And you've got me wanting you Honey, ah, sugar, sugar You are my candy girl And you've got me wanting you When I kissed you, girl, I knew how sweet a kiss could be (I know how sweet a kiss can be) Like the summer sunshine pour your sweetness over me (Pour your sweetness over me)</i> | <i>Sugar, pour a little sugar on it, honey Pour a little sugar on it, baby I'm gonna make your life so sweet, yeah yeahyeah! Pour a little sugar on it oh, yeah! Pour a little sugar on it, honey Pour a little sugar on it, baby I'm gonna make your life so sweet, yeah yeahyeah! Pour a little sugar on it, honey! Sugar, ah, honey, honey You are my candy girl And you've got me wanting you Honey, ah, sugar sugar You are my candy girl And you've got me wanting you Sugar, ah, honey, honey You are my candy girl And you've got me wanting you Honey, ah, sugar sugar You are my candy girl And you've got me wanting you</i> | <i>Docinho, Oh querida, querida. Você é meu docinho de coco, E me deixa te desejando. Querida, Oh doçura, doçura. Você é meu docinho de coco, E me deixa te desejando. Eu não acredito no encanto de amar você (Eu não acredito que é verdade) Eu não acredito na maravilha deste sentimento (Eu não acredito que é verdade) Docinho, Oh querida, querida. Você é meu docinho de coco, E me deixa te desejando. Oh, querida, Oh docinho, docinho. Você é meu docinho de coco, E me deixa te desejando. Quando eu beijei você, garota soube o que um beijo poderia ser (Eu soube o que um beijo poderia ser) Como o sol de verão derramando sua doçura sobre mim (Coloque sua doçura sobre mim)</i> | <i>Oh docinho! (Ponha um pouco de açúcar sobre ela, docura) Ponha um pouco de açúcar nela, oh baby Eu farei sua vida tão doce, yeah, yeah, yeah Ponha um pouco de açúcar nela, oh yeah Ponha um pouco de açúcar nela, Doçura Ponha um pouco de açúcar nela, querida Eu vou fazer sua vida tão doce, yeah, yeah, yeah Despeje um pouco de açúcar sobre ela, Doçura Docinho, Oh querida, querida. Você é meu docinho de coco, E me deixa te desejando. Queirda, Oh docinho, docinho. Você é meu docinho de coco, E me deixa te desejando.</i> |

| Música “I want to hold your hand” – The Beatles Compositores: John Lennon / Paul McCartney Disponível em: http://www.vagalume.com.br/the-beatles/i-want-to-hold-your-hand.html Acesso em 02 jun. 2015 | | Música (Tradução) “I wanttoholdyourhand” (Eu quero segurar a sua mão) – The Beatles Compositores: John Lennon / Paul McCartney Disponível em: http://musica.com.br/artistas/the-beatles/m/i-want-to-hold-your- Acesso em 02 jun. 2015 | |
|--|---|--|---|
| <i>Oh yeah, I'll tell you something I think you'll understand When I say that something I wanna hold your hand</i> | <i>Yeah, you got that something I think you'll understand When I say that something I wanna hold your hand</i> | <i>É, eu vou lhe dizer uma coisa, Acho que você vai entender Quando eu disser aquelas coisas Eu quero segurar sua mão</i> | <i>Você tem aquela coisa especial, Acho que você vai entender. Quando eu disser aquelas coisas Eu quero segurar a sua mão,</i> |
| <i>I wanna hold your hand I wanna hold your hand</i> | <i>I wanna hold your hand I wanna hold your hand</i> | <i>Eu quero segurar sua mão Eu quero segurar sua mão</i> | <i>Eu quero segurar a sua mão, Eu quero segurar a sua mão.</i> |
| <i>Oh, please! Say to me You'll let me be your man And, please! Say to me You'll let me hold your hand</i> | <i>And when I touch you I feel happy inside It's such a feeling that my love I can't hide, I can't hide, I can't hide</i> | <i>Por favor, me diga Que você me deixará ser o seu homem, E por favor, me diga Que você me deixará segurar a sua mão</i> | <i>E quando eu te toco me sinto feliz por dentro É um sentimento tão forte que, meu amor. Eu não consigo esconder, Eu não consigo esconder.</i> |
| <i>Now let me hold your hand I wanna hold your hand</i> | <i>Yeah, you got that something I think you'll understand When I feel that something I wanna hold your hand</i> | <i>Agora, deixe-me segurar sua mão Eu quero segurar sua mão</i> | <i>Você tem aquela coisa especial, Acho que você vai entender. Quando sinto aquela coisa Eu quero segurar a sua mão,</i> |
| <i>And when I touch you I feel happy inside It's such a feeling that my love I can't hide, I can't hide, I can't hide</i> | <i>I wanna hold your hand I wanna hold your hand I wanna hold your hand</i> | <i>E quando eu te toco me sinto feliz por dentro É um sentimento tão forte que, meu amor. Eu não consigo esconder, Eu não consigo esconder.</i> | <i>Eu quero segurar a sua mão, Eu quero segurar a sua mão.</i> |

ANEXO 6

Módulo I

Sinopse sobre o Documentário “Uma noite em 67”



Disponível em: <http://juvemetodista.com.br>
 Acesso em 10 fev. 2015

Final do III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, 21 de outubro de 1967. Entre os candidatos aos principais prêmios figuravam Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Mutantes, Roberto Carlos, Edu Lobo e Sérgio Ricardo, protagonista da célebre quebra da viola no palco. Com imagens de arquivo e apresentações de músicas hoje clássicas, o filme registra o momento do tropicalismo, os rachas artísticos e políticos na época da ditadura e a consagração de nomes que se tornaram ídolos.

- Lançamento: 30 de julho de 2010 (1h 25m);
- Dirigido por: Ricardo Calil, Renato Terra;
- Com: Roberto Carlos, Gilberto Gil, Nelson Motta, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Edu Lobo, Arnaldo Baptista, Sérgio Cabral, Rita Lee;
- Distribuidor: VideoFilmes.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-187074/>
 Acesso em 02 jun. 2015

ANEXO 7

Módulo II

Exemplares variados de revistas



Disponível em:
www.iba.com.br
 Acesso em 02 jun. 2015



Disponível em:
www.revistaautoesporte.globo.com
 Acesso em 02 jun. 2015



Disponível em:
www.zuo.com.br
 Acesso em 02 jun. 2015



Disponível em:
www.dmarquezi.blogspot.com
 Acesso em 02 jun. 2015

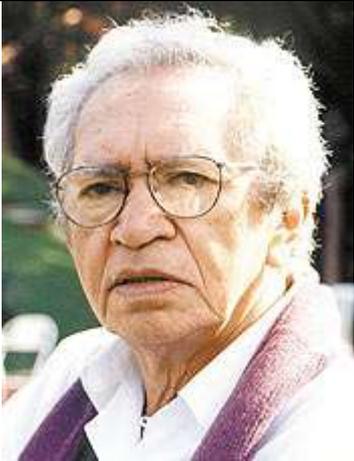


Disponível em:
www.blogsetecandeeiroscaja.blogspot.com
 Acesso em 02 jun. 2015

ANEXO 8

Módulo II

| | |
|---|---|
| <p>Ferreira Gullar</p> | <p><i>Dois e Dois são Quatro</i></p> |
|  <p>Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar Acesso em 04 jun. 2015</p> | <p><i>Como dois e dois são quatro Sei que a vida vale a pena Embora o pão seja caro E a liberdade pequena Como teus olhos são claros E a tua pele, morena como é azul o oceano E a lagoa, serena</i></p> <p><i>Como um tempo de alegria Por trás do terror me acena E a noite carrega o dia No seu colo de açucena</i></p> <p><i>- sei que dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena mesmo que o pão seja caro e a liberdade pequena.</i></p> <p>Disponível em: http://pensador.uol.com.br/poesias_ferreira_gullar/ Acesso em 04 jun. 2015</p> |
| <p>Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira (São Luís, 10 de setembro de 1930) é um poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro e um dos fundadores do neoconcretismo. Foi o postulante da cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Ivan Junqueira, da qual tomou posse em 5 de dezembro de 2014.</p> <p>Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar Acesso em 04 jun. 2015</p> | |

| | |
|--|--|
| <p>Thiago de Mello</p> | |
|  <p>Disponível em: http://www.horacioalmeida.com.br/2011/05/27/os-estatutos-do-homem-thiago-de-mello/ Acesso em 04 jun. 2015</p> | <p><i>Fio de vida</i></p> <p><i>Já fiz mais do que podia Nem sei como foi que fiz. Muita vez nem quis a vida a vida foi quem me quis.</i></p> <p><i>Para me ter como servo? Para acender um tição na frágua da indiferença? Para abrir um coração</i></p> <p><i>no fosso da inteligência? Não sei, nunca vou saber. Sei que de tanto me ter, acabei amando a vida.</i></p> <p><i>Vida que anda por um fio, diz quem sabe. Pode andar, contanto (vida é milagre) que bem cumprido o meu fio.</i></p> |
| <p>Amadeu Thiago de Mello (Barreirinha, 30 de março de 1926) é um poeta e tradutor brasileiro. Tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Em homenagem aos seus 80 anos, em 2006, foi lançado pela Karmim, o CD comemorativo A Criação do Munco, contendo poemas que o autor produziu nos últimos 55 anos, declamados por ele próprio e musicados por seu irmão Gaudêncio.</p> <p>Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Thiago_de_Mello Acesso em 04 jun. 2015</p> | <p>Disponível em: http://www.releituras.com/tmello_fio.asp Acesso em 04 jun. 2015</p> |

Décio Pignatari



Disponível em: <http://nossabrazilidade.com.br/a-linguagem-poetica-decio-pignatari/>
Acesso em 04 jun. 2015

Décio Pignatari (Jundiaí, 20 de agosto de 1927), foi um publicitário, poeta, ator, ensaísta, professor e tradutor brasileiro. Desde os anos 50, realizava experiências com a linguagem poética, incorporando recursos visuais e a fragmentação das palavras. Tais aventuras culminaram no Concretismo, movimento estético que fundou junto com Augusto e Haroldo de Campos.

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9cio_Pignatari
Acesso em 04 jun. 2015



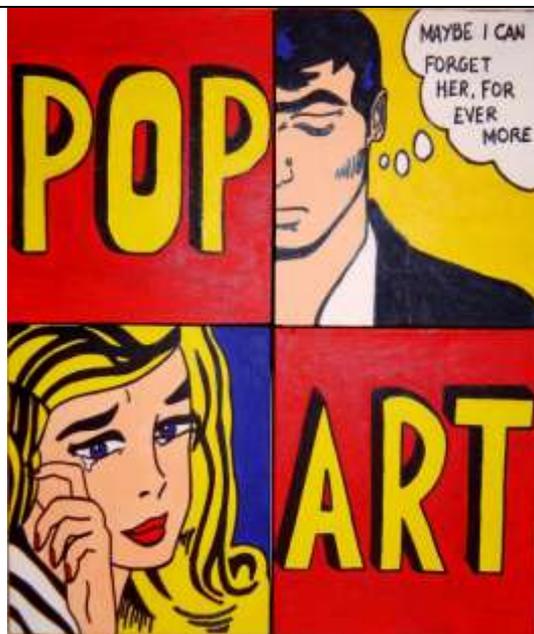
Disponível em:
<http://educacao.globo.com> Acesso em 10 fev. 2015

| | |
|--|--|
| Paulo Leminski | |
|  <p>Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Leminski Acesso em 04 jun. 2015</p> | <p>AMOR</p> <p><i>Amor, então, também, acaba? Não, que eu saiba. O que eu sei é que se transforma numa matéria-prima que a vida se encarrega de transformar em raiva. Ou em rima.</i></p> <p>Disponível em:http://pensador.uol.com.br/poemas_paulo_leminski/ Acesso em 10 fev. 2015</p> |
| <p>Paulo Leminski Filho (Curitiba, 24 de agosto de 1944), foi um escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor brasileiro. É dono de uma extensa e relevante obra e a música sempre esteve ligada as suas obras, além disso foi um estudioso da língua e cultura japonesas, publicando em 1983 uma biografia de Bashô.</p> <p>Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Leminski Acesso em 04 jun. 2015</p> | |

ANEXO 9

Módulo III

POP ART



Disponível em: <http://www.nceerd.com>
Acesso em 10 fev. 2015



Disponível em: <http://culturaempeso.com.br>
Acesso em 10 fev. 2015

Pop art ou Arte pop é um movimento artístico surgido na década de 50 na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade na década de 60 em Nova York. O nome desta escola estético-artística coube ao crítico britânico Lawrence Alloway (1926 - 1990). A Pop art propunha que se admitisse a crise da arte que assolava o século XX, desta maneira pretendia demonstrar com suas obras a massificação da cultura popular capitalista. Procurava a estética das massas, tentando achar a definição do que seria a cultura pop, aproximando-se do que se costuma chamar kitsch. Diz-se que a Pop art é o marco de passagem da modernidade para a pós-modernidade na cultura ocidental. Com o objetivo de criticar o bombardeamento da sociedade capitalista pelos objetos de consumo da época, ela operava com signos estéticos de cores inusitadas massificados pela publicidade e pelo consumo, usando como materiais principais: gesso, tinta acrílica, poliéster, látex, produtos com cores intensas, fluorescentes, brilhantes e vibrantes, reproduzindo objetos do cotidiano em tamanho consideravelmente grande.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pop_art
Acesso em 10 fev. 2015

Andy Warhol

Andy Warhol, nascido AndrejVarhola, Jr. (Pittsburgh, 6 de agosto de 1928), foi um empresário, pintor e cineasta norte-americano bem como uma figura maior do movimento de pop art.

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Andy_Warhol
Acesso em 04 jun. 2015



Disponível em:
<http://www.arthistoryarchive.com>
Acesso em 17 fev. 2015.

Roy Lichtenstein

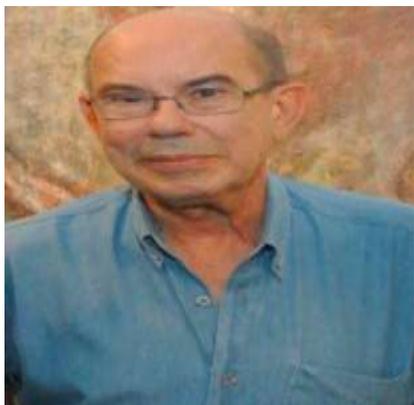
Disponível em: <http://www.pinturasemtela.com.br>
Acesso em 04 jun. 2015

Roy Fox Lichtenstein (Nova Iorque, 27 de outubro de 1923) foi um pintor estado-unidense identificado com a pop art. Na sua obra, procurou valorizar os clichês das histórias em quadrinhos como forma de arte, colocando-se dentro de um movimento que tentou criticar a cultura de massa.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Roy_Lichtenstein
Acesso em 04 jun. 2015



Disponível em: <http://www.wdsgn.com>
Acesso em 17 fev. 2015.

Antônio Dias

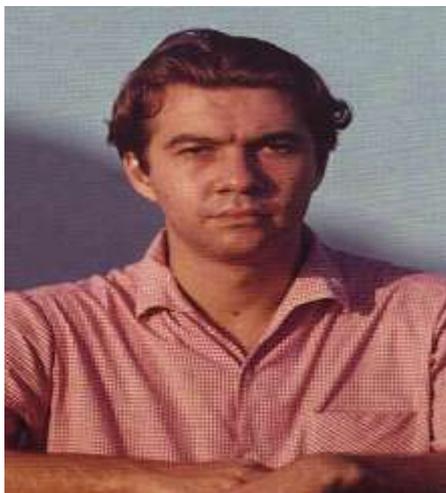
Disponível em: <http://www.lulacerda.ig.com.br>
Acesso em 04 jun. 2015

Antônio Manuel Lima Dias (Campina Grande, PB, 1944). Artista multimídia. Possui uma série de trabalhos que têm como suporte o papel artesanal, o qual se integra às obras pela textura e mistura de pigmentos que contém.

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Roy_Lichtenstein
Acesso em 04 jun. 2015



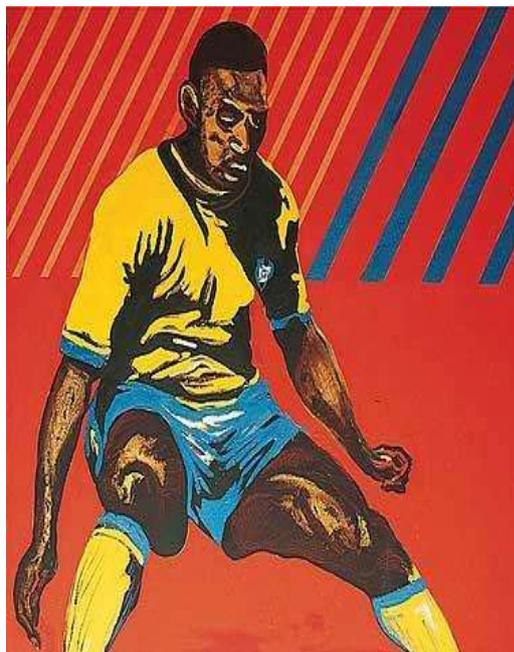
Disponível em: <http://taislc.blogspot.com>
Acesso em 17 fev. 2015.

Rubens Gerchman

Disponível em: <http://www.pinturabrasileira.com>
Acesso em 04 jun. 2015

Rubens Gerchman (Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1942) foi um artista plástico brasileiro ligado a tendências vanguardistas como a pop art e influenciado pela arte concreta e neoconcreta. O artista usou ícones de futebol, televisão e política em suas obras.

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Rubens_Gerchman
Acesso em 04 jun. 2015



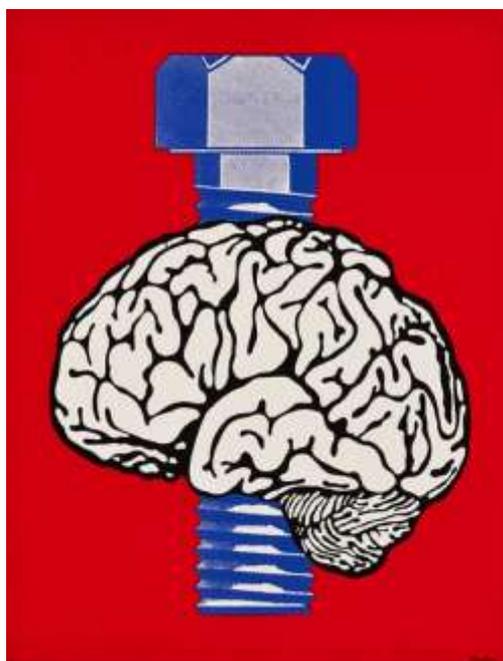
Disponível em: <http://www.dominewpublico.com.br>
Acesso em 17 fev. 2015.

Cláudio Tozzi

Disponível em: <http://www.bolsadearte.com>
Acesso em 04 jun. 2015

Cláudio Tozzi é pintor, desenhista e programador visual brasileiro. Realizou estudos com a cor, pigmento e luz. Temas urbanos e conflitos sociais são predominantes em sua obra e constituem o seu universo visual.

Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Claudio_Tozzi
Acesso em 04 jun. 2015



Disponível em: <http://www.conexaocultural.org>
Acesso em 17 fev. 2015.